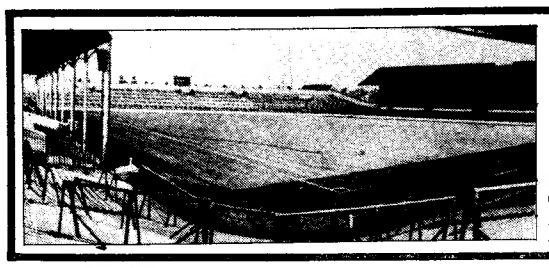
PORTUGAL, DE MONÇÃO AO CORVO

«Não faz sentido recriar a propósito — ou a pretexto — das regiões autónomas o imaginário da antiga Metrópole colonial, nem transformar as autonomias regionais, a dez ou doze anos de distância, em bodes expiatórios da descolonização africana».

Ler: «Crónica sem notícias dentro», de Mário Mesquita na pág.3



É possível que alguns jogos não se realizem no fim-de-semana

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA SEM DINHEIRO PARA POLICIAR ESTÁDIOS

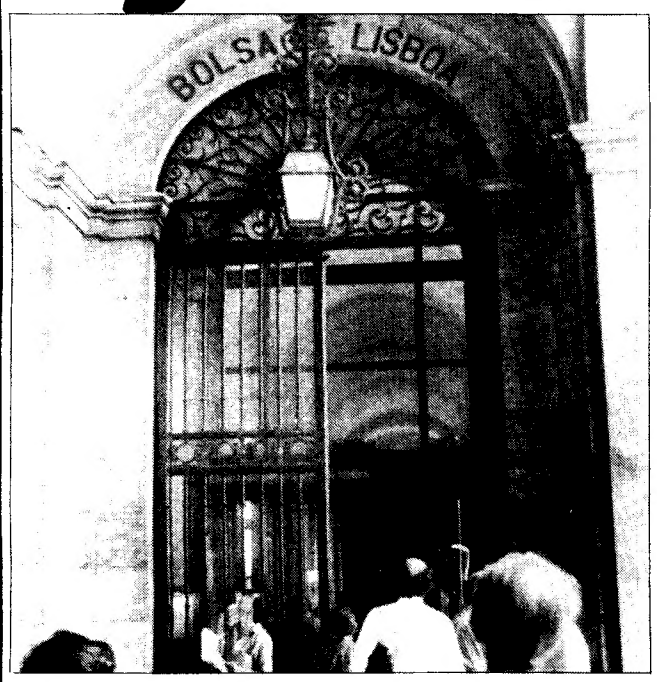
O alargamento da I divisão do Nacional já deu os seus resultados, aliás previsíveis: esgotaram-se as verbas para policiamento e a alguns jogos poderão mesmo não se realizar já no fim-de-semana Pág.24

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 513 Quinta-feira, 12 de Novembro de 1987 Preço 45$00

BOLSA DE LISBOA ENTROU EM "ALTA"

"JÁ HÁ MERCADO!"



— disse Álvaro Dâmaso ao «DL»

«Já há mercado!», disse ao «DL» o presidente da Bolsa de Valores de Lisboa, Álvaro Dâmaso, visivelmente satisfeito quando, esta manhã, no primeiro dia de liberalização completa da variação de cotação, o mercado - repleto de uma assistência expectante -registou sinais de retoma com subidas significativas em grande número dos títulos cotados. A alteração hoje verificada ficou a dever–se à esperada intervenção dos investidores institucionais - bancos, seguradoras e fundos de investimento mobiliário -, cuja ausência ainda ontem se fizera sentir com a maioria dos valores a cair próximo do valor limite de vinte por cento. Em declarações ao «DL», o presidente da Bolsa de Valores de Lisboa afirmou estar convencido que «o mercado já estabilizou», depois desta acção directa das instituições financeiras, aliás confirmada por Álvaro Dâmaso.

Continua na pág. 32

Porto não acompanhou a tendência e abriu instável

«Tango nuevo» impôs-se sem dificuldades

PIAZZOLA: O COLISEU A PASSO DE TANGO

•A crítica de Mário Vieira de Carvalho na pág. 27

Câmara em «campanha verde»

LISBOA SAIU À RUA PARA PLANTAÇÃO DE 20 MIL ÁRVORES

Pág. 11

Autosuspensão de seis meses dá lugar a mexidas na Vereação

Martins Vieira já deixou a presidência da Câmara de Almada

Pág. 11

Cimeira de Madrid

PORTUGAL E A ESPANHA DECIDIRAM CONCERTAÇÃO EM QUESTÕES DA CEE

Manuel Lopes

Serviço exclusivo Lusa/«Diário Lisboa»

Portugal e a Espanha decidiram a concertação nas questões comunitárias, a abertura recíproca de bancos comerciais e a flexbilização das exportações de têxteis portugueses e um reexame da evolução das trocas comerciais entre os dois países, de modo a favorecer um maior equilíbrio, actualmente desfavorável a Portugal quase na proporção de dois para um.

Estas foram as principais decisões adoptadas durante a primeira jornada dos trabalhos da quarta cimeira luso-espanhola desde que se instituiu este sistema, há quatro ano, e a primeira em que são adoptados acordos concretos de projecção económica.

Também foi decidido já que os eixos ferroviários de carácter internacional Lisboa-Madrid-Irun e Lisboa-Vilar Formoso-Irun sejam construídos praticamente de forma paralela com a afectação de fundos estruturais atribuídos aos dois países, se bem que ambos vão fazer esforços conjuntos para que sejam financiados pelo SITE (Sistema Integrado de Transportes Europeus) da CEE.

Anteriormente havia divergências quanto aos eixos prioritários e seu financiamento, pois a Espanha defendia a opção Lisboa-Madrid e Portugal preferia que o primeiro eixo a ser modernizado fosse o Lisboa-Vilar Formoso-Irun.

A cimeira decorre num clima favorável de diálogo e numa plataforma essencialmente política, que permite que sejam tomadas decisões concretas.

Este ambiente é sublinhado hoje por vários meios de comunicação como o jornal «El Pais» que fala de quase fraternidade, ou a Rádio Nacional de Espanha, segundo a qual Cavaco Silva e Felipe Gonzalez estão cimentando novas relações sem lastros do passado e estão pondo na prática a cooperação europeia.

No momento de fechar esta edição, decorre a sessão plenária final, a que assistem os dois primeiros-ministros, durante a qual poderão ser tomadas outras decisões a anunciar em conferência de Imprensa conjunta de Felipe Gonzalez e Cavaco Silva.

Os dois chefes de Governo reuniram-se ontem durante mais de quatro horas, em que, aproveitando o bom clima de Madrid, conversaram a passear pelos jardins do Palácio da Moncloa, ao estilo adoptado ultimamente pelo chefe do executivo espanhol, e almoçaram a sós.

O contexto em que decorrem as conversações é essencialmente político, como o definiram desde o iníciodos dois chefes de Governo, em que tiveram prioridade as grandes questões comunitárias, a reforma da CEE, o Orçamento para 1988, a preparação da cimeira de chefes de Estado e de Governo de Copenhaga, em Dezembro.

Os dois primeiros-ministros reconheceram a convergência de pontos de vista dentro da especificidade de cada um dos países, na expressão de um porta-voz oficial.

Esta convergência será traduzida na concertação dos assuntos comunitários que afectam os dois países ou cada um deles, pelo que haverá consultas e intercâmbio de informação, sem prejuízo de que as decisões a adoptar não sejam posteriormente coincidentes em função dos interesses de cada um dos países.

A concertação não significa necessariamente nem alinhamento, nem a criação de uma frente comum peninsular, disse um membro da delegação portuguesa, que sublinhou que esta plantaforma favorecerá uma maior coordenação e defesa dos interesses recíprocos de cada uma das partes, sem qualquer tipo de subalternidade.

Esta nova situação marca diferenças, se não substanciais, bastante importantes quanto ao papel de cada um dos países na CEE, que se reforça reciprocamente.

Os primeiros efeitos concretos ever-se-ão durante a cimeira de Copenhaga, cuja preparação, pela importância de que se reveste por tratar do Orçamento para 1988, em que há um debate profundo e divergências de concepção que se reflectem na atribuição de recursos para os fundos estruturais a serem afectados aos países do Sul, em confronto com os atribuídos à política agrícola comum, que defendem países como a França.

Antes da cimeira, além de um Conselho de Ministros de Negócios Estrangeiros, os secretários de Estado da Integração Europeia dos dois países reunir-se-ão, provavelmente em Madrid, para acertar algumas questões mais concretas.

Enquanto os dois chefes de Governo acertavam esta plataforma política, em que se vão enquadrar muitos aspectos das relações bilaterais que se situam no âmbito comunitário e não apenas estritamente luso-espanhol, as delegações oficiais presididas pelos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros, com a participação dos secretários de Estado da Integração Europeia, estudavam a sua aplicação.

Tanta importância mereceram as questões comunitárias de âmbito global ou bilateral, que os ministros dos Negócios Estrangeiros decidiram suspender apenas uma hora antes um almoço entre as duas delegações, para restringi-lo a oito pessoas que constituíram um grupo de trabalho imediato para continuar a tratar esses temas.

Durante o passeio pelos jardins da Moncloa, os dois primeiros-ministros abordaram outras questões, como a segurança e defesa europeia, em que se incluem os temas da NATO, de que os dois países são membros, embora com estatutos diferentes, pois a Espanha não participa na estrutura integrada de mandos, e da UEO, a que ambos aspiram, mas para que não foram convidados ainda e estrategicamente mostram agora uma atitude de distanciamento.

Fontes oficiais espanholas e portuguesas negaram que os dois chefes de Governo tivessem abordado, de forma directa, os temas da tranferência dos caça-bombardeiros norte-americanos F-16, cuja retirada a Espanha exige, ou das negociações entre Madrid e Washington.

Em todo o caso, trata-se de assuntos hispano-norte-americanos em que nem Cavaco Silva se proporia entrar nem Felipe Gonzalez o consentiria, disseram fontes diplomáticas, desmentindo algumas versões em meios espanhóis e portugueses que especularam sobre esse assunto e quase o transformaram no eixo das conversações e da cimeira.

A cooperação de Lisboa e Madrid com países latino-americanos e a sua dívida externa, com Felipe Gonzalez a expor o caso da Argentina e Cavaco Silva o do Brasil, assim como as possibilidades de contribuição da CEE para a solução deste problema que afecta, entre outros, o continente latino-americano, também foi tratada.

Felipe Gonzalez e Cavaco Silva falaram sobre a cooperação com os países da África Austral, e da situação na zona, em que a Espanha tem cada dia maior presença, sobretudo em Angola e Moçambique, sem que isso afecte directamente o sistema de relações específicas de Portugal com estes países, na opinião dos meios diplomáticos portugueses.

Os dois primeiros-ministros só trataram das relações bilaterais de forma global.

As questões concretas foram analisadas na reunião das duas delegações.

A delegação portuguesa expôs a sua preocupação pelo desequilíbrio comercial entre os dois países, desfavorável a Portugal.

A espanhola lembrou que o volume dos intercâmbios comerciais aumentou positivamente nos dois sentidos desde a adesão, a um ritmo muito superior por parte das exportações portuguesas, que ganharam cinco pontos na taxa de cobertura.

Além disso, as compras espanholas a Portugal duplicaram o ritmo verificado nas importações dos restantes países comunitários.

De qualquer modo, a Espanha compartilhou também as preocupações portuguesas e ficou decidio que, proximamente, será feito um reexame do comportamento e da evolução das trocas bilaterais.

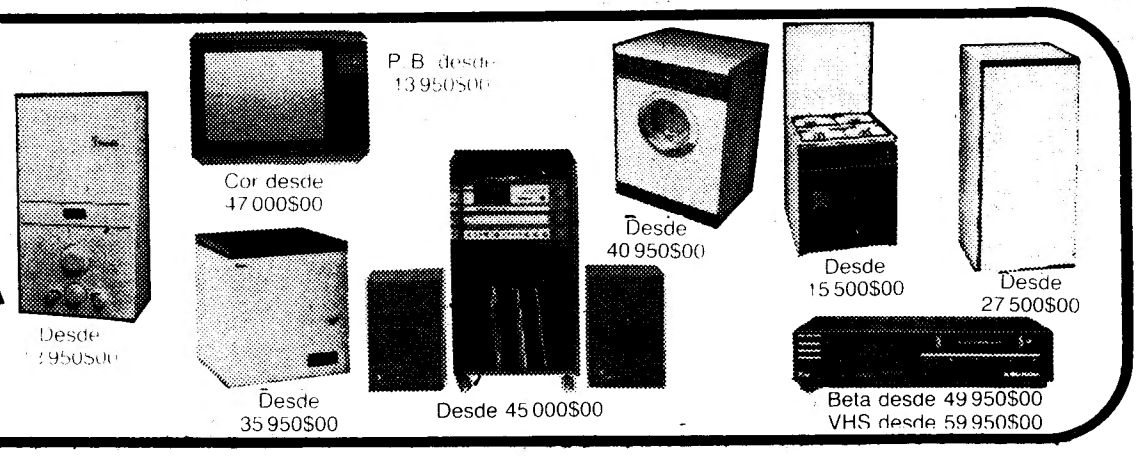
Para já, embora os termos não tenham sido anunciados, foi decidido que a Espanha flexibilizará o sistema de importação de têxteis e confecções portuguesas, sujeito actualmente ao regime de contingentes e «plafons».

Embora nos dois últimos anos os exportadores portugueses não tenham esgotado os contingentes e, no ano passado, a Espanha só tenha introduzido os direitos aduaneiros, no caso dos «plafons», depois de algumas das quotas terem duplicado, o sistema em si é restrictivo para Pportugal e vai ser corrigido.

O tema da ligação da rede de gás natural de Portugal a Espanha e ao gasoduto europeu foi estudado e remetido de novo aos ministros de Indústria para que explorem a fundo as possibilidades de integração na rede europeia e na política energética comunitária.

A autorização para que, provavelmente dois bancos de cada país possam operar comercialmente no outro, está já decidida e apenas depende de algum pormenor técnico.

ELECTRO CARIMA
O REI DOS TELEVISORES A CORES
e ELECTRODOMÉSTICOS
CAMPANHA DE NATAL
PREÇOS DE REVENDA SEM CONCORRÊNCIA
REVENDA E AO PÚBLICO:
Estrada de Benfica 388-A-B (Junto aos C.T.T.) — Telef. 786998 — ABERTO ATÉ ÀS 20 H
VENDA AO PÚBLICO:
Rua Escola de Medicina Veterinária, 9-A (à Estefânia) — Telef. 521929



SEM NOTÍCIAS DENTRO

Portugal, de Monção ao Corvo

Mário Mesquita

A CARTA DE ANTERO

No ano da graça de 1890, Antero de Quental escreveu, de Vila do Conde, onde então vivia, a seu primo Sebastião Botelho, residente em Ponta Delgada: «Os jornais d'aqui falam na crise açoriana com cores bem sombrias (...). Dizem os ditos jornais que há nos Açores um movimento separatista considerável. Quando aí estive não notei sintoma algum de tal opinião. Pertencer a Portugal é com efeito bem triste, mas as ilhas, para se tornarem e manterem independentes são pequenas de mais, e a unirem-se aos Estados Unidos seria isso a sua completa ruína.»

Os jornais de Lisboa e do Porto também falam agora disso: separatismo açoriano (a propósito da revisão constitucional). Como falaram em 1986 e «com cores bem sombrias». Quem lá está, quem lá vai — aos Açores — não nota sintoma separatista digno de registo. «Pertencer a Portugal», se não é «bem triste», como era para Antero, envolve, pelo menos, certa melancolia. Outras dependências, implicando subordinação a outras culturas, continuam a ser indesejáveis e inaceitáveis.

Se Antero ressuscitasse e, seguindo o conselho de Buñuel, comprasse os jornais na tabacaria da esquina, verificaria que certos dados políticos, económicos, culturais permanecem. Outros, muitos outros, mudaram: há o confronto das superpotências, o terceiro mundo; o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação; a descolonização; o fim do império lusitano; a independência de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe; a autonomia político-administrativa dos Açores e da Madeira...

A comparação dos Açores ao Minho ou ao Alentejo não colhe, nem ajuda a compreender a **história do presente.**

RETÓRICA RECUPERADA

«Para a grande maioria dos homens, se apresenta a Pátria apenas como um acidente ou um acaso físico: são de onde nascem (...). A outros, no entanto, e porque são amados dos deuses, se apresenta o caso de modo diferente: a vida (...) os encaminha à escolha que decidirá de seus destinos.»

Agostinho da Silva escreveu estas palavras a propósito de Fernando Pessoa, a quem foi dada a hipótese de optar pelo universo cultural anglo-saxónico, mas que, livremente, escolheu a nossa pátria, o nosso idioma e a nossa cultura.

Se transpusermos a análise de Agostinho da Silva do plano das pessoas para o dos espaços regionais, diremos que regiões há para as quais a pátria se apresenta como «acidente» ou «acaso físico», porque **são de onde estão,** pertencem ao país onde a geografia as colocou; enquanto para outras regiões a pátria é algo mais do que casualidade geográfica — antes pressupõe **escolha, opção, vontade** necessariamente reafirmadas nos momentos de crise que perturbam o equilíbrio nacional e internacional.

É isso que sucede com os Açores e com os açorianos.

É isso que distingue e individualiza **o modo como os Açores são Portugal,** se tivermos como ponto de referência as regiões portuguesas do continente.

Os açorianos podem — como Fernando Pessoa — escolher a Pátria que querem ser.

Na perspectiva do nacionalismo herdeiro do Estado Novo, causa escândalo reconhecer que os Açores e os açorianos são portugueses em consequência da sua **livre escolha,** fundamentada nos valores da história e da cultura. Mas não é, sequer, eficaz substituir a retórica do «Portugal do Minho a Timor» pela do «Portugal de Monção ao Corvo».

IMAGINÁRIO COLONIAL

Não faz sentido recriar a propósito — ou a pretexto — das regiões autónomas o imaginário da antiga Metrópole colonial, nem transformar as autonomias regionais, a dez ou doze anos de distância, em «bodes expiatórios» da descolonização africana. Tão-pouco seria razoável converter os arquipélagos atlânticos em obsessão corporativa, como se fossem a razão de ser das Forças Armadas.

Patriotismo e **nacionalismo** não são sinónimos. O escritor George Orwell — socialista democrático que a direita, frequentemente, tentou instrumentalizar — considerava «o patriotismo, pela sua natureza, defensivo, tanto no plano militar como no aspecto cultural», enquanto o **nacionalismo** se distinguiria «por ser inseparável do desejo de poder».

«Por **patriotismo** entendo a dedicação a determinado lugar e a determinada forma de vida, que julgamos serem os melhores do mundo, mas que não pretendemos impor aos outros», escreveu Orwell, em «Notes on Nationalism». Pelo contrário, «o objectivo do **nacionalista** é obter mais poder e prestígio, não para si próprio, mas para a nação ou outra entidade em que decidiu diluir a sua própria individualidade».

É inútil ressuscitar, a propósito da questão insular, os velhos reflexos agressivos do **nacionalismo salazarista,** repensado à medida das novas realidades institucionais.

A existência de uma nação pressupõe (deve pressupor) o consentimento das pessoas que a compõem. A opção nacional dos açorianos — traduzida, em termos de Direito Público, na autonomia político-administrativa — deve conferir redobrado valor ao seu patriotismo, em vez de servir de pretexto a suspeitas infundadas.

POSFÁCIO AÇOR-EUROPEU

Cooperativa bem conhecida por alguns portugueses, através das suas livrarias de Paris e Bruxelas, a FNAC lançou, em Setembro, uma revista intitulada «Le Journal Littéraire», com o ambicioso programa de ser um «jornal como os outros, mas que, em vez de dividir o mundo dos acontecimentos em política, economia, sociedade, desporto, cultura, o coloca, na sua globalidade, sob o olhar da literatura».

O **número um** de «Le Journal Littéraire» abre com artigo subordinado ao título, de sabor oitocentista, «Supplément aux instructions nautiques sur l'archipel des Açores», escrito e ilustrado por Oliver Rolin.

Dessa longa crónica de viagem, seleccionamos a descrição do velho passeio público à beira-mar, em Ponta Delgada, que a introdução da Televisão, em 1975, ameaçou, mas não conseguiu destruir:

«Ao longo da muralha de basalto do porto deambula a juventude da ilha, trincando pipocas; o ar é doce, húmido e suave; a lua, através das nuvens, derrama uma luz azulada sobre as frontarias brancas, debruadas a negro; o campanário semi-iluminado da Matriz; barcaças, com largos remos de madeira nodosa, balançam na água, sob um velho castelo que cheira a peixe; traineiras saem do porto cheias de caniços; os motores trabalham e, sobre os cais, feixes de luz difusos, o ruído seco da descarga do peixe. Dois homens da alfândega sobem a bordo do Pauline-Marie, ex-Ipanema Progress, de Roterdão, pequeno cargueiro de 75 metros, 'pau para toda a obra', ao serviço da exportação para o Massachusetts de produtos destinados a minorar a **saudade** alimentar dos emigrantes: queijo de S.Jorge, verdelho do Pico, esse vinho que os czares, ao que parece, mandavam buscar aos longínquos Açores para animar, com a sua cor de âmbar, a mesa imperial de S. Petersburgo (...) Sandra, empregada do restaurante Cais da Sardinha, tem um rosto encantador, facto que só refiro porque é verídico e, a meu ver, digno de ser relatado; e é um prazer pô-la a rir, encomendando, com sotaque, uma abrótea, peixe que conquistou, apercebemo-nos rapidamente disso, um quase monopólio nas ementas açorianas. Em frente ao armazém 'Pacheco de Medeiros Ld.ª, Ferragens e Ferramentas', um pregador com a indumentária completa da Igreja Nazarena, sediada em Kansas City, Missouri, discursa à multidão com um sotaque americano de cortar à faca. A sua homilia é ilustrada com a projecção de imagens e 'slogans' nas paredes de 'Pacheco de Medeiros Ld.ª.' — «Fé em Jesus remove os grandes montes», «Fé acalma o bravo mar» — aparecendo, sobreposta, a sombra de moscas gigantes.»

Próximo texto

«Censurar a história não resolve»

Na Assembleia da República

MINORIAS POSTAS EM CAUSA NUM PROJECTO DO PSD

O papel das minorias e a sua importância para a formação da vontade democrática numa assembleia representativa como é a Assembleia da República, está a ser posto em causa na presente legislatura. Corre, inclusivé, sérios riscos de vir a ser pura e simplesmente desvirtuado, se não mesmo apagado, caso o PSD faça vingar o seu projecto de Regimento já entrege na AR.

Ainda na terça–feira esta sensação de que maus dias vêm aí para a oposição, mormente a mais minoritária, pairou no hemiciclo quando Basílio Horta, do CDS, justificava a iniciativa do seu partido interpelar o Governo sobre política geral, em particular sobre política externa e política financeira.

Basílio Horta respondia a um pedido de esclarecimento de Duarte Lima, deputado do PSD, e lembrou–lhe que a bancada social–democrata apenas o apludira quando Duarte Lima acentuou que «a maioria tem de se impor à minoria».

«Se nos deixarem fazer a interpelação...» ia a dizer Basílio Horta, quando lá das filas de trás da bancada do Partido Social–Democrata se ouviu uma frase: «Deixamos, se se comportarem bem!». Significativo, como forma de entendimento do papel das minorias num parlamento representativo.

Aliás, logo num dos primeiros dias dos trabalhos da presente legislatura, Raúl de Castro, da Intervenção Democrática—um agrupamento que dispõe apenas de duas vozes no hemiciclio, eleitas nas listas do Partido Comunista—tinha avisado que o PSD pretende a extinção do seu agrupamento parlamentar.

A existência destes agrupamentos, mais pequenos que os grupos dos partidos, e o seu quadro de direitos, desde o exercício da actividade legislativa até à participação nas comissões parlamentares, jamais tinha sido posta em causa, em dez anos de prática parlamentar, pois eles existem desde 1977, ao abrigo do art. 12º do Regimento.

Mas já no decurso da presente legislatura—lembrou-o Raúl de Castro numa intervenção produzida há dias no plenário—o grupo parlamentar do PSD apresentou um projecto de revisão do Regimento e outro de revisão da Lei Orgânica da Assembleia, «com a característica comum de representarem graves restrições ao exercício das forças políticas que integram a oposição».

A pretexto de terminar, desde já, com a existência dos agrupamentos parlamentares, a proposta de revisão do Regimento visa, segundo Raul Castro, retirar toda a capacidade de actuação ao agrupamento parlamentar da Intervenção Democrática, «pela singela razão de que é o único existente».

Para além de acentuar a contradição latente entre as declarações de vontade de instalar o diálogo como prática parlamentar e esta manobra legal coberta pela maioria de deputados capaz de a impor, Raúl de Castro invocou argumentos de ordem política para evidenciar a natureza dos propósitos do PSD:

«Como dizia Montesquieu no Espírito das Leis—recordou o deputado da Intervenção Democrática—há duas espécies de tirania: uma, real, que consiste na violência do Governo; e outra, de opinião, que se faz sentir quando aqueles que governam decidem coisas que chocam a menira de pensar duma Nação».

É aqui que a questão se situa e é à luz da democracia, da ética democrática, verdadeira Lei «erga omnes» num parlamento que se queira representativo da vontade popular, que este assunto é de seguir na sua evolução próxima–futura.

É que não basta a cumprir abstractamente a Lei—e os direitos das minorias parlamentares, como os de todas as outras minorias, estão protegidas pela

A defesa dos direitos das minorias, nomeadamente os do seu agrupamento, a ID, assumida pelo dr. Raul de Castro

Constituição e pelas próprias leis internas da Assembleia da República, nomeadamente pelo princípio geral da não rectroactividade—para se poder proclamar o respeito pela Democracia. É preciso respeitar também a sua Ética.

Como disse no plenário o dr. Raúl de Castro, lembrando a Declaração de Direitos dos revolucionários franceses de 1789, «toda a sociedade em que a garantia de direitos não é assegurada...não tem Constituição».

O País tem a sua Constituição, é um facto. Mas pelo andar da carruagem, começa a recear–se que nem todos os que lá vão dentro e têm por obrigação praticar e aprofundar a Democracia adequem aos actos as suas proclamações de fidelidade à Democracia.

A ninguém se impõe com mais força o dever de respeitar as minorias do que aos próprios membros da maioria. Para existir uma, tem que existir a outra e só se compreendem em função uma da outra. As conclusões deveriam ser evidentes e, principalmente, da natureza ética. Só que essa evidência não é contemplada no projecto de revisão do Regimento da Assembleia da República.

Daniel Reis

Os Verdes convocam os poetas em defesa de Amarante

Os poetas foram convocados, na Assembleia, a levantarem–se e erguerem a sua voz em defesa da ínsua de Amarante e do seu «portentoso habitat» comprometido pelo alteamento de uma barragem.

Convocou–os e invocou–lhes a palavra o deputado Herculano Pombo, dos Verdes, com o seu verbo grandiloquente:

«Mais uma vez os vampiros da ganância se aproveitaram da descoordenação dos poderes públicos, do etéreo articulado das leis, da santa ingenuidade do poder local e da sua miséria orçamental», disse Herculano, para situar o problema.

«O povo de Amarante–continuou–ocupado que está com a gigantesca tarefa da obtenção do pão de cada dia, vai sonhando hesitante entre o que não tem e o que lhe prometem, até que a água, em lhes chegando aos pés, os acorde».

Só os poetas de Amarante não dormem, e são muitos, garantiu Herculano Pombo, antes de passar a citá–los: «Pascoaes e Amadeu, Agustina e Pinheiro Torres, António Cândido, Pedro Barros, Coutinho Monteiro, Valdemar Dábreu e tantos outros, nenhum ignora que é fruto daquela paisagem, daquele rio, daquelas árvores e sobretudo da neblina sonâmbula do Tâmega, como disse Pascoaes».

No fundo, po problema é simples e resume–se a baixar dois metros a cota da barragem para que o habitat natural não seja submerso, os dois metros que bastam para «pôr o rio Tâmega a andar para trás», como escreveu Valdemar Dábreu.

Segundo Herculano Pombo, ainda é tempo de parar e reflectir e Amarante merece-o, justificando a eliminação desses dois metros que são, textualmente nas expressão do deputado Verde «a diferença abismal que separa um ninho de poetas e um lugar de gente, de uma fossa comum dos valores naturais e culturais».

Hoje: matéria controversa do Código Penal

A Ordem do Dia da sessão de hoje da Assembleia da República tem agendada a discussão de um novo pedido de autorização legislativa ao Governo. Mas desta vez é questão complicada e que não se limita às coisas miúdas do estilo das alterações ao Código das Custas que hoje mesmo deve também ser votado.

A matéria a discutir é bastante controversa e propícia a suscitar um debate muito vivo. Trata–se de alterações ao Código Penal no sentido de agravar as penas por ofensas corporais a agentes da autoridade (autorização ao Governo para rever os artigos 132º e 386º do Código Penal).

Conselho da Paz contra instalação dos "F-16" em Beja

«As declarações, seguidas de rectificações, do Ministro da Defesa, acompanhadas de interpretações do Primeiro–Ministro» sobre a eventual transferência para bases portuguesas dos caças F-16, estacionados na base norte–americana de Torrejon(Madrid), são postas em causa pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação num documento intitulado «Não aos «F-16» em Beja!».

Sublinha o CPPC que as afirmações de Eurico de Melo (nos EUA e em Lisboa) e de Cavaco Silva (em Roma) «esquivam e não devem distraír a opinião pública nacional do essencial, da verdade crua e altamente preocupante para a soberania e a segurança de Portugal e dos portugueses».

O CPPC lembra as posições de «defesa da soberania nacional» crescentemente assumidas pelos Governos de Espanha, Grécia, Noruega e Dinamarca, entre outros, para assinalar, relativamente à possibilidade de novas cedências do Executivo de Lisboa, que «já não bastam para Beja os perigos derivados da presença da base áerea da RFA, dos perigos inerentes à construção da estação de rastreio de Almodôvar, integrada no projecto de «guerra das estrelas», que fará de todo o Portugal um alvo nuclear prioritário, aniquilável com um só míssil!»

Assembleia da Paz

O documento refere ainda a recente Semana Mundial de Desarmamento da ONU e a próxima assinatura entre os EUA e a URSS do primeiro tratado de desarmamento nuclear da História para apelar à participação de todos os pacifistas e associações cívicas e democráticas na Assembleia da Paz, prevista para sábado próximo em Beja

KONICA

PANASONIC DIGITAL

CAMPANHA DE ANIVERSÁRIO

RAIO DE SOM ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

TECHNICS, MARANTZ, NAD, AKAI, PANASONIC SANYO, MITSUBISHI, NEC, SHARP, SONY, JVC, ALPINE, CLARION, MISSION, BOSE, CELESTION, B & W, ROGERS, DENON, YAMAHA, TANOY, KEF, WHARFEDALE, BASF, TDK, THATS, SKC, KONICA, ETC.

SANYO

AV. ALMIRANTE REIS, 74-B (ao Metro dos Anjos junto ao BPA) — Telef. Loja 82 60 68 — Escritório 82 20 34 — 1100 LISBOA

Comunidade Europeia empenhada nas relações com os Estados da ACP

O Conselho para o Desenvolvimento das Comunidades Europeias continua a reafirmar o empenho da CEE nas relações preferenciais com os países da África, Caraíbas e Pacífico (grupo ACP), disse o secretario de Estado da Cooperação, Durão Barroso.

Durão Barroso, que chegou ontem a Lisboa procedente de Bruxelas onde participou na reunião semestral do Conselho de Ministros sobre os moldes da cooperação com os chamados países ACP, frisou ter-se tratado de um encontro «muito positivo».

«Discutimos vários assuntos e aprovamos alguns projectos, mas o mais importante foi a reafirmação do empenho da Comunidade em estabelecer relações preferenciais com esses Estados», afirmou acrescentando que se reforçou o «espírito de Lomé».

Durão Barroso salientou o papel importante de Portugal no diálogo entre esses Estados e a organização comunitária e, por outro lado, as vantagens para os agentes económicos portugueses da cooperação no âmbito da CEE.

«Foi uma forma de tornarmos Portugal presente neste domínio importante para a nossa política externa» — adiantou.

Martinho desmente notícias sobre PRD

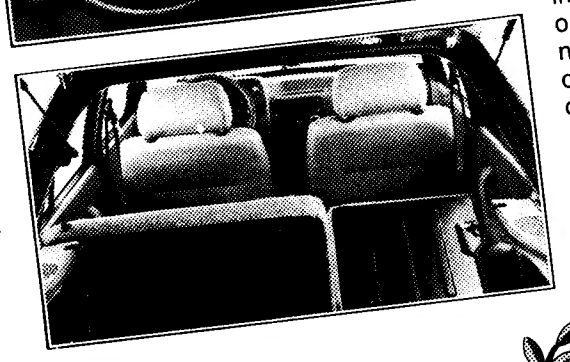
«Os conselheiros nacionais do PRD sabem do meu pensar e sentir relativamente ao PRD e só lamento que o que afirmei no momento e no local próprios estejam a ser apresentados de forma distorcida à opinião pública», sublinhou esta manhã para o «DL» o vice presidente e presidente em exercício dos renovadores, eng. Hermínio Martinho, a propósito de uma notícia do semanário «tempo» que refere hoje a possibilidade de o sucessor de Eanes vir a ser substituído pelo tenente-coronel Lencastre Bernardo.

O dirigente renovador frisou-nos ter transmitido de forma «aberta e clara» o seu pensamento sobre o papel e futuro do PRD nos últimos Conselhos Nacionais e que continuará a desempenhar as suas funções normalmente até próxima Convenção do PRD, orgão competente para designar os dirigentes do partido.

Hermínio Martinho salientou ainda que no último Conselho Nacional se limitou a dizer que «não apresentaria» a sua candidatura aos cargos que actualmente exerce.

O TEMPERAMENTO DE UM VENCEDOR

O Ford Escort é pelo sexto ano consecutivo o carro mais vendido no mundo.
Combinando as vantagens de um carro prático e familiar, o Escort tem uma grande estabilidade e o seu comportamento em estrada é um prazer para os entusiastas da condução.
Onde quer que o seu temperamento seja posto à prova, o Escort revela um invulgar comportamento desportivo.
Viajar no Ford Escort é um prazer para o condutor e passageiros, devido à suspensão aperfeiçoada e aos novos interiores extremamente confortáveis.



O Escort tem uma generosa capacidade para bagagem, que com as diversas formas de rebatimento dos bancos traseiros, pode ainda ser ampliada, tornando-se ideal para qualquer volume de bagagem.
Desde o prático 1.1 CL de 3 portas ao sensacional RS Turbo, passando por dois estupendos Cabriolet, há um Escort ideal para si, incluindo a nova Station 1.4 CL e o novo Escort 1.6 Diesel CL (apenas 4,0 litros a 90Km / hora) ambos com 5 portas e caixa de 5 velocidades (como todos os Escort).

Venha conhecê-los no seu Concessionário Ford.

Ford - É mais fácil escolher melhor.

Protege o seu Escort por mais 24 meses (quilometragem ilimitada)

DATSUN EM PORTUGAL
Ford

COORDENADORA EUROPEIA ADIOU DEBATE SOBRE ADESÃO DOS "VERDES" E DO MDP/CDE

A reunião da Coordenadora dos Partidos Verdes europeus, realizada em fins de Outubro, em Bruxelas, não concluíu o debate sobre as propostas de adesão dos grupos ecologistas espanhóis, do partido português «Os Verdes» e do MDP/CDE.

Em declarações ao «DL», Hélio Carmona, de «Os Verdes» referíu ter sido ainda agendada para a próxima reunião de Fevereiro a discussão sobre o futuro da própria Coordenadora e da cooperação entre os Partidos Verdes e Alternativos na Europa e deliberada a realização de um Congresso Internacional Verde sobre política local, a ter lugar em Antuérpia, em 9 e 10 de Abril.

Segundo a mesma fonte, a pretensão do MDP (que esteve representado em Bruxelas por José Manuel Tengarrinha) de integrar a Coordenadora saíu gorada pois o delegado oficial dos Verdes da RFA, Jurgen Maier, membro do Executivo nacional, frisou que o relatório e opiniões que sobre aquele partido português circulavam entre os membros da Coordenadora manifestavam apenas as opiniões de dois dirigentes da organização alemã, Frieder Wolf e Brigitte Bertold.

O deputado verde alemão-federal ao Parlamento Europeu, Frank Schwalba-Hoth, enviou, por sua vez, uma carta à reunião, onde afirma conhecer a realidade portuguesa e considera não encontrar razões que justifiquem a exclusão do partido «Os Verdes» da Coordenadora. O mesmo deputado refere ainda que as opiniões de Frieder Wolf(também deputado em Estrasburgo), não reflectem a opinião do conjunto dos deputados verdes alemães.

Hélio Carmona, que acompanhou o deputado verde Herculano Pombo na reunião, declarou que «Os Verdes» se pronunciaram na ocasião sobre o MDP, como sendo «um partido democrático com o qual os Verdes desejam manter as melhores relações, mas que não é um Partido Verde ou Alternativo. Trata-se, consideraram, de um «partido clássico e tradicionalista que se posiciona favoravelmente ao nuclear».

Os representantes de «Os Verdes» exibiram, na oportunidade, um documento intitulado «o MDP/CDE e a opção nuclear», de Janeiro de 1984, no qual o partido de José Tengarrinha critica, nomeadamente, as organizações anti-nucleares. Estas, lê-se no documento, «empolam certos aspectos, dedicando menos atenção aos aspectos económicos, industriais e políticos da opção nuclear».

Ainda sobre estas questões e sobre o adiamento para Fevereiro da decisão sobre os dois grupos espanhóis e sobre os representantes portugueses, Hélio Carmona indicou tratar-se da «disposição da maioria dos partidos em não abdicar das suas opiniões e, simultâneamente, a vontade e o interesse em manter em toda esta discussão os alemães que, por sua vez, se apresentam dispersos na diversidade das suas contradições internas».

Críticas ao «paternalismo» dos «Verdes» da RFA

Segundo Carmona, os alemães só em Março deste ano formalizaram a sua proposta de adesão à Coordenadora, na qualidade de observadores, mantendo um «distanciamento paternalista e crítico em relação aos restantes partidos Verdes».

Os Verdes da RFA, mais influentes política e economicamente no seio da Coordenadora, pretendiam a extinção dos Verdes europeus e a criação, em seu lugar, de um Gabinete internacional não circunscrito à Europa nem exclusivamente aos Verdes. Tal projecto, acrescentuou Hélio Carmona, tem sido rejeitado pela maioria dos verdes europeus, contrários à tentativa de hegemonização e de ingerência na vida interna do movimento ecologista dos vários países, por parte dos alemães.

COMPRE NO NATAL

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

E NOS NOSSOS AGENTES

MÓVEIS PICA PAU E UTILAR

DARTY MÓVEIS CONFIANÇA LDA

COMPRE CARRO E MOBILE CASA

INSCREVA-SE NA NOSSA ASSOCIADA

MOVIGRUPO

GRUPO A. S. NUNES

CONSÓRCIO

SEM entrada juros

DOS 12 AOS 60 MESES

AGORA A UTILAR EM CAMARATE

LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

MONTIJO – Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS – Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais ☎ 982 60 54 / 58 (à Ponte da Bica)
LISBOA – Av. Almirante Reis, 125 ☎ 530076
LISBOA – Est. Benfica, 174-176 ☎ 780599
QUELUZ – Av. António Enes, 20-B ☎ 952306
ALMADA – Av. 25 de Abril, 45 ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE – R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B ☎ 275495 2
PAIVAS – Est. Nacional 10, Lt. 30 ☎ 221 0067
V.F.XIRA – R. Alves Redol, 80-B ☎ 240 11
SETÚBAL – Av. D. Manuel I, 80 (frente ao Centro Com. Dufa)
BARREIRO – R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A ☎ 207 72 37
COIMBRA – Av. Capitão Meleças, 34-A ☎ 26 185
FARO – R. Eça de Queirós, 2 ☎ 27 580
LOULÉ – R. Ataíde de Oliveira, 18

LOJAS PICA-PAU

AMADORA – Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B ☎ 494 56 91
MEM MARTINS – Rua Chabi Pinheiro, 8 ☎ 921 72 94
LISBOA – R. Luciano Cordeiro, 18-A ☎ 52 13 84
QUELUZ – R. Elias Garcia, 74-B ☎ 958097

LOJAS UTILAR

CAMARATE – R. Cidade Lisboa, Lt. 4 (junto à Esquadra da P.S.P. da Charneca) ☎ 257 21 73 · 257 04 01
Rua Avelino Salgado, Lote 1 (junto aos Bombeiros)
Stands na Feira Popular

NOTA: As lojas de Lisboa, Camarate, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.

AO TELEFONE COM BASÍLIO HORTA

"Governo não responde satisfatoriamente aos primeiros sinais da crise..."

Basílio Horta, um dos quatro deputados que o CDS conseguiu eleger nas últimas eleições, teve anteonem uma vigorosa intervenção na Assembleia da República, na qual criticou abertamente a actuação do Governo e anunciou que o seu partido irá brevemente apresentar uma interpelação sobre a política financeira do executivo.

Ao telefone com Baílio Horta começamos por querer saber as razões que o levaram a ser tão contundente.

«Não fui contundente nem de mais, nem de menos» — começou o deputado centrista. «O CDS é um partido responsável e como tal não pode abdicar do papel que desempenha na AR e no País. Portanto, faz críticas, justificando-as, a alguns sectores do Governo — no exercício legítimo e responsável do seu papel de partido da oposição».

«**O sr. foi particularmente crítico em relação ao que se passa na Bolsa e ao que tem sido o papel do Governo nesse domínio. Há no entanto quem acuse o CDS de só agora vir a terreiro, quando a crise da Bolsa é de todos conhecida...**»

«O CDS em diversos momentos fez notar que o sentido que a Bolsa estava a tomar era demasiado especulativo, sendo necessárias medidas de acompanhamento em relação ao mercado de capitais. Ora, isso não foi ouvido e nada foi feito. Não houve uma previsão atempada da situação, que agora é de crime que se pode tornar estrutural. O CDS tem legitimidade, pois, para criticar a apatia do Governo e a sua intervenção tardia. Por outro lado, o CDS não está no Governo e não lhe pode ser exigido que diga ao Governo quais as medidas que deve tomar».

«**A situação na Bolsa é mesmo grave, portanto...**»

«Manifestamente grave. Estão neste momento a ser tomadas medidas num sentido correctivo, mas o que ainda falta é um sistema articulado que restabeleça o equilíbrio e assegure um mínimo de credibilidade nas cotações susceptível de igualmente garantir um mínimo de confiança aos aforradores.»

«**O sr. disse que é preciso saber quem ganhou e quem perdeu na Bolsa, exigindo ao Governo que venha a público dizer isso mesmo. Ora, toda a gente sabe quem é que usualmente ganha na Bolsa...**»

«Na Bolsa é perfeitamente normal que haja entidades que ganham hoje e perdem amanhã, e vice-versa. Só que, naquilo que se tem passado na Bolsa portuguesa, há dois aspectos que são politicamente relevantes...»

«**... Os quais são...**»

«Em primeiro lugar, o investimento estrangeiro maciço no mercado de capitais. Pergunta-se: alguém fez o acompanhamento desse investimento? Pergunta-se ainda: não se teve em conta que, se esse investimento ultrapassasse um certo limite, as Bolsas portuguesas ficavam excessivamente dependentes de factores externos dificilmente controláveis?»

«**Que responda quem souber ou puder. E quanto ao segundo aspecto?**»

«Esse segundo aspecto relaciona-se com o facto da efectivação de OPV's se registarem num quadro caracterizado por deficientes mecanismos de controlo de credibilidade do valor das empresas que se apresentavam ao público e em que os valores máximos das cotações das respectivas acções não tinham qualquer limite, ao contrário do que acontece com a generalidade da legislação em que esta forma de oferta é admitida. A estes dois elementos podem-se adicionar outros, tais como a falta de informação sistemática sobre o mercado de capitais e ainda os efeitos psicológicos originados por declarações de responsáveis governamentais menos oportunas e até em muitos casos contraditórias...»

«**O sr. afirmou ainda que as maiorias ganham-se e perdem-se. Que aviso é esse ao Governo?**»

«Não é um aviso — é uma constatação. Significa que em democracia não chega conquistar maiorias — é preciso mantê-las. Hoje, em Portugal, há um eleitorado esclarecido que sabe o que quer, e como tal capaz de tranquilamente mudar no futuro o sentido do seu voto, desde que para tanto tenha motivos. Ora, ainda é muito cedo para julgar definitivamente este Governo — mas não é menos certo que nesta primeira fase o Governo não está a responder satisfatoriamente aos primeiros sinais de crise que encontrou no seu caminho».

«**Por falar em eleitorado esclarecido: como vê o futuro do CDS, à luz desse esclarecimento e das alterações de liderança que parecem desenhar-se no seu partido?**»

«O CDS está com grande sentido de responsabilidade a preparar-se para voltar a ser, em termos de expressão eleitoral, o grande partido nacional que em boa verdade, e no sentido ético da política, nunca deixou de ser».

«**O grupo parlamentar do CDS é o mais pequeno de sempre — quatro deputados apenas. Como é que se sente aí, com tão poucos companheiros?**»

«O grupo é pequeno em número de deputados, mas não é pequeno na qualidade dos seus membros, nem na solidariedade que os une, nem no sentido de Estado com que sabem exercer o seu mandato parlamentar».

«**É bonito dizer isso...**»

«E bonito e é verdade. Sinto-me muito bem no meu grupo e muito honrado por a ele pertencer».

Ribeiro Cardoso

Almeida Santos e a revisão constitucional

PS não aceitará a venda das empresas mais prósperas

«Não defensivo, corajoso e honesto», assim classificou Almeida Santos o projecto de revisão constitucional do PS, ao ser entrevistado no Programa «Clube de Imprensa» da RTP-2.

O responsável pela elaboração do projecto socialista, a ser entregue amanhã na AR, defendeu um «esforço honesto» por parte dos deputados no sentido de se transformar a Constituição num «instrumento honesto».

Almeida Santos considerou haver na Constituição expressões que são «muito datadas» e outras, de um único sentido ideológico, que colidem com o «conceito de democracia pluralista».

Sobre o projecto socialista indicou estar previsto um reforço da «democracia participativa» através da introdução do referendo vinculativo, do maior direito de petição dos cidadãos e da extensão da iniciativa popular.

Referíu ainda a proposta da «moção de censura construtiva», segundo a qual quem quiser derrubar o Executivo deve, primeiro, apresentar o nome do novo Primeiro-Ministro e um programa de Governo.

Sobre a lei eleitoral disse que ela deve ter o apoio da «maioria dos partidos, salvaguardando as minorias» e quanto às reprivatizações sublinhou que «não se espere que o PS dê plenos poderes a quem quer vender algumas das empresas mais prósperas».

Abertura das aulas em Coimbra

UNIVERSIDADE APRESENTA BAIXO APROVEITAMENTO ESCOLAR

Nalgumas áreas dos cursos da Universidade de Coimbra a taxa de aproveitamento escolar é «preocupantemente baixa», afirmou ontem o reitor daquela instituição, Rui Alarcão, na abertura solene do ano lectivo.

A reflexão que sobre o problema têm feito vários sectores, nomeadamente os associativos estudantis, tornou possível uma consciencialização no ano passado que permitiu alguma melhoria «nos moldes em que se processa a actividade pedagógica».

Embora não sendo substancial, nem bem distribuída, essa melhoria constitui, frisou o reitor, «bom prognóstico».

No plano das alterações e alargamentos curriculares, Rui Alarcão destacou a criação na Faculdade de Letras do curso de formação psicopedagógica, o trabalho desenvolvido pela comissão encarregada de estudar a criação da Faculdade ou Instituto de Educação Física e o esforço para a criação de uma licenciatura em arquitectura no quadro da Faculdade de Ciências e Tecnologia, com a participação das Faculdades de Letras e Economia.

Supremacia das mulheres

Rui Alarcão afirmou que o ensino na Universidade de Coimbra no ano transacto se dirigiu a 13 319 estudantes e esteve a cargo de 1141 docentes, dos quais 288 são doutorados e 80 investigadores.

Saíram licenciados, em 1986/87, 1250 estudantes e regista-se uma supremacia de mulheres na frequência das Faculdades: 7265 alunas contra 6054 alunos.

Esta tendência para aumentar o número de alunas verifica-se na Universidade de Coimbra de há dois anos a esta parte.

A Faculdade com maior frequência de estudantes foi a de Ciências e Tecnologia com 4310 alunos, e a que registou menor frequência no passado ano lectivo foi a de Psicologia e Ciências da Educação, com 321 alunos. Seguiram-se as Faculdades de Direito e de Letras com, respectivamente, 3317 e 2930 alunos, e de Economia com 1038, a de Medicina com 879 e a de Farmácia com 524.

Na investigação trabalharam 80 especialistas e registaram-se 14 doutoramentos.

«A falta de verbas que se tem deparado a projectos consistentes e vultosos como é o caso do Instituto da Água e dos projectos do FEDER» foi também referida por Rui Alarcão, que sublinhou as dificuldades em matéria de financiamentos, nacionais e internacionais, impondo-se quanto a estes últimos «lavrar um protesto pela forma como se têm processado».

Relativamente à carência de instalações universitárias, o reitor admitiu que foi mitigada pela cedência das antigas instalações do hospital da Universidade «mas que isso não constitui razão para enfraquecer o empenhamento nos pólos II e III da Universidade».

Universidade: quando há razões de queixa do aproveitamento

O número de bolseiros no ano transacto foi de 1785 e com eles despenderam-se cerca de 150 mil contos. O número e verba prevista para este ano é de dois mil bolseiros e um investimento de cerca de 200 000 contos.

Presidente da AC referiu segregação social

O presidente da Associação Académica, Benjamim Lousada, que falou na qualidade de porta-voz dos estudantes de Coimbra, afirmou que «a verdade e o ensino não têm tido sorte em Portugal».

«Temos a mais baixa taxa de frequência da Universidade por filhos de famílias de trabalhadores no conjunto da Europa» e «em cada 10 alunos do ensino primário apenas um chega ao ensino superior» — disse Benjamim Lousada.

A proliferação «desenfreada das universidades privadas e o ataque às vítimas do insucesso escolar e não às suas causas» foram criticados pelo presidente da Associação Académica.

A tradicional «oração de sapiência» da sessão de abertura do ano lectivo esteve a cargo de Maria Helena da Rocha Pereira que falou sobre «os poemas homéricos nos alvores da cultura europeia».

Assistiram ao acto, que decorreu na sala dos Capelos, o presidente da Assembleia da República e antigo professor da Universidade de Coimbra, Rui Crespo, os ministros da Educação e da Presidência e da Justiça e secretário de Estado do Ensino Superior.

JS promove Jornadas Nacionais de Ensino

A Juventude Socialista promove Jornadas Nacionais de Ensino no Porto, Lisboa e Coimbra, de 28 de Novembro a 20 de Dezembro.

A iniciativa foi anunciada em conferência de Imprensa, tendo o secretário-geral da JS, José Apolinário, indicado como seu objectivo a sistematização de todo um conjunto de princípios que passa por uma capacidade organizada de defender propostas de emergência para o sistema de ensino português.

José Apolinário disse que a selecção do tema se fez tendo em vista abordagens, não esquecendo contudo valores, agora comummente aceites, como a democratização da educação e a garantia das liberdades individuais.

Em seu entender, a democratização da educação inclui não apenas aspectos quantitativos, mas igualmente aspectos qualitativos.

Depois de afirmar que o sistema de ensino não deve limitar-se a transferir conhecimentos considerados essenciais e a desenvolver as técnicas de base, José Apolinário referiu que o ensino deve igualmente informar sobre problemas muito diversos de carácter ético, tais como a cooperação e solidariedade internacional, entre outros.

Referindo-se à abertura das jornadas na cidade do Porto, aquele dirigente disse que a região Norte do País assume hoje, no quadro global do espaço juvenil, um papel fundamental. Os distritos do Norte têm percentagens de população juvenil que são as mais elevadas no contexto nacional.

Em visita ao Laboratório de Engenharia e Tecnologia Industrial

Ministro garante reformulação do plano tecnológico nacional no quadro da CEE e da inovação

O ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, anunciou que o plano tecnológico nacional está a ser reformulado no quadro das novas realidades da integração de Portugal no Mercado Comum e da inovação tecnológica.

Em declarações no decurso de uma visita ao Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI), MMira Amaral assinalou que aquelelaboratórioo é «um instrumento fundamental para o processo de investigação e desenvolvimento de novas tecnologias.

Salientou que o Ministério encara com grande interesse a actuação do LNETI em conjugação com os meios industriais, salientando que é um instrumento privilegiado de ajuda à indústria, em termos de investigação e desenvolvimento de novas tecnologias e processos para as empresas portuguesas.

O ministro da Indústria e Energia confirmou implicitamente as restrições orçamentais ao LNETI no próximo ano, afirmando que o laboratório, no quadro dos organismos do Ministério, é o que tem maiores meios financeiros, o que não quer dizer que tenha todos os que necessita, porque não está imune às dificuldades orçamentais.

O ministro defendeu a necessidade de o LNETI gerar receitas próprias crescentes, angariando novas fontes de financiamento, nomeadamente através de contratos com a indústria, salientando que estes contratos são uma garantia de que o laboratório está a trabalhar de acordo com as necessidades tecnológicas das empresas.

Mira Amaral salientou que o interesse do ministro e do secretário de Estado da Indústria no LNETI traduz a consciência de que são fundamentais os aspectos de inovação e desenvolvimento tecnológico para que a indústria portuguesa se possa modernizar, sobreviver e competir no mercado único europeu que se perspectiva para os anos noventa.

Relacionamento com a indústria

O presidente do LNETI, Veiga Simão, declarou que o LNETI está a intensificar o relacionamento com a indústria portuguesa e tem apresentado programas e projectos a diversas associações industriais e centenas de empresas visitaram já o laboratório.

Assinalou que o Ministério está, por excelência, vacacionado para dinamizar a modernização, cabendo-lhe «a tarefa aliciante e difícil» de promover a introdução das novas tecnologias nas indústrias tradicionais e a criação de novas empresas.

Veiga Simão adiantou que, correspondendo a esse desafio, o LNETI vai realizar no primeiro trimestre de 1988 uma exposição apresentando produtos, equipamentos e tecnologias já introduzidas no concreto em algumas empresas.

Observou que o Ministério deu orientações para que o plano de apoio tecnológico à indústria transformadora fosse revitalizado, considerando-o como «um guião necessário para a modernização da estrutura produtiva».

Veiga Simão disse ainda que o LNETI tem este ano um orçamento de cerca de 5 milhões de contos, sendo cerca de 50 por cento para os centros tecnológicos, sistemas de estímulos à modernização e para formação de jovens e a outra metade para actividades internas de investigação e desenvolvimento de novos produtos para a indústria.

Orçamento de 15 milhões

O presidente do LNETI afirmou que aquele organismo, que em 1981 tinha receitas próprias de 5000 contos, tem actualmente cerca de 1,5 milhões de contos de receitas decorrentes da venda de bens e serviços prestados e de contratos com empresas, com a CEE, a NATO e com a Agência Internacional de Energia Atómica, este último no domínio da protecção e segurança contra radiações.

Criado em 1978, o LNETI tem como principais atribuições a investigação e desenvolvimento com vista à modernização do tecido industrial português, a dinamização e apoio a novas indústrias de tecnologia avançada e a criação de novas tecnologias.

O LNETI tem várias unidades tecnológicas de apoio a sectores industriais.

Desenvolve, entre outros, projectos de oficinas de máquinas laser, um centro de produção e caracterização de materiais avançados, um laboratório de combustão de matérias fósseis e resíduos vegetais, um centro de produção de hibridomas, um banco de dados de segurança nuclear, um laboratório de padronização de radiações e um laboratório piloto de pulverometalurgia.

A colaboração do LNETI com as empresas inclui consultoria, contratos de desenvolvimento industrial, assistência tecnológica, formação de quadros e informação técnica.

Associado a outros organismos e a empresas de investigação e desenvolvimento, o LNETI está a desenvolver centros tecnológicos, centros de desenvolvimento do interior, um centro nacional de «design», um centro para o desenvolvimento e inovação tecnológica, uma empresa de investigação de biotecnologia, um instituto de tecnologia de materiais e uma empresa de desenvolvimento de electrónica.

Constatado em seminário organizado pela Intersindical

Emigrantes portugueses continuam a não ser cidadãos da comunidade

Não teve resposta positiva a questão que a CGTP colocava como tema do seu seminário «Emigrantes cidadãos comunitários?» Carlos Carvalho, membro do Conselho Nacional limitou-se a dizer aos jornalistas que «devem ser cidadãos comunitários», acrescentando que os portugueses «não têm plena cidadania nos países onde trabalham, mesmo depois da adesão de Portugal às comunidades europeias».

Aliás, o encontro não teve conclusões, mas tão só uma nota final, elaborada pela Intersindical, onde se sintetizavam os pontos de vista expressos durante os três dias de trabalhos e que, mesmo assim, provocou certas discordâncias por parte do delegado italiano, devido à identificação entre Tratado de Roma, Acto Unico e aproveitamento das vantagens económicas como objectivo fundamental na lógica de constituição das comunidades.

De notar, contudo, uma alteração na condenação geral que a CGTP antes fazia da CEE; neste documento, a tese da Europa dos cidadãos, embora seja considerada como não fazendo parte do espírito comunitário, é apontada como objectivo a atingir.

Simultaneamente, a coesão económica e social — uma invenção recente dos socialistas — é situada como dependendo directamente da luta dos trabalhadores «pela democratização política, económica e social, dentro dos Estados-membros e no plano das instituições».

Emigrantes: um difícil acesso à CEE

Questões caras

É neste novo quadro de concepção das comunidades europeias que passam a colocar-se as questões caras à CGTP no âmbito da emigração: descriminação nos planos político, profissional, social, económico e cultural; vítima prioritária da «ofensiva generalizada contra os direitos democráticos e sociais dos trabalhadores» com precarização do trabalho; ausência de mecanismos de garantia de direitos; dificuldades no regresso; marginalização, racismo, xenofobia.

Direitos apontados para a entrada em vigor do Acto Unico, como a livre circulação de trabalhadores perdem o seu significado quando todos os países da CEE se debatem com elevados níveis de desemprego e a emigração, para sobreviver, recorre à ilegalidade — ainda hoje, por exemplo, largamente praticadas com os «braceros» na Catalunha, ou com os portugueses nas minas asturo-leonesas, ou com os turcos na Alemanha, só para falar da CEE.

Claro que hoje há uma outra emigração, a de quadros, mas esta não assume as formas que permitam à CGTP e às outras organizações sindicais, religiosas e culturais que participaram no encontro pegar-lhe da forma tradicional.

Campos tradicionais

Aliás, o encontro manteve-se nos campos tradicionais da acção sindical — com achegas religiosas e culturais, bem como com contribuições de estudiosos —, recusando, por exemplo, consagrar a questão dos direitos políticos dos emigrantes para além do simples voto em eleições municipais, já legalizado na Holanda, na Dinamarca e na Irlanda, porque aí entra a soberania dos Estados e a definição do acesso aos direitos políticos no seio das comunidades europeias, campo por onde a CGTP se recusa a entrar.

Segundo Carlos Carvalho, a Inter pretende ver primeiro resolvidas as questões dos direitos cívicos para, então, a CEE se ocupar dos direitos políticos. E o facto de os eleitos turcos serem maioritários numa comuna (município) holandesa não possui qualquer importância política nacional, como se os ingleses votassem para a Câmara de Albufeira. Não ultrapassando as «instâncias que resolvem os problemas do dia-a-dia» a «ingerência nos Estados», não se coloca.

Todas as organizações presentes, independentemente da área em que decorre o seu trabalho, sublinharam a importância de alcançar «direitos sindicais e democráticos para todos os emigrantes, incluindo os extra-comunitários», a «abolição das descriminações», a «aplicação integral dos acordos previstos na Convenção de Lomé III especialmente sobre interesses dos trabalhadores emigrantes e participação dos parceiros sociais».

Mas a «igualdade de tratamento a todos os níveis», o «direito de residência no país de acolhimento e liberdade de regresso sem qualquer tipo de coacção», a « defesa da garantia da sua cultura e da sua língua de origem» no quadro da «promoção e apoio do associativismo e da identidade cultural», a «criação de condições para o retorno nomeadamente no que diz respeito à formação profissional dirigida às necessidades dos países de origem» (sem especificar o pagador), são outros traços do que deve ser a política de emigração no quadro das comunidades europeias.

Tudo isto, é claro, no âmbito de «acordos bilaterais sobre emigração» em cuja elaboração os sindicatos participem.

Carlos Carvalho sublinhou o número e a qualidade de organizações que participaram no encopntro, nomeadamente as Comissiones Obreras espanholas, a CGT francesa, a CGT grega, a CGIL italiana, a Comissão Europeia de Migrações, a representante da Organisação Sindical e Unidade Africana na Europa, associações católicas e protestantes e federações sindicais portuguesas. Este quadro revela que, mais que os problemas dos emigrantes portugueses (só a França, aqui, representa um contingente importante) esteve em debate a questão da emigração no espaço intra-comunitário, dentro de uma lógica de CEE.

Cadáver não identificado apareceu a boiar em Mirandela

Próximo de Mirandela apareceu anteontem a boiar, nas águas do rio Tua, o cadáver de um indivíduo do sexo masculino, de estatura média, que aparenta entre 45 a 50 anos, e que tinha calçadas umas sapatilhas azuis.

A PSP daquela cidade transmontana, que afirma não ter sido registado nos últimos tempos qualquer desaparecimento na região, lançou um apelo à população para que colabore na identificação do corpo.

Suspeito de ter assassinado mulher de 57 anos no Caramulo

A GNR de Tondela, no distrito de Viseu, deteve um jovem carpinteiro suspeito de ter assassinado, no Caramulo, com um disparo de espingarda caçadeira, Maria José, de 57 anos.

O homicídio, cujo móbil não está ainda determinado, ocorreu no passado domingo, tendo o arguido, Carlos Pereira, de 17 anos, sido presente no tribunal de Instrução Criminal da comarca que confirmou a sua prisão até ao julgamento.

Filho de ardina desapareceu no Bairro da Rotunda

Da casa de sua mãe, no Bairro da Rotunda do Aeroporto, em Lisboa, desapareceu no passado sábado Nuno Miguel Marques Portugal, de 11 anos, que na altura vestia um blusão tipo Kispo azul-escuro e calça de veludo verde-escura. Como sinais particulares, Nuno Miguel tem um sinal no lado esquerdo do queixo e apresenta ligeiro estrabismo.

Qualquer informação sobre o seu paradeiro deverá ser feita através do telefone 63 57 01 ou directamente com a sua mãe, Maria Irene Marques, na sua residência na Rua H, 440-1.º C, no Bairro da Rotunda do Aeroporto, ou na banca onde vende jornais na Rua Alexandre Herculano.

Acidente na Musgueira deixou órfãs duas crianças

Na Estrada das Amoreiras, junto à estação da Carris, na Musgueira, em Lisboa, ocorreu ontem à tarde, cerca das 19 horas, um grave acidente quando um camião abalroou um automóvel, tendo sucumbido um dos ocupantes deste último veículo e ficado feridos com gravidade os outros quatro.

A vítima mortal foi Maria Manuela Lopes Pires, de 30 anos, solteira, moradora no Bairro das Galinheiras, que deixou dois filhos menores. Quanto à identidade dos feridos é a seguinte: José Augusto Silva, de 32 anos, que conduzia, residente em Camarate, Edite Rosa Oliveira, de 45, Maria Noélia Simões, de 34 e Maria Cristina Simões, de 24, todas moradoras no Bairro das Galinheiras.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

ACUSARAM-ME de pertencer a uma organização terrorista. Eu, vejam lá, um paz de alma, casa jornal, jornal casa, filharengo e esposendo no máximo! Por acaso, quando a Polícia veio por mim, eu até julgava que era para me darem um prémio Val Flor, ou coisa parecida.

Sem ser eu, há mais quatro indivíduos envolvidos no processo. Como se diz na política recuso liminarmente a acusação, protesto contra ela e tudo farei para apagar as suspeitas acumuladas contra mim e contra os outros presos.

Tudo se passou da seguinte maneira.

Estava eu no Algarve, mais precisamente em Albufeira (cujo nome, como sabem, vem do árabe, estando por certo aí a origem das confusões), quando entrei no café e um indivíduo de nacionalidade francesa se me dirigiu perguntando como se dizia **tremoços** *em inglês, pois no balcão ninguém o percebia.*

Logo outro quis saber como se dizia **cerveja** *em alemão,* **batata frita** *em espanhol e* **preservativo** *em sueco.*

Abancámos à mesma mesa, mais isto, mais aquilo e viemos a descobrir afinidades comuns: todos gostávamos de passear e de caçar. Não tardou nada que surgisse a ideia de constituirmos um Grupo Excursionista, exemplarmente venatória.

A nossa primeira excursão efectuou-se ao Norte de Espanha, pois sabíamos ser essa região de caça grossa. Aquilo pelo Algarve é só melharucos... Em Espanha encontramos o melhor acolhimento, mas regressámos a Portugal.

Sabíamos que o nosso país é o ideal para organizar excursões de alta montaria.

Aqui entra a Polícia em acção. Espantava-se de eu ter tantas armas em casa! Quê? Julga-se então por cá que é mais rendível à fisga?!

E os explosivos? Homessa, lá tive de lhes explicar a nossa táctica: atamos o pum-pum à cauda de um papagaio; lançamos o papagaio quando passa um cardume de perdizes e... será preciso acrescentar alguma coisa?...

Poi é, leitor, aconselho-te a não entrares num café ou, se entrares, a não falares com ninguém. De qualquer modo, nada de excursões ao Norte de Espanha. São uma sangria de divisas que o nosso país não pode suportar. Nisso, concordo.

Mercado do vinho deverá entrar em colapso

Uma «cimeira internacional do vinho» que decorreu em Roma, após cinco dias de discussões, previu o colapso do mercado vitivinícola mundial para o ano 2000, devido ao excesso de produção.

A cimeira constou de um contacto entre «amigos-rivais» organizado no «Gabinete Internacional da Vide e do Vinho», sediado em Paris e presidido pelo italiano Mário Fregoni.

Fregoni, director do Instituto de Viticultura da Faculdade Agrária de Piacenza, afirmou que todos os produtores estão a atravessar um momento de crise com 50 milhões de hectolitros de sobreprodução, 40 milhões dos quais só na Europa.

O GIV procura desde 1924 abrir novos horizontes comerciais para o vinho de qualidade controlada.

A primeira das conclusões votadas por unanimidade e após prolongadas discussões, foi a limitação da produção de vinho a nível mundial.

No plano político, os 1000 delegados que participaram na cimeira acordaram diligenciar junto dos governos dos países membros à eliminação ou quase total redução dos entraves comerciais que prejudicam o intercâmbio internacional.

Outro ponto qualificado de importante foi a criação de uma comissão encarregada de tutelar o vinho através da «identificação da origem das vides e sua denominação de origem».

O GIV indicou que para se conseguir uma alta qualidade de vinhos é preciso demarcar as zonas mundiais de produção registando-as através de um cadastro.

O ministro italiano da agricultura, Flipwaudwria Pandolfi, disse que poderia encarar-se a possibilidade de acabar com as vinhas em zonas não devidamente qualificadas e a atribuição de indemnizações aos afectados, através de financiamentos da Comunidade Económica Europeia.

Os peritos dizem que os pontos mais positivos são: o vinho de qualidade continua a ter procura e admitir aumentos de preços. Contudo, o mercado para os vinhos correntes «está a decair velozmente», como referiu Fregoni.

S. Martinho com castanhas boas e vinho a não condizer

S.MARTINHO: AS CASTANHAS SÃO BOAS O VINHO É QUE NÃO AJUDA

Celebrado em toda a Europa, onde é o santo mais popular, o S. Martinho festejou-se ontem tradicionalmente no Norte de Portugal com a boa castanha assada regada com o «verdasco» minhoto. Se das castanhas não há razões de queixa — pois dizem os entendidos que este ano são grandes e saborosas — já do vinho se não podem tecer encómios, pois a sua qualidade foi afectada pelas más condições climatéricas.

«Não é ano para emandeirar em arco», disse uma fonte da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, assinalando terem as chuvas «tirado qualidade» ao vinho.

No entanto — e segundo a mesma fonte — a quantidade foi sensivelmente indêntica à média, ou seja, deve rondar os 200 milhões de litros.

Mas se o vinho verde não é tão bom como de costume — sem que tal signifique ser «mau» — o mercado internacional, que cada vez revela uma maior apetência pelo «verdasco» minhoto, não vai ter razões de queixa.

«São cerca de 10 milhões de litros que por ano se exportam para vários mercados internacionais, especialmente para a Grã-Bretanha, revelou aquela fonte, que adiantou que «neste caso, a qualidade está garantida».

Referiu que «as marcas mais conceituadas, que habitualmente exportam, têm cuidados tecnológicos com o plantio da vinha que a globlidade dos produtores ainda não pode ter».

Aliás, esta tradição de exportação do vinho minhoto, contrariamente ao que se poderia pensar, sobreleva em antiguidade a do vinho do Porto.

Já nos séculos XVI e XVII o vinho minhoto, designadamente o «palhete», demandava os portos britânicos saído de Viana do Castelo, cidade que ao tempo, devido à sua importância comercial, albergava uma numerosa colónia inglesa.

Depois de um longo eclipse, em finais do século XIX e princípios do actual, o «verdasco» (apenas o branco) voltou a ser apreciado internacionalmente, sendo hoje em dia a sua exportação uma realidade que tende a aumentar.

S. Martinho, cuja festa ontem se celebrou, ocupa um lugar de relevo no calendário litúrgico.

Antes de santo foi soldado das legiões romanas em serviço na Gália, onde se distinguiu pela bondade, caridade e vida virtuosa.

Monge, e posteriormente bispo de Tours, S. Martinho associa ao seu nome, e à sua festa, a tradição do bom tempo — o «Verão de S. Martinho» — e o hábito de comer bem e beber melhor.

Estas tradições derivam, segundo a história (mesclada de certa lenda), de um acto de caridade de Martinho, que num gélido dia 11 de Novembro, quando ainda soldado romano, repartiu a capa com um mendigo enregelado, tendo-se então tranformado «miraculosamente» o dia invernoso num de radioso Verão.

EM)Em sua honra, começaram a celebrar-se festas, tendo certos costumes pagãos o espírito alegre dos celtas e o facto de a Gália ser um país vinícola, imprimindo aos festejos o hábito de acompanhar os mais variados manjares com «pinga da boa».

Com exposições e um simpósio

Porto e Gaia vendem os seus vinhos

Uma iniciativa denominada «Os Vinhos do Norte de Portugal: do Cacho ao Copo» está a decorrer na cidade do Porto e em Gaia, como forma de «chamar a atenção do público» para temas que constituem o património comum.

Organizada pela Associação Regional de Protecção do Património Cultural e Natural, pela Comissão de Vitivinicultura da Região dos Vinhos Verdes e pelos Institutos do Vinho do Porto e da Vinha e do Vinho, a iniciativa consta de exposições várias e de um simpósio.

As exposições, que se iniciaram em 24 de Outubro passado e terminam no próximo dia 15, versam «a arqueologia industrial» (Mercado Ferreira Borges), «documentação histórica» (Casa do Infante), «documentação histórica e produtos de empresas» (Gaia) e «artesanato e floclore» (Gaia).

Na quarta-feira, iniciou-se na Fundação Engenheiro António de Almeida, um simpósio sobre «Os vinhos do Norte de Portugal», em que intervieram António Cruz, Graça Feijó, Hélder Marques e Aurélio de Oliveira, respectivamente sobre «O vinho do Norte na lição da História», «O vinho do século XIX», «Um vinho verde, um vinho regional» e «Vinhos do Nordeste antes do ciclo de Between».

Os temas, de uma maneira geral, abordam o vinho nortenho desde a colheita até ao consumo, pretendendo-se dessa forma perspectivar, na evolução histórica, os processos, as técnicas, os materiais, a legislação, a comercialização, a colheita, a vinificação, a conservação e o envelhecimento do vinho, bem como o seu transporte e a sua representação artística.

O vinho e a legislação vinícola, o vinho e a mesa, a colheita e a vinificação, a conservação e envelhecimento do vinho e o vinho e as artes são os temas a abordar nos dois restantes dias do simpósio.

Um total de 31 entidades apoiam a iniciativa.

Entre elas, destaque para cinco câmaras municipais, várias fundações e regiões de turismo, adegas cooperativas e outras entidades culturais.

Detidos por assalto a armazém no Fogueteiro

Três adolescentes acusados de terem participado na madrugada do passado domingo no assalto a um armazém de uma firma de electrodomésticos, na Estrada Nacional 10, ao Fogueteiro, no concelho do Seixal, foram ontem detidos pela PSP, tendo-lhes sido apreendido o material roubado: seis colunas de som, um transformador eléctrico, dois gira-discos, três amplificadores, dois vídeos e um leitor de cassetes.

Sendo um deles antigo empregado da firma, a ACOM, os três arguidos (Cruz, de 17 anos, Santos, de 18 e Júnior, de 16), todos sem antecedentes criminais, entraram no armazém depois de terem destruído as grades de uma das janelas com uma serra.

Motorista cabo-verdiano da Carris ferido gravemente por compatriota

No interior de uma taberna do Bairro da Quinta Grande, à Charneca do Lumiar, em Lisboa, dois cidadãos cabo-verdianos envolveram-se em discussão devido ao excesso de álcool (estavam a beber em conjunto uma garrafa de aguardente Macieira), tendo um dles, Augusto Monteiro Semedo, de 31 anos, soldador, ferido o outro, Manuel Borges Veiga, de 37 anos, motorista da Carris, com uma navalha.

Manuel Veiga, que tem quatro filhos, foi conduzido ao Hospital de Santa Maria, onde permanece em perigo de vida.

PRECISA-SE

Aprendiz com 16/17 anos para Serviço de Manutenção Electromecânica.

Resposta a este jornal ao n.º 10 111

Primeiro acenda o fosforo e só depois ligue o gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Comércio de Lisboa continua em debate

CAPITAL SÓ TEM 5 MERCADOS DE PRIMEIRA CATEGORIA

Lisboa dispõe de 34 mercados: três de abastecimento, um misto e 30 de venda a retalho. São apenas cinco os considerados de primeira categoria, situando-se em Alvalade Norte, Arroios, Benfica, Ourique e na 31 de Janeiro. Catorze unidades têm a segunda categoria, intermédia, e onze a terceira, com mercados em muito mau estado, ocupando uma área inferior a 500 metros quadrados e garantindo uma taxa de utilização reduzida.

Só a zona mais antiga da cidade dispõe de catorze mercados retalhistas, para além de treze aglomerados ambulantes. As carências no todo da cidade são, no entanto, graves. Há 31 freguesias lisboetas que não dispõem de mercados cobertos, por exemplo. Neto Correia, técnico da Câmara Municipal de Lisboa, relevou ontem no decorrer do segundo dia de trabalhos do Colóquio Internacional Lisboa: que Comércio, que de 1980 a 86 a espesa de investimento nos mercados da capital não chegou aos 900 contos, «o que é muito pouco».

Debatia-se, na Casa do Comércio, o painel «gestão de mercados retalhistas» e Neto Correia garantia que proximamente os investimentos «vão duplicar», apesar da recuperação dos degradados mercados municipais de Lisboa implicar o avanço de centenas de milhares de contos par uma completa mudança. Como Jorge Pires, da União das Associações de Comercianes do Distrito de Lisboa, afirmou, com maior pessimismo porém, «os mercados estão condenados ao progressivo desaparecimento».

Mercados ocupam 3400 pessoas

Mais números: os mercados retalhistas ocupam 3400 pessoas, sendo 2300 entre elas comerciantes e os restantes auxiliares comerciais e empregados. O ano passado, disse Neto Correia, cada comerciante instalado num mercado representou uma aplicação monetária de 100 contos, o que é manifestamente diminuto.

Cada loja custou 1000 contos, cifrando-se numa renda mensal de quatro contos apenas. «Num centro comercial, uma loja do mesmo ramo poderia ir até aos 50 contos de renda», comentou aquele técnico.

Registou o levantamento camarário revelado por Neto Correia que os mercados de Lisboa dispõem de 3742 postos de venda, sendo 3345 deles lugares e só o restante número lojas. A taxa de ocupação é de apenas 2,5%. Entre estes 91% dos comerciantes dedicam-se à venda de produtos alimentares, e só 9% aos produtos não-alimentares. Dos alimentares, 45% vendem horticultura e frutas várias e 27,6% pescado.

A área total ocpada pelos mercados retalhistas municipais é de 65 000 m2, cabendo a cada um 2100 m2. Setenta por cento dos mercados estão abaixo da média. Quanto ao número de pessoas a funcionar pormercado, a média conseguida é de 119, sendo nove delas funcionários municipais. As médias, no entanto, arriscam-se a esconder os desníveis, e a verdade é que há mercados que sofrem de saturação quanto ao número de comerciantes e outros que se encontram subutilizados, com o grande dilema dos lugares vagos.

Apurou-se ainda que a maioria dos comerciantes não tem qualquer empregado ou usa uma pessoa da família em regime de subemprego, e essa maioria é de 57%. Isso revela, no parecer de Neto Correia, «baixa profissionalização e debilidade económica». Como disse noutra altura da sua comunicação, «subsistem as características medievais».

Encargos são pesados

Depois, as queixas: a Câmara Municipal de Lisboa sofre sérias dificuldades na gestão dos mercados, suportando pesados encargos. A renda média por comerciante, comentou, não serve para cobrir as depesas, e as taxas «não obedecem ao equilíbrio orçamental». A câmara cifra em 87,6% as suas despesas em encargo do pessoal e 42% da taxa de receitas são financiadas pelo município. Os custos directos por mercado são de 4000 contos.

Jorge Pires, por seu lado, recordou que os mercados funcionam deficitariamente, pois «o consumidor vai menos ao mercado e vantagens como a diferença de preços em relação aos supermercados estão a esbater-se». E disse que, apesar de os mercados terem uma maior carência de apoios, os oficiais não surgem.

«Os comerciantes têm uma condição diferente quando estão integrados num mercado retalhista — não dispõem de contratos de arrendamento, são mais utentes do que propriamente agentes económicos, o seu estatuto é de compromisso: é comerciante e é funcionário camarário, apesar de não se poder ser funcionario do próprio senhorio», comentou.

Para o responsavel da União das Associações de Comerciantes há que «não deixar morrer a figura do mercado», para tal, uma novidade é já avançada. A união e a câmara municipal estão em negociações para a formação de uma sociedade que possa gerir a dois os mercados municipais da cidade.

Barcelona e Paris são modelos a seguir

Daí o realce dado neste segundo dia de colóquio às experiências modelares de gestão dos mercados de Barcelona e Paris. Adolfo Crabuja, que dirige o pelouro dos mercados do Ayuntamiento de Barcelona, na Catalunha, testemunhou perante a assistência que os 41 mercados barceloneses garantem 70% do consumo alimentar da cidade, concentrando-se neles 50% dos comerciantes de frescos: peixe, carne, frutas e legumes, somando 11 000 postos de venda. Sessenta por cento das famílias de Barcelona, disse, abastecem-se nos mercados.

Crabuja referiu os diversos tipos de gestão dos mercados ali existentes, desde a directa responsabilidade camarária à autogestão pelas próprias associações de vendedores, passando pela gestão indirecta por concessão.

Os mercados de Lisboa raramente obedecem a boas condições de funcionamento e higiene

O condicionalismo de base é não produzir défice, embora também não se procure o lucro. Para facilitar o Ayuntamiento possibilitará incentivos fiscais vários e um programa com esses efeitos, adiantou, será lançado em 1988, com deduções nas taxas que poderão ir até aos 50% e mesmo isenções.

Um responsável do Groupement de Interet Economique francês, de apelido Quesson, falou da gestão dos mercados de Paris dizendo que ela «escapa à rigidez clássica do direito comercial». Os comerciantes são chamados à gestão por meio da participação obrigatória na organização do funcionamento quotidiano do mercado. Existem dois organismos: o conselho de administração, para o qual se elege um comerciante por cada 15, e o conselho de mercado, com representatividade global.

23 triciclos para limpeza das ruas

Cantoneiros de limpeza deixam de andar de carrinhos-de-mão

Ganham os cantoneiros de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa e a higiene da cidade, perdemos todos porque desaparece a tranquilidade e o silêncio do transporte feito em carrinhos de mão: o município anunciou a introdução de triciclos motorizados de pequenas dimensões e grande mobilidade para aqueles serviços.

As unidades, num total de 23 para a primeira fase, são hoje entregues aos serviços da Câmara Municipal de Lisboa. Entre as suas características figuram a capacidade de transporte de seis contentores normalizados de 110 litros.

A Câmara Municipal de Lisboa espera resolver, deste modo, uma boa parte dos problemas que se lhe colocam no que se refere à limpeza das ruas de Lisboa. É que, segundo os dados disponíveis, com a utilização dos carrinhos de mão, como tem acontecido até agora, mais de 80 por cento do tempo gasto por cada cantoneiro de limpeza na varredura e despejo de papeleiras e outras tarefas era consumido nos percursos do despejo.

Dada a necessidade de proporcionar ao pessoal de limpeza os conhecimentos adequados à utilização dos novos triciclos, a Câmara promove esta semana uma acção de formação especialmente dirigida aos chefes de serviços, encarregados, capatazes e cantoneiros.

Mas os serviços municipais querem tirar o maior partido deste investimento. E, assim, as 23 viaturas serão concentradas, no sábado, no Rossio, partindo deste local central para os seus locais de serviço. À população será distribuída uma brochura «descrevendo as características dos veículos e as suas aplicações no apoio à limpeza urbana».

Vila Nova de Gaia quer urgente regulamentação da lei de bases do ambiente

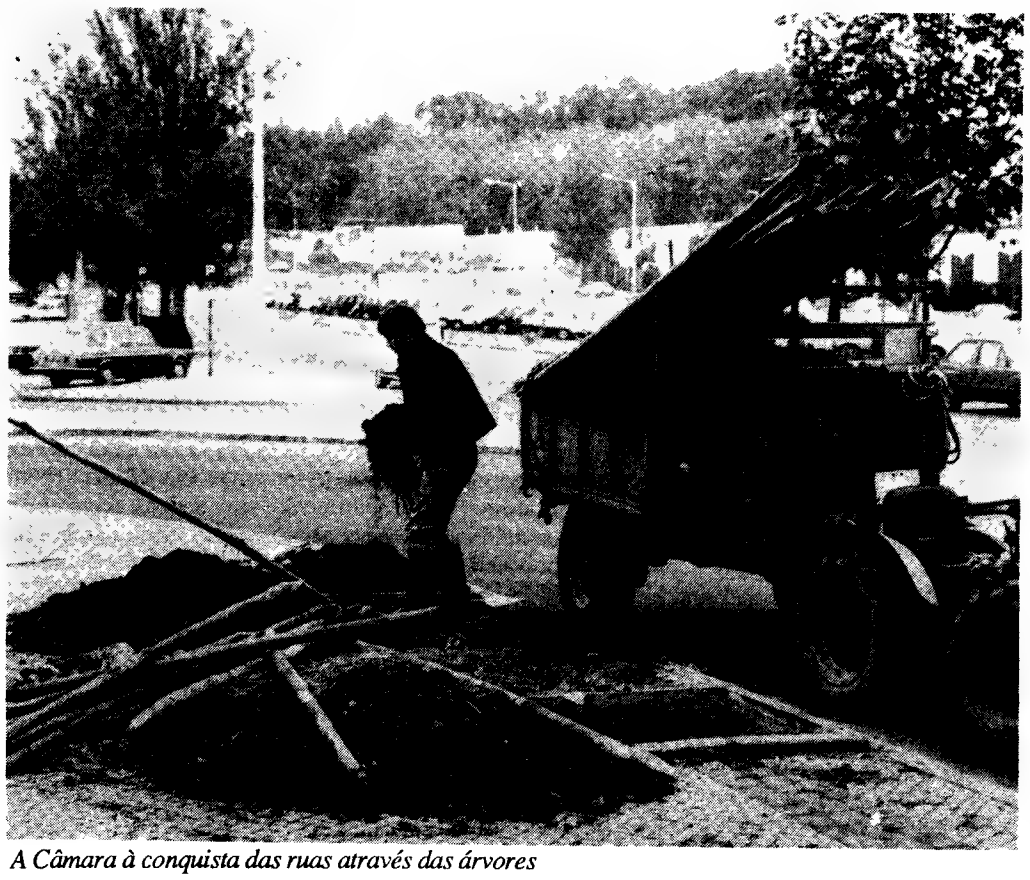
Investigadores, autarcas, professores e técnicos municipais, preocupados com os problemas do ambiente em Vila Nova de Gaia, defenderam a urgente regulamentação da lei de bases do ambiente, para combater algumas preocupações da autarquia — revelou a organização.

Reunidos em seminário, nos últimos dois dias, os participantes, que se pronunciaram sobre «Ambiente em Gaia: que futuro?», consideraram importante proceder-se à defesa do património natural e cultural das zonas verdes dos rios e ribeiros da cidade.

A organização, que ontem tornou públicas as conclusões, refere também que os intervenientes no debate exigiram o empenhamento das diferentes entidades municipais e das instituições dependentes do Poder Local para que tal seja possível.

O saneamento básico, incluindo a distribuição domiciliária de água, construção da rede de esgotos, tratamento das águas residuais domésticas e industriais e a recolha e tratamento de lixos foram questões consideradas fundamentais a ter em conta para um ambiente económico saudável.

O seminário pronunciou-se sobre a necessidade de combater o caos urbanístico e defender o ambiente, passando pela existência de planos de ordenamento e de urbanização, e de se promoverem campanhas de sensibilização visando a prevenção e a criação de uma opinião pública favorável à defesa do ambiente e à conservação da natureza.



A Câmara à conquista das ruas através das árvores

LISBOA PLANTA NA RUA MAIS 20 MIL ÁRVORES

É sabido que o cimento e sobretudo o betão crescem mais depressa do que as árvores. Não é raro ver bairros inteiros com prédios de vinte andares rebrilhando ao sol, arruamentos alinhados, com um nome inventado e vendável, mas onde as árvores ou não aparecem simplesmente, ou crescem frágeis e lentamente como receando que algum condutor bebido as venha quebrar com uma manobra mal feita.

Segundo anunciou esta manhã o vereador do pelouro dos espaços verdes da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Robalo, para colmatar «buracos» verdes da cidade, vão ser plantadas vinte mil árvores nos próximos três anos. Destas, duas mil serão inapelavelmente mortas pela voragem citadina, mas somente 500 assassinadas por vandalismo.

Hoje já ninguém discute a necessidade de árvores dentro de uma cidade ou da criação de espaços verdes — que não coincidem necessariamente com aqueles talhões de terra com três árvores velhas, onde vão proliferando automóveis.

Para a Câmara de Lisboa há dois grandes sectores a arborizar: as grandes vias de penetração na cidade e as áreas urbanas com carência de espaços verdes.

As vias de acesso à cidade, que ocuparam, no caso de Lisboa, os melhores solos de aluvião, expulsando a agricultura para a periferia, estão sobre terrenos naturalemnte dotados de maior capacidade ecológica (o vale de Loures tem os melhores terrenos agricolas da Europa) e, simultaneamente, maiores índices de poluição. A árvore, aqui, vai servir para limpar o ambiente, fazendo a fotossíntese dos gases cabónicos que os motores vomitam.

Estão nestes casos a segunda circular, uma vintena de avenidas, ruas e estradas, a Alameda das Linhas de Torres, a Calçada de Carriche e Entrecampos.

No que toca às zonas habitacionais, a Câmara definiu como críticos os bairros concluidos há mais de 15 anos e onde ainda não foram plantadas árvores, ou a sua destruição deu lugar a estacionamentos ou daquelas hortas cercadas por cartões, embalagens e carrinhos de bébé ferrugentos, com três couves, seis pès de feijoeiro e um cahco de malaguetas. Estão nestas condições as zonas de Benfica, Lumiar, Carnide, Telheiras, Charneca e Ameixoeira, onde entram 13 freguesias.

Em terceiro lugar, vem a constituição, em certos casos melhor seria dizer reconstituição, de matas de enquadramento da malha urbana da capital, especialmente à volta da escola secundária do Restelo, do encontro da segunda circular com a avenida Norton de Matos e com o colégio alemão, da Quinta doas Frades e do talude da escola das Olaias. Por outro lado, um número substâncial das árvores a plantar, quase metade, vão se-lo em Monsanto, na mata entre Alvalade e o Relógio e no parque de Chelas.

Contudo, as condições citadinas obrigam a que as árvores sejam de um determinado tipo, que pertençam ao grupo das espécies ripículas, ou seja espécies ribeirinhas de crescimento rápido. O sonho de fazer de Lisboa a mais tropical capital da Europa, com tudo o que isso implicava de exuberância nos periodos de floração, não passa de um sonho — ou de um museu-jardim como o de Belém — tal como o de refazer partes do antigo coberto vegetal de carvalhos.

As árvores a plantar são o acer, castanheiro da India, catalpa, lodão, olaia, laranjeira, freixo, acácia de espinhos, grevília, jacarandá, melia, plátano, cinco espécies de choupos, ameixoeria em flôr, dois tipos de palmerias, falsa acácia, acácia do Japão, tílias, tipoana e palmeiras americanas.

Com um pouco de sorte, veremos a Freguesia da Ameixoeira coberta de ameixoeiras. E já agora as Olaias de olaias e as Laranjeiras de laranjeiras.

Não teremos já a sorte de ver o campo das amoreiras na Freguesia da Charneca, coberto de amoreiras, nem a zona envolvente do Shopping Center do mesmo nome, que as amoreiras não estão previstas nos planos camarários. Nem as oliveiras, pelo que os Olivais ficarão limitados a sê-lo apenas de nome.

Pediu suspensão de mandato por seis meses

Martins Vieira foi substituído na presidência da Câmara de Almada

● *Homenagem a Romeu Correia 4.ª feira à noite na Academia*

A auto-suspensão de José Martins Vieira obrigou, já na perspectiva do seu afastamento de toda a actividade autárquica, a diversas mudanças quanto ao desempenho de funções, para além de deixar uma vaga de vereadore. O «DL» apurou que essa vaga será ocupada pelo presidente da direcção da Academia Almadense, Orlando Azinheira, que ficará com alguns dos pelouros da vereadora Maria de Fátima Mourinho: Higiene e resíduos sólidos, desfesa do meio ambiente e fiscalização económica.

A vereadora Maria de Fátima Mourinho é promovida, para todos os efeitos, a vice-presidente da Câmara Municipal e ao pelouro que já detinha, a divisão de relações públicas e informações, juntará um dos dois pelouros da nova presidente, o da administração geral e finanças. Maria Emília Neto Sousa, que sucede oficialmente a Martins Vieira na presidência do munícipio, conserva o pelouro de urbanismo e habitação, ascendendo também a 2º vogal dos SMAS.

Os restantes vereadores da Câmara Municipal de Almada, em representação da APU e do PS/PSD, cujas mudanças agora operadas não afectaram as suas funções, são Henrique Carreira, obras e equipamento mecânico (por parte da APU, como os já referimos); Sérgio Taipas, que a seu cargo tem a saúde, acção social, acção cultural e desportiva; António Medeiros, também da APU, presidente do conselho de administração dos Serviços Municipalizados de Aguas e Saneamentos; e, por parte da coligação PS/PSD, Joaquim Gonçalves (segurança e comodidade das populações), Jaime Moreira (abastecimento público e desenvolvimento económico), Fernando Manuel Rosa Silva (cemitérios, publicidade e ocupação da via pública), António Joaquim Mota (1º vogal do conselho de administração dos SMAS) e António Gonçalves Martins, este do PRD, responsável pelo pelouro de turismo.

Maria Emília Neto de Sousa como acima se disse, usará da palavra na sua qualidade nova de presidente da Câmara Municipal de Almada, na sessão de homenagem, terça-feira, dia 17, a Romeu Correia, pelos seus 70 anos ao serviço da cidade, do concelho e do País. A iniciativa da homenagem é da Câmara Municipal, tendo em conta que o autor de «Casaco de Fogo», «O Vagabundo das Mãos de Ouro», «O Andarilho das Sete Partidas» e «Bocage» peças de teatro, e «Trapo Azul» e «Bonecos de Luz», romances, é «uma figura querida dos seus conterrâneos» como o próprio município reconhece.

José Martins Vieira em tempo de adeus: definitivo ou provisório?

Uma exposição sobre a vida e obra de Romeu Correia (traduzida em checo, húngaro, alemão e chinês), que inclui o livro do director da Biblioteca Municipal, Alexandre Magno Flores, intitulado «Romeu Correia, o homem e o escritor», e um LP de Luísa Basto cantanto o autor, e uma sessão solene, à noite, no Cine-Teatro da Academia Almadense, assinalarão o acto.

Ponto alto da homenagem, a sessão solene abrirá com palavras do novo vereador da Câmara de Almada, na sua qualidade de presidente da Academia Almadense, e terá ainda como oradores Alexandre Magno e Luís Francisco Rebelo, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores. A presidente da Câmara Municipal, Maria Emília Neto de Sousa, encerrará a sessão.

A vereadora da Câmara Municipal de Almada responsável pelos pelouros de Administração Geral/Finanças e Urbanismo-/Habitação, é, desde a passada sexta-feira, oficialmente, presidente de autarquia. Maria Emília Neto de Sousa sucede, naturalmente, a José Martins Vieira, presidente eleito para o cargo em Dezembro de 1985. A substituição deste por aquela vereadora pairava no concelho de Almada há cerca de um ano, alegadamente por falta de disponibilidade de José Martins Vieira para tão absorventes funções. Maria Emília Neto de Sousa já há tempo que na prática presidia aos destinos do Muicípio.

O presidente cessante da Câmara de Almada solicitou suspensão do mandato por seis meses, mas não deverá voltar ao município como vereador, segundo fontes contactadas pelo «DL». José Martins Vieira, que tem acompanhado de perto a doença da esposa, em fase de franca recuperação, era, antes de assumir a presidência da Câmara Municipal de Almada, funcionário do Alfeite. E muito provável que volte ao seu emprego inicial, por se encontrar às portas da reforma.

Foi na última sessão municipal, na passada sexta-feira, que Martins Vieira formalizou o seu pedido de auto-suspensão, que aliás vinha sendo anunciada há cerca de um ano, mas que diversas peripécias levaram a sucessivos adiamentos. Na mesma sessão, a detentora dos pelouros de Administração Geral/Finanças e Urbanismo/Habitação foi indicada para presidir aos destinos da Câmara e nessa condição usará da palavra na sessão de homenagem a Romeu Correia pelos seus 70 anos, na próxima terça-feira, dia 17, durante a sessão solene marcada para o Cine-Teatro Almadense, às 21 horas.

Ciclo de conferências sobre "Cidades e História", na Gulbenkian

BEJA, COIMBRA, VISEU E TRÓIA: CIDADES QUE 'VIERAM' DE ROMA

Como as actuais cidades de Beja, Viseu, Coimbra e Tróia se sobrepõem às que foram construídas pelos romanos foi o tema desenvolvido pelo professor Jorge de Alarcão, ontem, em mais uma comunicação integrada no ciclo de conferências «Cidades e História», promovido pela Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian.

«Renovação urbana em Portugal, na época romana» foi o tema da conferência do Dr. Jorge de Alarcão, que ontem teve lugar na Gulbenkian. Reportando–se à sua comunicação de segunda–feira, o historiador referiu–se aos aglomerados populacionais que os romanos encontraram ao chegar ao território português, que para eles não eram «cidades». «Os romanos eram um pouco restritos de espírito, por falta de heranças culturais, tal como nós temos hoje. Para eles 'cidade' correspondia ao forum, ao teatro, às termas, coisas que não encontraram».

Os romanos não introduziram a «cidade» em Portugal, mas sim um novo padrão, um novo modelo citadino. As cidades de Beja, Viseu, Tróia, Coimbra e Conímbriga foram os exemplos escolhidos por Jorge de Alarcão para explicar a «novidade» que os romanos trouxeram ao conceito de cidade. «Infelizmente não temos em Portugal nenhuma cidade completamente escavada», salientou o professor.

Beja: um deserto

«Beja seria um deserto quando os romanos chegaram. Não temos nenhum indício de aglomerado pré–romano naquela zona, apesar de ser um sítio com excelente localização». Beja foi, assim, uma cidade fundada pelos romanos e não transformada, como aconteceu com alguns castros.

A data de fundação de Beja é incerta, não se sabendo se foi edificada no tempo de César ou de Augusto. O seu nome, «Pax Julia», parece indicar, no entanto, que se trata de uma cidade fundada a seguir às guerras civis de Júlio César, altura em que os nomes das urbes eram propangandísticos do clima de segurança alcançado: Pax, Alegria, Felicidade.

O próprio facto de Beja ter tido um nome romano é indicativo da inexistência de qualquer aglomerado pré–romano naquele local, pois as cidades edificadas a partir de castros mantinham o seu nome.

As muralhas da cidade já se sabe que foram erguidas na época de Augusto, apesar de terem sido reconstruídas na época medieval, por Afonso III, por exemplo. Essa «certeza» deve–se ao achado de uma pedra com uma inscrição que refere que Augusto, no ano III ou II a. C., construiu as torres e as portas da cidade. A notícia foi publicada num jornal da cidade em 1829. A pedra, entretanto, desapareceu. As suas torres foram conservadas até ao século XVII, altura em que se construiu no local um colégio jesuíta.

A forma arredondada das entradas da muralha de Beja, situadas na Rua Brito Camacho, são do mesmo tipo em meia–lua da Porta de Mértola, que correspondia ao tipo de fortificação militar romana do fim da República, princípio do Império.

Outro achado importante, no centro da cidade, por detrás da Praça da República, foram alicerces de um templo que, na hipótese do historiador, correspondiam ao forum.

Também os capitéis entretanto encontrados perto das ruínas do templo, pertencem, na pespectiva de Jorge de Alarcão, à basílica do forum. E a fundamentar a sua tese, o professor da Universidade de Coimbra salienta ainda uma calçada romana localizada por Abel Viana na Rua dos Infantes, que supõe que ladeava a fachada lateral do forum, e as ruínas de uma cela, que apareceram no nº 34 da Rua do Touro, quando no século XIX se fez a remodelação da cidade. Para aquele historiador, trata–se da Cúria (sala onde se reuniam os magistrados), pelas suas dimensões e estrutura.

No nº 14 da Rua dos Infantes foi ainda encontrado um capitel de longas dimensões, quando há anos se fizeram obras para a instalação de um bar.

Beja teria sido capital de distrito na época romana, pois o país encontrava–se dividido em Civitates, que eram as circunscrições administrativas romanas, num total de 30, o que corresponde sensivelmente aos nossos actuais distritos. Por isso Beja teria um teatro e um anfiteatro, mas até agora ainda não foram descobertos quaisquer vestígios. No entanto, Felix Caetano Ribeiro refere–se, no século XV, a pórticos e degraus de mármore, que corresponderiam, provavelmente, a um teatro ou anfiteatro.

O caso de Viseu

Viseu sabe–se que foi fundada na época de Augusto, e foi uma cidade romana importante, capital de «cibitæs», apesar da escassez de vestígios. Os achados que o fundamentam são a enorme quantidade de bilhas que se encontraram na cidade. Os romanos ladeavam as estradas com bilhas, a partir da capital distrital, para marcar distâncias.

Viseu era já um centro populacional pré–romano e põe–se a hipótese sa existência de um castro onde hoje está instalada a Sé da cidade, e várias pedras romanas foram utilizadas na sua construção. O primeiro edifício romano na região foi a Cava de Viriato, onde se edificou um acampamento militar romano. Mas, contrariamente ao que era habitual, a população civil não se instalou nele, depois de abandonado, devido à sua salubridade.

Outro vestígio romano apareceu relatado no século XVII, altura em que um autor afirma ter assistido às obras ali realizadas dizendo que foi encontrado um muro com 20 palmos — que corresponde a uma muralha romana —, além de várias pedras fúnebres.

Tróia: um caso anómalo

A cidade de Tróia é um exemplo anómalo de cidade romana, pois foram encontradas necrópoles dentro do perímetro urbano, o que contraria todos os outros casos, em que se encontram sempre fora da área citadina.

Julga–se que a fundação de Tróia não foi decidida pelo imperador ou governo provincial, mas tratou–se de uma iniciativa de particulares. Teriam sido várias famílias importantes de Alcácer que a edificaram, com o fim de explorar a pesca e as indústrias de conservas, o que explica as singularidades encontradas.

Coimbra: um exemplo ímpar

A cidade de Coimbra foi edificada a partir de um aglomerado pré–romano e é um exemplo ímpar da capacidade dos arquitectos portugueses.

O modelo hipodémico da cidade não permitia a geometria do traçado habitual dos arruamentos das cidades romanas, e o próprio forum foi construído num declive, num ponto que não seria o mais cómodo. «Trata–se de um projecto de um arquitecto arrojado, o que prova que a partir de uma certa altura não foi preciso aos romanos trazerem arquitectos de fora, porque já existiam em Portugal cabeças com ideias próprias, não necessitando de recorrer aos modelos romanos existentes», frisou o professor.

O Museu machado de Castro assenta em duas galerias romanas, que pertenciam ao forum, que tinha três andares, sendo um dos maiores que existiram em Portugal.

Conimbriga, a cidade romana mais escavada em Portugal, foi capital regional, mas também um castro pré–romano, como o próprio nome indica.

Cidade edificada nos fins do século III ou princípios do IV, na época do imperador Augusto, deixou fora das suas muralhas algumas casas de época anterior.

Pensa–se que o forum de Augusto foi o primeiro edifício da cidade, que tinha uma tripla função: o templo para a vida religiosa, as lojas, e a cúria, onde assentava a vida administrativa. O forum, construído no final do século I a. C., foi destruído cerca de 90 anos depois, por motivos ideológicos, para se proceder à edificação do forum flaviano, um recinto meramento religioso.

«Não há motivos de evolução de estilos que justifique esta transformação, pelo que a única razão encontrada é o culto imperial, que anteriormente era incipiente», exlica o professor.

«Não são muitos os conhecimentos que se tem sobre as cidades romanas e aqueles que podem vir a ser acrescentados será através de uma leitura crítica, de uma nova interpretação do que é conhecido», concluiu Jorge de Alarcão.

DL NACIONAL

Gestão hospitalar em debate no Porto

Guimarães dos Santos apoia estratégia de Leonor Beleza

O principal opositor do novo bastonário da Ordem dos Médicos nas últimas eleições para a presidência deste órgão afirmou no Porto que a gestão hospitalar «precisa de romper com o passado». Numa curta declaração acerca da matéria que estará em discussão entre 16 e 21 do corrente, na capital nortenha, Guimarães dos Santos acentuou que todos os médicos «devem assumir esta mudança e não se oporem a ela».

Leonor Beleza conta com alguns apoios

O presidente da Comissão Organizadora do «Curso de Gestão Hospitalar» de seis dias que decorrerá, no Porto, a partir de 2.ª feira, disse haver neste domínio «conceitos perfeitamente ultrapassados», destacando, designadamente, «a gestão centralizada que provoca a falta de autonomia científica e administrativo-financeira e os critérios de financiamento em que deve existir uma maior responsabilização dos hospitais».

As posições do concorrente n.º 1 à eleição de Machado Macedo para a presidência da Ordem dos Médicos não diferem muito da lei de gestão hospitalar que a ministra da Saúde quer impor e apresentou à Assembleia da República na anterior legislatura. As declarações ontem proferidas no Porto, que a Lusa veicula no essencial, são entendidas em círculos médicos em apoio a Leonor Beleza e da estratégia que esta desenvolve sobre a lei de gestão hospitalar.

O curso de gestão hospitalar a que Guimarães dos Santos preside e motivaram aquelas e outras declarações, é organizado pelo Centro do Porto do Instituto Português de Oncologia, de que ele é o principal responsável, em colaboração com o Hospital de Santo António. Visa essencialmente, segundo Guimarães dos Santos, «levar ao conhecimento de médicos, enfermeiros, administradores e outros profissionais de saúde, conhecimentos e conceitos actuais na área da legislação hospitalar».

«Nem todos os médicos e outros profissionais têm a perfeita consciência do que urge impor e do papel que lhes deverá ser cometido na mudança», frisou o clínico, acrescentando que «todos devem assumir essa mudança e não serem obstrução a ela».

«Para isso» — frisou — «E preciso criar amplos consensos para que a ruptura com o passado seja feita de uma forma mais harmoniosa».

Guimarães dos Santos considerou que «a qualidade dos serviços hospitalares não pode ser garantida pelas leis do Governo ou pelas circulares e determinações dos seus directores-gerais, pois o factor determinante da mudança reside na motivação dos seus profissionais e na sua estrutura organizativa».

Aquele clínico manifestou à Lusa «esperança» em que o Ministério da Saúde «tenha a coragem de assumir a ruptura com o passado, em termos de legislação da gestão hospitalar», referindo que «não lhes falta a inteligência e a coragem, embora a política seja algo muito complexo».

Entre as mudanças que defende e que serão abordadas durante o curso, Guimarães dos Santos destacou a necessidade de ser outorgada aos hospitais uma autonomia administrativa, financeira e técnico-científica.

O clínico considerou também necessária «uma alteração aos critérios de financiamento dos hospitais» que — salientou — «devem obedecer a critérios de quantidade e qualidade dos serviços prestados, numa avaliação feita em termos modernos».

Guimarães dos Santos disse ainda que a «humanização dos estabelecimentos hospitalares é uma faceta importante na avaliação do hospital em termos de financiamento» e referiu, também, que «se deve proceder, com urgência, a uma profunda alteração na estrutura do funcionamento interno dos hospitais».

Entre os vários temas em debate destacam-se «O Conceito do Hospital Moderno e a Gestão Empresarial», «A Comunicação e Informatização», «O Processo e o Arquivo Clínico», «O Sistema de Financiamento» e «O Planeamento Estratégico», entre outros.

A sessão de Bolsa de ontem

MERCADO NÃO COUBE DENTRO DOS 20%

A substituição ontem da regra dos 5% pela «regra dos 20%», preparatória da total liberalização das variações das cotações a partir de hoje, não foi suficiente para que oferta e procura actuassem livremente. É o que dá a entender a ocorrência de um forte número de descidas de 20%, acompanhada por algumas subidas da mesma grandeza. O mercado não coube dentro dos 20%.

Em Lisboa, dos 97 papéis cotados em Bolsa, 55 desceram, 36 dos quais ao máximo de 20%, e apenas 16 subiram, 4 dos quais em 20%. No Porto, o mercado oficial registou 57 descidas (27 a 20%) contra somente 5 subidas, uma das quais a 20%.

Por outro lado, o problema da liquidez dos títulos não foi senão parcialmente resolvido. Abrandou o bloqueio do mercado na baixa, que já fazia desesperar alguns investidores. Mas, pelas ordens de venda que, sobretudo no Porto, ainda ficaram por satisfazer, parece que o alargamento da queda para 4 vezes mais não conseguiu convencer compradores suficientes para assegurar a liquidez desejada.

Na capital transaccionaram-se 132.524 títulos, num valor total inferior a um milhão de contos: 996.675 contos. O mercado com cotações oficiais gerou 96,9% da transacções e percentagem idêntica do seu valor. No Porto, mudaram de mão 20 mil títulos, no valor global de 195 mil contos. O mercado de acções conheceu aqui um grande incremento em relação à sessão de terça-feira: movimentou ontem 175 mil contos, contra apenas 60 mil no dia anterior.

Apesar das afirmações de várias entidades de que vários títulos atingiram já um preço bastante favorável ao investidor quando confrontado com a realidade económica e financeira das empresas a que dizem respeito, era previsível que a maior parte dos compradores se guardasse, na expectativa de maiores quebras a partir de hoje. Por outro lado, parece também legítima a ilação de que ainda não terá começado a acção concertada dos investidores institucionais- banca, seguros e fundos mobiliários.

Além disso, a partir de agora passa a ser demasiado arriscado, sobretudo para os pequenos accionistas, dar ordens «ao melhor», quer de venda, quer de compra. Mas, ontem houve uma certa irracionalidade nas ordens de venda, com muitos investidores a perderem num dia aquilo que antes demorava uma semana a perder, o que pode ser visto como um sinal (mais um) de que a confiança ainda não foi restabelecida em muitos dos intervenientes no mercado.

Se as ordens de venda ao melhor não satisfeitas ontem se mantiverem para hoje, então poderão surgir «surpresas pouco agradáveis», para quem arriscar com vista a obter rapidamente uma maior liquidez, dizia ontem à Lusa um observador do mercado.

Cadilhe

O ministro das Finanças está convicto de que os mercados de acções vão retomar o equilíbrio, nos próximos dias, esperando-se ordens de compra, de valor muito significativo, por parte dos investidores institucionais.

Miguel Cadilhe falava no final de uma reunião do Conselho Nacional das Bolsas que durou cerca de quatro horas, mas de cujos resultados concretos não foram prestadas declarações à Imprensa.

«A reunião decorreu o melhor possível, as conclusões foram muito positivas, mas não vou dizer quais» — disse Miguel Cadilhe, ao ser abordado pelos jornalistas.

Segundo o Ministro, os reflexos das decisões tomadas serão conhecidas dentor de dias.

Convidado a pronunciar-se sobre o futuro papel dos pequenos investimentos no mercado de capiatis, Miguel Cadilhe disse, apenas, que «teêm de estar avisados», acrescecntando: «Há um ano que estão avisados, mas as pessoas só veêm e ouvem quando querem ver e ouvir».

Quanto ao papel dos investidores estrangeiros declarou que «ninguém pode adivinhar» qual será o seu comportamento.

Apesar disso, manifestou-se convicto que «continuarão presentes, com muita força, no mercado português».

«Estou convencido que a procura no mercado de acções, em Portugal, vai também ser reanimada, por esse lado» — disse.

Instado a pronunciar-se sobre as disposições do próximo Orçamento de Estado no que respeita a incentivos fiscais ao mercado de acções, Miguel Cadilhe respondeu: «Em 1986 os incentivos foram maiores que em 1987, é natural que, em 1988, estes incentivos sejam menores que em 1987».

Constâncio: amadorismo

O secretário do PS, Vítor Constâncio, considera que, «no contexto da relativa estabilização das bolsas estrangeiras, a situação actual da Bolsa portuguesa revela o grande amadorismo do Governo português».

Referindo-se à reunião de quarta-feira entre o Conselho da Bolsa e o ministro das Finanças, Constâncio afirmou:

«Não quero acreditar que o Governo tenha dado ordens expressas aos bancos para comprarem acções para si próprios».

«A gestão prudencial dos bancos e a defesa dos direitos dos depositantes não deve permitir sistemáticas aplicações de elevado risco», acresecntou o líder socialista em entrevista à RDP/«Antena Um».

«O contrário seria o Governo pretender, agora, pela via dos bancos públicos, a socialização obrigatória de prejuízos», disse.

«Mas» — frisou — «se os bancos vão intervir, deviam tê-lo feito hoje (quarta-feira)».

«Deixou-se cair o valor total das acções cotadas em cerca de 200 milhões de contos, para além dos 800 milhões que eu próprio tinha referido e que o ministro da Finanças reconheceu, sem dar um sinal seguro de estabilização do mercado», acrescecntou.

«É necessário que o Governo tome medidas correctas e a tempo sobre o mercado de capitais», concluiu.

O.P.V.'s adiadas

• A Copidata, SA, vai realizar uma Oferta Pública de Venda de 150.000 acções, a um preço base de 4.000 escudos cada, na Bolsa de Valores de Lisboa, mas a data está por definir. Leal dos Santos, director-geral da Copidata disse que a data inicialmente prevista de 23 de Novembro foi adiada e a sua marcação definitiva aguarda melhor «clima conjuntural» do mercado de capitais. Depois da realização da OPV, a empresa vai aumentando o capital social de 600 mil para 900 mil contos, por incorporação de reservas e distribuição de uma acção por cada duas já detidas.

• A Fernorma, Empresa de Comércio e Importação de Ferramentas Normalizadas, suspendeu a realização de uma Oferta Pública de Venda de 30.000 acções «até à clarificação do mercado financeiro». A empresa tinha nos seus planos vender 30.000 acções, com um preço base de 2.500 escudos. O director financeiro da Fernorma acrescentou que, em consequência da suspensão da OPV, ficou adiado o aumento do capital social da empresa de 75.000 para 150.000 contos.

Novas OPV's

• A J. Soares Correia, Armazéns de Ferro SA, vai realizar uma Oferta Pública de Venda de 90.000 acções no dia 23 de Novembro, na Bolsa de Valores do Porto. O preço de cada acção a leiloar é de 5.000 escudos. A subscrição deste aumento de capital é reservado aos accionistas e cada acção a comprar tem um preço de 1.750 escudos.

•A Perfiladora vai realizar uma Oferta Pública de Venda de 36 mil acções com um preço base de 5 mil escudos cada, na Bolsa de Valores do Porto. A data prevista é 7 de Dezembro. O encaixe destina-se, na sua totalidade, a ser investido na empresa.

•A Oliva, Industrias Metalúrgicas SA, que realiza no dia 23, na Bolsa do Porto, uma Oferta Pública de Venda de 426 mil acções, obteve, nos dez meses deste ano, lucros líquidos de 117.7 mil contos. O preço base das acções a vender no dia 23 será de 2 mil escudos.

•A Refrige, produtora da Coca Cola em Portugal e de outros refrigerantes, vai aumentar o seu capital social de 700 mil para 850 mil contos lançando 25 por cento do aumento na Bolsa de Lisboa em data ainda não anunciada.

Nova Sociedade

A SIOF — Sociedade Internacional de Operadores Financeiros, foi ontem constituída em Lisboa com um capital social de 30 mil contos, que no início de 1988 deverá subir para 50 mil. Esta nova empresa de consultadoria financeira é encabeçada por Acácio Gomes, ex-comentarista de assuntos financeiros do semanário «Expresso»

Obrigações

•A Companhia Portuguesa de Cobre SA vai emitir 500 mil obrigações, com o valor nominal de mil escudos cada

Manufactures Hanover tem estatuto de banco comercial

A sucursal do banco norte-americano «Manufactures Hanover Internacional Holding Corporation», que opera em Portugal desde Novembro de 1984, foi autorizada pelo Governo a constituir-se em banco comercial. Esta instituição bancária passará a ser denominada de Banco Manufactures Hanovers (Portugal). O manufactures Hanover é o quarto maior banco norte-americano e registou, em 1986, lucros avaliados em 400 milhões de dólares. Os seus activos ascendem a 75.000 milhões de dólares e o seu capital social a 7.000 milhões de dólares. O Manufactures registou um lucro liquido de cerca de 550.000 de contos em 1986.

AGIP (petróleos) estabelece-se em Portugal

A empresa petrolífera italiana AGIP, abastecedora das escudeiras transalpinas no mundial de «Fórmula Um», vai comercializar os seus produtos lubrificantes em Portugal, tendo assinado em Lisboa o respectivo contrato. A AGIP-Petroli e a MECOL, representadas por Andrea Abbiati e Maria do Rosário Carvalho Teixeira, respectivamente director-geral e presidente do Conselho de Administração, assinaram o contrato, segundo o qual a empresa italiana, que em 1986 teve o maior volume de vendas, pode comercializar os lubrificantes em Portugal.

Investimento comunitário triplicou

Os investimentos dos países da Comunidade Europeia aplicaram directamente em Portugal, nos primeiros 10 meses deste ano, três vezes mais dinheiro que em igual período de 1986. Números do Instituto do Investimento Estrangeiro (IIE) indicam que, de Janeiro a Outubro último, os países da CEE investiram directamente em Portugal cerca de 32,1 milhões de contos, contra 11,1 milhões no mesmo período do ano passado. Os investimentos de origem comunitária, no período, representam 73 por cento do montante total de dinheiro aplicado directamente em Portugal por investidores estrangeiros. No mesmo período do ano pasado, os investimentos da CEE equivaliam a 63,4 por cento dos totais. No total, de Janeiro a Outubro deste ano, o Investimento directo estrangeiro em Portugal ascendeu a 43,8 milhões de contos, valor duas vezes e meia superior ao de igual período de 1986, que foi de 17,5 milhões de contos. Deste investimento resultou a entrada de divisas no País no valor de 35,8 milhões de contos, contra 14,8 milhões de 1986. Entre os países da CEE que maiores montantes investiram em Portugal destacam-se o Reino Unido (10,5 milhões de contos), Espanha (9,3 milhões), Alemanha Federal (3,3 milhões) e a França (3,1 milhões).

CEE emprestou 190,3 milhões de ECUS a Portugal

Portugal recebeu da CEE, em 1986, empréstimos num montante de 190,3 milhões de ECUS, ou seja, 2,2 por cento do total dos créditos concedidos pela Comunidade Europeia. O volume total dos empréstimos concedidos pela CEE, em 1986, ascendeu a 8.583 milhões de ECUS, o que representa um aumento de 1 por cento em relação ao ano anterior, revela um relatório da Comissão Europeia. Do total dos empréstimos concedidos, 36 por cento destinou-se ao sector energético, 33 por cento ao sector empresarial e 31 por cento a infraestruturas. Geograficamente, o país que mais empréstimos obteve da CEE foi a Itália, com 40,7 por cento do volume total, seguida da Grã-Bretanha, com 17,9 por cento.

Balança luso-britânica favorável a Portugal

O saldo da Balança Comercial luso-britânica no primeiro semestre de 1987 foi favorável a Portugal em 8,4 milhões de contos, mas o superavit foi inferior em relação ao mesmo período de 1986 (19,8 milhões de contos). Esta diferença deve-se a um forte aumento das importações de produtos britânicos no primeiro semestre de 1987, de 75,6 milhões de contos, contra 55,3 milhões no mesmo período do ano passado. As exportações portuguesas aumentaram de 75,1 milhões de contos para 84 milhões.

Economistas em debate na SEDES

POLÍTICA EXPANSIONISTA SEM REFORMAS ESTRUTURAIS TRARÁ DE NOVO O FMI

O adiamento da resolução da posição do dólar no sistema monetário internacional e o espectro de uma guerra de taxas de juro entre os principais países industrializados poderão marcar o começo de uma recessão mundial, da qual Portugal ainda retirará alguns dividendos - através da melhoria dos termos de trocas - até que a política expansionista - sem alterações estruturais e recorrendo ao endividamento externo - faça aterrar no aeroporto uma nova delegação do FMI que nos imponha mais uma fase de paragem económica.

Embora a economia portuguesa ainda possa ter à sua frente alguns anos de róseo funcionamento, beneficiando de um choque externo que nunca foi tão favorável, grandes embaraços poderão surgir caso se verifique um retrocesso dos mercados financeiros - agora que se desestimulou com a queda a sua desintermediação - e se mantenha a inexistência de reformas estrúturais ao nível da esfera produtiva.

Este o panorama nacional sintetizado em mais um encontro da Associação para o Desenvolvimento Económico e Social - SEDES - que, desta vez, reuniu ontem os economistas Silva Lopes, João Salgueiro, Walter Marques e Fernando Ulrich em torno do tema «E depois de 19 de Outubro, que vai mudar na economia?».

Para Silva Lopes, 1988 ainda vai ser «um bom ano». A Balança de Pagamentos ainda gozará, embora a um ritmo menos acentuado, da melhoria de termos de troca que esteve na origem, este ano, de um acréscimo do poder aquisitivo.

A redução dos preços relativos dos produtos primários comparativamente aos exportados, na opinião daquele economista, sustentará ainda uma política expansionista que tudo indica estender-se até ao fim do mandato do actual Governo, marcado pela realização de mais dois actos eleitorais.

A inflação, segundo pensa Silva Lopes, baixará aos seis por cento, de acordo com as previsões governamentais, mercê da política salarial, instrumento que tem sido, como disse, «utilizado com mestria e com a colaboração da parte sindical».

Esta indexação, considerada «explosiva» por João Salgueiro, poderá destabilizar os planos desenhados quando «a peça do 'puzzle' deixar de encaixar». Até ao momento, como afirmou Silva Lopes, os níveis de inflação têm se mantido em decréscimo graças à canalização do consumo para a importação, o que, por obra dos termos de troca, ainda não foi suficiente para desequilibrar as contas externas.

Como salientou, este panorama «não é eterno», não sendo possível manter uma política expansionista com acréscimos de importações de vinte por cento. Para o economista, a eventual expansão até 1991 - possível pela ausência de «travão externo» - será resolúvel através do endividamento externo, prevendo Silva Lopes que esse aumento fará passar a dívida actual de 16 para 24 mil milhões de dólares.

Sem política industrial

Neste contexto, e esboçando um cenário mais escurecido, João Salgueiro sublinhou que, até ao momento, não existe qualquer política industrial, possível através de uma concertação a vários anos entre o Estado e as principais empresas de diversos sectores.

Para João Salgueiro, acentua-se a especialização em ramos de reduzidos ritmos de procura - como é o caso das indústrias de vestuário, calçado, e têxtil -, comparativamente a outros, como a electrónica, levando-o a descrer que os ajustamentos necessários se façam unicamente por acção do mercado, à qual apenas reconheceu capacidade para ajustamentos marginais e sucessivos, mas nunca estruturais.

Estas alterações mais relevantes se tornam com a concorrência crescente dos novos países industriais que conseguirão colocar nos mercados os mesmos produtos a preços mais competitivos, situação esta agravada com o espectro de recessão mundial que todos foram unânimes em considerar como próxima. A recessão não assuirá os aspectos de outras ocasiões, dado que, desta vez, não existirá a «bóia»da procura dos países em desenvolvimento, sufocados pela exigência do pagamento das dívidas externas que os levará a maiores reduções do seu poder aquisitivo de produtos dos países industrializados.

Tudo isto se poderá adiar se, como disse Silva Lopes, houver o juízo suficiente para um acordo entre os maiores para que o Japão e a RFA estimulem a procura interna, o que até agora tem sido recusado. Resta a utopia ainda de uma Nova Ordem Económica Internacional com os países em desenvolvimento a puxar o fardo pesado das economias paradas.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$50	56$50
ALEMANHA FED. (marco)	79$95	81$15
ÁUSTRIA (xelim)	11$35	11$55
BÉLGICA (franco)	3$644	3$894
BRASIL (cruzado)	1$308	2$008
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	101$65	104$15
(notas de 5 a 1000)	102$15	104$65
DINAMARCA (coroa)	20$70	21$10
ESPANHA (peseta)	1$160	1$280
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	134$05	137$55
(notas de 5 a 1000)	134$55	138$05
FINLÂNDIA (marka)	32$55	33$15
FRANÇA (franco)	23$55	24$25
HOLANDA (florim)	70$95	72$05
IRLANDA (libra)	214$05	218$05
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	$950	1$005
NORUEGA (coroa)	20$95	21$45
REINO UNIDO (libra)	239$55	244$05
SUÉCIA (coroa)	22$10	22$60
SUÍÇA (franco)	97$50	99$00
VENEZUELA (bolívar)	4$060	5$070

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Em causa a acção de instituições financeiras sobre a Bolsa

"Não haverá intervenção maciça"

— afirmam analista e vice-governador do Banco de Portugal

«Não vai haver intervenção maciça na Bolsa por parte dos investidores institucionais», afirmou, ontem, Fernando Ulrich, responsável do Banco Português de Investimento e um dos intervenientes no debate que se realizou na sede da Associação para o Desenvolvimento Económico e Social - SEDES.

A afirmação foi corroborada pelo vice-governador do Banco de Portugal, Walter Marques, também presente, tendo sido sublinhado que a intervenção se fará por iniciativa das instituições públicas e privadas, limitadas a um determinado montante e a um «prazo determinado de dias considerados necessários para a retoma do mercado».

A situação de perda de confiança que agora se pensa colmatar foi resultado, na opinião de Fernando Ulrich, da confiança dos agentes económica na expansão económica, da intervenção liberalizada de estrangeiros sem que se tivesse pedido uma revogação em Bruxelas dos Tratados de adesão, nomeadamente quanto à possibilidade de «fundos fechados» - incapacidade de levantar mais valias -, e ainda do funcionamento cumulativo das regras de cinco e vinte por cento, juntamente com a especulação, manipulação, «menor transparência» no funcionamento dos mercados.

Quanto à queda das Bolsas nacionais, Fernando Ulrich mencionou , além dos factores motivadores da alta das cotações que levariam fatalmente a uma queda, a indefinição do quadro legal das OPVs e as «declarações avulso sobre aspectos parcelares da Reforma Fiscal», com o «auditor a controlar preços» e a «filtrar-se para a imprensa que o mercado iria estabilizar».

Como disse, «falta saber como e quando vão os fundos reabrir» e «qual o quadro fiscal que permita uma calendarização da oferta».

Fernando Ulrich acabaria por criticar o Estado como o maior vendedor de gatos por lebre, quando «todos os títulos emitidos por ele estão cotados abaixo do valor nominal», sendo ainda o Governo responsável pela obrigatoriedade das empresas apresentarem projecções das suas contas a 5 anos - contrariamente a outros casos internacionais onde se pede apenas um ano -, motivadora de autênticas futurologias, com lucros a saltar de 50 mil contos, para cem mil no seguinte e finalmente para três milhões...

PELO MUNDO

• O construtor automóvel alemão federal **BMW** anunciou um volume de negócios (casa-mãe) de 14.424 milhões de marcos, durante os primeiros 10 meses de 1987, ou seja, um aumento de 17,3 por centos em relação ao mesmo período de 1986. Os lucros em 1987 deverão ser tão elevados como os dos anos anteriores (337,5 milhões de marcos em 1986) — indicaram os dirigentes da BMW, uma sociedade com sede em Munique (RFA).

• O grupo norte-americano de informática **Unisys** vai adquirir por cerca de 310 milhões de dólares, a Timeplex, uma firma que explora as redes de comunicação de dados a longa distância. Trata-se da primeira grande aquisição da Unisys desde a sua criação em 1986, na sequência da compra da Sperry pela Burroughs, por 4.800 milhões de dólares.

• O organismo financeiro **«Abu Dhabi Investment Authority» (ABIA)**, dos Emirados Árabes Unidos, detem desde há duas semanas cerca de 5 por cento do capital da Companhia Francesa de Petróleos, por aquisição em bolsa.

• As vendas dos três grandes construtores de automóveis norte-americanos — **General Motors, Ford e Chrysler** — aumentaram 11,2 por cento nos dez dias que se seguiram à crise em Wall Street, segundo estatísiticas reveladas nos Estados Unidos. Os três construtores venderam 318.133 automóveis e camionetas, entre 21 e 31 de Outubro, ou seja, mais 32.062 do que no ano anterior no mesmo período.

• **O Banco do Japão** não tem intenção de reduzir de imediato a sua taxa de desconto, reafirmou o governador desta instituição, Satoshi Sumita. A primeira prioridade do Banco do Japão é evitar um regresso à inflação, que poderá resultar de uma nova baixa do crédito, acrescentou.

• **O Japão** foi condenado pela fiscalidade imposta aos vinhos e outras bebidas alcoólicas importadas da CEE, num veredicto apresentado em Genebra pelo grupo especial do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio).

• O banco norte-americano de negócios **Shearson Lehman Brothers** anunciou prejuízos de cerca de 70 milhões de dolares, em Outubro, 46 milhões dos quais causados pela subscrição de novas acções da British Petroleum (BP).

A PODEROSA ECONOMIA SUBMERSA DA EUROPA

Federico Maza

Exclusivo EFE/«DL»

Alguns apelidam-na da economia na sombra ou, informalmente, economia marginal, negra; na Europa Oriental é conhecida por economia secundária, embora os italianos, peritos no assunto, a tenham denominado economia submersa, visto desenrolar-se de forma subterrânea, sob a actividade visível e legítima. Se emergisse, os resultados seriam catastróficos — previu um professor de Turim — sobretudo em Itália, onde se encontra fortemente implantada. Não há país em que esta activiade oculta não exista; a sua principal característica é a ilegalidade, pois não consta nos registos oficiais nem paga impostos ou contribui para outros fundos.

O poder estatal reage automaticamente contra todo o comportamento que discorde com a lei, pelo que, à partida, a economia submersa é geralmente reprimida. Contudo, na Europa, onde o fenómeno alcançou já uma dimensão considerável, a prudência e o realismo — quando não a impotência — debilitaram e travaram a acção dos perseguidores.

Desde Portugal aos Montes Urales, e considerando tanto as áreas capitalistas como as socialistas, aproximadamente 10% dos bens e serviços produzidos globalmente têm origem em trabalhadores e empresas independentes, sem licença fiscal ou contribuição para a segurança social. Uma boa parte da confecção exposta nas lojas de Paris deriva de cerca de duzentos alfaiates ilegais, imigrantes estabelecidos nos subúrbios. Na RFA o produto da economia submersa foi calculado em dezasseis mil milhões de dólares, estimando-se em seis mil milhões a quantia que o governo britânico perde anualmente devido ao trabalho não declarado dos súbditos da coroa. Fontes ocidentais garantem que uma elevada percentagem da população intervém na economia submersa dos países de Leste, sobretudo na Hungria, Polónia e Bulgária.

Bairros inteiros em Nápoles foram reorganizados por empresas intermediárias, as quai centralizam a actividade das múltiplas manufacturas domésticas, alheias ao controlo estatal. Algo similar ocorre em Espanha, onde certos Comerciantes «submergiram», após declararem falência, dispersando a maquinaria pelas casas dos seus antigos operários.

Operários, prostitutas, arquitectos, médicos e imigrantes

A apanha dos frutos, especialmente de laranjas, uvas, azeitonas e maçãs, gera, na região do Mediterrâneo, a oportunidade para um recrutamento massivo e ilegal de mão-de-obra. Nos países economicamente mais fortes do continente, como a RFA, Suíça, Suécia ou mesmo a França, deparamos com um vasto exército de imigrantes sem documentação, cuja proibição de trabalhar legalmente os atira para as actividades negras.

Também a prostituição se enquadra no esquema geral da actividade submersa. Contudo, o fenómeno engloba igualmente arquitectos, contabilistas, advogados, médicos, programadores de informática e outros profissionais que preferem — muitas vezes em regime de «part-time», mas também a tempo inteiro — não constar nos registos de trabalho. Desde logo, o sistema generaliza-se, sobretudo a nível de prestação de serviços ao domicílio, como é o caso das reparações de todo o tipo e da contratação de pessoal doméstico.

A economia submersa cresceu na Europa Ocidental como consequência da recessão dos anos setenta e do aumento da taxa de desemprego. O seu desenvolvimento continuou a manifestar-se até aos dias de hoje, sem ligar às previsões teóricas que anunciavam a sua decadência a par do término da crise energética que a originara.

Em, Itália alteraram-se as tabelas oficiais do produto nacional bruto; crê-se que um milhão de italianos inscritos no fundo de desemprego mantêm uma ocupação regular na economia submersa.

«A Itália, é muito mais rica do que os indicadores económicos actuais nos querem fazer crer», afirmou um perito. As empresas ocultas não só proporcionam emprego e aumentam o PIB, como também mantêm — devido à sistemática fuga aos impostos e contribuições sociais — a competitividade internacional de alguns ramos industriais do país, como os têxteis e as manufacturas de pele.

Os novos paraísos da economia ilegal

Um em cada dois desempregados da Andaluzia tem um posto de trabalho — afirmam os funcionários do governo de Madrid —, embora o faça sem os benefícios da chamada sociedade do bem-estar, em situações que têm pontos de referência com formas anacrónicas da relação laboral. Espanha tem a taxa de desemprego mais elevada de toda a Europa, cerca de 22%, e os comentadores descontam já a proliferação das várias manifestações de economia submersa que se fazem sentir pelo país.

Contudo, estas actividades tiveram um extraordinário aumento nos anos oitenta na RFA, apesar da imagem de perfeição transmitida por este país. As especialidades ilegais centram-se sobretudo na reparação de automóveis e na hotelaria. 7,5% dos alemães — excluindo a grande massa de estrangeiros sem residência legal — têm actividades não declaradas. Günter Wallraff, um jornalista que passou por emigrante turco durante dois anos, afirma numa reportagem que o trabalho submerso de baixo salário está à disposição de quem quer que seja em qualquer local da RFA.

Os trabalhadores ilegais ascendem a dois milhões em França e na RFA, e a um milhão na Itália. A Suécia tem 80 000 e as autoridades da Jugoslávia crêm que 10% das pessoas em actividade têm outra ocupação.

Uma empresa contratada para ampliar o edifício de um ministério federal em Bona delegou recentemente a tarefa num subempreiteiro submerso que a levou até ao fim. Na Grã-Bretanha, todo um complexo turístico foi erguido sem qualquer papelada burocrática, nem sequer uma autorização municipal de construção.

Para os teoricos liberais, e mesmo segundo a própria Margaret Thatcher, a economia submersa «é a resposta da sociedade à interferência estatal». Outros definem-na como o primeiro estágio das empresas em maturação. Entre a aplicação da letra da lei e o temor das represálias da repressão, o debate sobre a economia paralela alcançou proporções quase tão amplas quanto a matéria abordada.

Em Itália, onde a investigação do assunto parece exaustiva, existe um outro ponto de vista, pertencente a Luigi Frey, da Universidade de Roma. Esse professor afirmou que tanto a legislação laboral como a própria noção de trabalho «foram superadas pelo desenvolvimento da economia submersa».

DE SAGRES SEMPRE SE PARTE
Central de Cervejas

CENTRALCER — CENTRAL DE CERVEJAS, EP

Av. Almirante Reis, 115 — LISBOA
Capital Estatutário — 3 900 000 000$00
Registada sob o n.º 85

OBRIGAÇÕES CENTRAL DE CERVEJAS / 85

Informam-se os Senhores Obrigacionistas da emissão de obrigações Central de Cervejas / 85 que, de acordo com as condições de emissão, estará a pagamento a partir do próximo dia 15 de Novembro de 1987 o juro respeitante ao cupão n.º 4, cujo valor por obrigação é o seguinte:

juro ilíquido	*90$00*
imp. s/Suc. e Doações (5%)	*4$50*
juro líquido por obrigação	*85$50*

Mais se informa que, tendo sido realizado no passado dia 27 de Outubro de 1987, o 1.º sorteio de títulos, podem os Senhores Obrigacionistas proceder à respectiva regularização a partir do próximo dia 15 de Novembro de 1987.

Os Senhores Obrigacionistas deverão dirigir-se às seguintes Instituições Financeiras:

BPSM, CGD, BFN, BNU, BPA, BESCL, CISF

onde podem tomar conhecimento dos títulos sorteados e onde se procederá ao pagamento quer dos juros quer dos títulos sorteados.

Lisboa, 28 de Outubro de 1987

O CONSELHO DE GERÊNCIA
Central de Cervejas, EP
(Assinaturas ilegíveis)

Polícias israelitas prendem jovens palestinianos em Gaza, depois destes terem apedrejado carros com matrícula de Israel

O primeiro laboratório para despistagem dos casos de Sida em Cabo Verde foi já instalado e encontra-se em fase de teste no hospital da Cidade da Praia - anunciou António Moniz, director do estabelecimento. Este laboratório, que será inaugurado oficialmente a curto prazo, foi montado por técnicos caboverdeanos e franceses ao abrigo de um programa de apoio e formação entre as autoridades de Cabo Verde e o Instituto Claude Bernard, de França. O laboratório, bem como outros programas de apoio ao combate à doença em Cabo Verde, são financiados em cerca de 400 mil francos franceses no âmbito da cooperação com o instituto C. Bernard. Os primeiros casos de Sida foram identificados em Cabo Verde ainda em 1986, mas só este ano as autoridades desencadearam várias acções de sensibilização das populações sobre a doença.

Guerrilheiros peruanos caminham em plena se forças de segurança que os perseguem

Reagan nomeia Kennedy para o Supremo Tribunal

O presidente Reagan propôs ontem o juiz Anthony kendy para o Supremo Tribunal, depois de terem falhado as suas duas escolhas anteriores para o cargo antes ocupado por Lewis Powell, agora reformado. Kennedy, de 51 anos, é um juiz californiano descrito pelo chefe da Casa Branca como «um magistrado duro e justo que respeita a lei», e deverá ser nomeado para este importante cargo vitalício até ao fim da semana. Reagan apresentou o seu candidato como um «verdadeiro conservador», afirmando que o seu passado profissional e pessoal tinha sido verificado pelas autoridades norte-americanas e que o seu perfil se ajusta perfeitamente às funções para as quais é proposto. Esta investigação exaustiva da vida privada e pública de Anthony Kennedy está directamente relacionada com a desistência do anterior candidato proposto por Reagan, Donald Ginburg, que acabou por apresentar a sua desistência após admitir publicamente que tinha fumado marijuana. Prevê-se que Kennedy seja apoiado tanto pelos republicanos como pelos democratas que, em maiora no Senado, rejeitaram o primeiro candidato proposto pelo presidente norte-americano — Robert Bork — após um controverso debate baseado na convicção, manifestada pelos democratas,de que as opiniões deste juiz sobre o direito à privacidade individual e às liberdades civis eram demasiado restritivas. Kennedy confessou-se «encantado» por ter sido escolhido por Reagan para substituir Powell, e, interrogado pelos jornalistas, afirmou peremptoriamente nunca ter fumado marijuana. O porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, anunciou entretanto que o presidente dos Estados Unidos só apresentará formalmente o seu terceiro candidato depois de terem sido concluídas as investigações sobre Kennedy, que já foi interrogado pelo FBI durante dez horas, para apurar a verdade sobre o seu passado.

Nações Unidas a braços com dificuldades financeiras

As Nações Unidas voltam a ter dificuldades financeiras graves que colocam a organização «ante o perigo real de não poder satisfazer as suas obrigações ordinárias», informou o secretário-geral Perez de Cuellar aos governos dos países membros. «Os atrasos crónicos nos pagamentos das quotas correspodentes» são a causa directa da crise que já no ano passado forçou a uma política drástica de cortes orçamentais e à congelação de alguns serviços. Nos finais de Setembro, 97 dos 159 países que integram a ONU estavam atrasados no pagamento das quotas. As suas dívidas rondaram os 520 milhões de dólares, enquanto o orçamento para gastos ordinários da ONU foi este ano de 800 milhões de dólares. Perez de Cuellar convocou terça-feira o embaixador norte-americano Vernon Walters para abordar o problema que foi colocado sobretudo devido à grande morosidade dos Estados Unidos nos pagamentos. Os EUA, o principal dador, contribui com 25 por cento do orçamento da ONU e o seu atraso no pagamento das quotas é o que mais se faz sentir nas contas. A administração norte-americana pediu em repetidas ocasiões que fosse revisto o sistema de quotas e justificou o seu atraso no pagamento acusando a ONU de actuar contra o Ocidente, de ser ineficaz e sofrer um excesso de burocracia. Os países ocidentais são, no conjunto, os mais pontuais no pagamento das contribuições. Salvo a França, todos os parceiros da Comunidade Europeia pagaram a sua quota de 1987 antes de 30 de Setembro.

LIGA ÁRABE CONDENA O IRÃO E EXP SOLIDARIEDADE COM O IRAQUE

A cimeira da Liga Árabe , que durante quatro dias esteve reunida em Aman, condenou o Irão e exprimiu a sua solidariedade para com o Iraque. Os 21 Estados membros da organização apoiaram ainda a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas que apela a um cessar-fogo imediato na guerra do golfo Pérsico.

«A conferência condenou o Irão por ocupra o território iraquiano e adiar a implementação de um cessar-fogo pedido pelas Nacões Unidas», segundo afirma o comunicado final da cimeira ontem divulgado em Aman.

Foi a primeira vez, em oito anos, que os 21 Estados mebros da Liga Árabe se fizeram representar numa cimeira da organização. Os participantes, incluindo a Síria— velho inimigo do Iraque— aceitaram a sugestão de Bagdade de que deveria ser implementada, na sua forma original, a resolução 598 do Conselho de Segurança da ONU.

Os líderes árabes manifestaram também solidariedade para com o Kuwait «no âmbito da agressão do regime iraniano» e condenaram aquilo que rotularam de «acontecimentos criminosos e sangrentos cometidos pelos iranianos» em Meca, aludindo aos confrontos que em Julho envolveram peregrinos iranianos na Arábia Saudita e nos quais morreram mais de 400 pessoas.

Egipto: o grande ausente

A Síria, que se decidiu a condenar o Irão, país que até agora tem apoiado, recusou, contudo as propostas apresentados por outros Estados árabes para a readmissão do Egipto na Liga, de onde foi expulso na sequência da assinatura com israel dos acordos de Camp David, em 1988.

No entanto, e conforme ontem noticámos, a Liga considerou que os Estados membros são livres, individualmente, de reatarem as suas relações diplomáticas com o Egipto. Esta decisão foi elogiada pelo primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir.

Seis nações árabes anunciaram já que vão reatar relações com o Cairo. Entre elas contam-se o Iraque, os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait.

A Líbia dissociou-se, entretanto, das decisões «de inspiração norte-americana» adoptadas pelsa Liga Árabe.

Irão envia emissário à ONU

O Irão concordou ontem em enviar um emissário às Nações Unidas para conversações com o secretário-geral, Javier Perez de Cuellar acerca da iniciativa de paz da ONU sobre a guerra Irão-Iraque.

O Iraque aceitara já anteriormente o convite de Perez de Cuellar, indicando que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Tariq Aziz, poderia deslocar-se a Nova Iorque ainda esta semana.

Ortega na OEA reitera pedido de negociações bilaterais com os Estados Unidos

O Presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, afirmou na Organização dos Estados Americanos (OEA) que o seu país cumprirá «todos» os compromissos do acordo de pas da Guatenala «no âmbito da simultaneidade». Ortega reiterou também o seu pedido de negociações bilaterais com os Estados Unidos.

«A maior contribuição que o Presidente Ronald Reagan pode dar a este acordo e à paz é entregar os 270 milhões de dólares (atribuídos aos «contras») para o desenvolvimento das Honduras, El Salvador, Costa Rica e Guatemala», precisou.

Discursando nos trabalhos da assembleia geral da OEA a decorrer em Washington, Ortega limitou-se fundamentalmente a rebater as acusações norte-americanas de que os sandinistas não cumpriram as promessas feitas em 1979 nesta organização.

«A Nicarágua quer deixar bem clara a sua vontade de cumprir o acordo de paz e esperamos da comunidade internacional maior pressão sobre o Governo dos EUA para acabar com a sua agressão e começar a trabalhar seriamente pela paz», disse Ortega.

O Presidente nicaraguense pediu também a entrada em funcionamento da comissão internacional de verificação e seguimento do acordo de paz (civis) para comprovar a não existência de bases estrangeiras na Nicarágua.

Panamá acusa EUA

O Panamá é vítima de uma agressão moral e económica por parte dos EUA, denunciou em Roma Hirisnel Sucre, ministro panamiano do Desenvolvimento Agro-Pecuário.

Num discurso perante ministros e altos funcionários dos 153 países participantes na conferência geral da organização da ONU para a agricultura (FAO), Sucre anunciou que os EUA tinham suspenso «de forma arbitrária» a assistência bilateral de créditos acordada entre os dois países.

As relações entre os dois países iniciaram um período de tensão a partir de Agosto, quando no Panamá se iniciaram protestos de grupos centro-direita contra o chefe das forcas de defesa do país, general Manuel Noriega.

Itália: liberais adia sobre a saída de g

O pequeno Partido Liberal Itali decisão sobre a possibilidade de s primeiro-ministro Giovanni Goria meira da coligação governamental gências em política economica.

A conferência dos líderes dos par coligação decorrerá sexta-feira, n Renato Altissimo, considerou dific ção para a crise, que poderá derrub em funções há três meses, integrad tãos, socialistas, republicanos, soci rais.

O gabinete de Giovanni Goria, Guerra Mundial, continuaria a man mentar sem os liberais, que têm u mas seria submetido a fortes pressõ deixar de ser o executivo empossad

Altissimo disse terça-feira à noi rança do partido que abandonass oposição liberal à revisão do orç qual se suspende reduções de impos dadas.

Concordou, contudo, em adiar e longa reunião com Giovanni Goria

plena selva, tentando escapar às

XPRIME

Os Estados Unidos anunciaram, entretanto, que um novo comboio naval protegido pelas suas forças começou ontem a atravessar o golfo Pérsico.

O comando central norte-americano sediado em Tampa, Florida, afirmou que seis navios comerciais e quatro fragatas equipadas com mísseis passaram o estreito de Ormuz às primeiras horas da madeugada de ontem.

O comboio, o maior de sempre a percorrer o golfo, inclui três petroleiros kuwaitis.

A alguma distância deste comboio naval seguia um petroleiro japonês, sob pavilhão panamiano, que foi atacado com granadas lançadas de vedetas iraninas.

adiam decisão do governo

ral Italiano adiou ontem a sua ade de sair do governo após o i Goria ter convocado uma ci- amental para discutir as diver- nica.

dos partidos representados na -feira, mas o dirigente liberal, ou dificil encontrar uma solu- derrubar o governo de Goria, ntegrado por democratas-cris- os, sociais-democratas e libe-

Goria, o 47º desde a Segunda a manter uma maioria parla- e têm uma pasta no governo, s pressões para se demitir por mpossado em 28 de Julho. ra à noite que proporia à lide- donasse o governo devido à do orçamento para 1988, na e impostos anteriormente acor-

adiar esta inciativa após uma i Goria.

Em apoio à UNITA

Pretória confirma que forças sul-africanas lutam em Angola

O exército sul-africano está a combater as forças governamentais angolanas no Sudeste de Angola, em auxílio à Unita, anunciou o comandante da força de defesa da África do Sul.

Jannie Geldenhuys declarou, em comunicado, que os seus homens intervieram ao lado do líder dos rebeldes angolanos, Jonas Savimbi, para impedir que as forças armadas angolanas (Fapla), apoiadas por soviéticos e cubanos, tomem a província de Cuando-Cubango.

Nesta província, que faz fronteira com a Namíbia e a Zâmbia, situa-se a Jamba, quartel-general da Unita.

«Forças angolanas apoiadas por russos e cubanos estão a tentar desesperadamente capturar a província de Cuando-Cubango, no Sul da Angola, e colocam, assim, uma ameaça muito real à posição da Unita no território», sublinha o comunicado.

«Recentemente, elementos da força de defesa sul-africana e a força territorial do Sudoeste Africano (Namíbia) foram compelidos a tomar acção limitada contra as forças» governamentais angolanas, acrescenta Geldenhuys.

Pretória refere-se raramente ao envolvimento no Sul de Angola e este comunicado, invulgarmente pormenorizado, está a ser interpretado como possível indicação de que decorrem grandes batalhas naquela região.

O ministro sul-africano da Defesa, Maguns Malan, que em 4 de Outubro reconheceu que a África do Sul mantinha uma «presença limitada» no Sul de Angola para impedir a infiltração dos guerrilheiros da Swapo na Namíbia, disse ontem que Pretória apoia e continuará a apoiar a Unita, sem especificar o carácter dessa ajuda.

Entretanto o bureau político da MPLA-Partido do Trabalho, rejeitou a possibilidade de conversações políticas com a Unita, numa declaração publicada por ocasião do XII aniversário da independência de Angola.

«As tentativas para atribuir legitimidade aos agrupamentos fantoches e pressionar o Governo angolano a efectuar conversações com grupos de terroristas estarão sempre condenadas ao fracasso», diz a declaração.

Carlucci recebe representante da Renamo

O conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Ronald Reagan, Frank Carlucci, recebeu um representante da Renamo, noticiou o «Washington Post».

Na sua edição de terça-feira, o jornal diz que Carlucci, indigitado por Reagan para secretário da Defesa, esteve reunido durante uma hora com o representante dos rebeldes moçambicanos, Tom Schaaf e seis membros do «lobby» da Renamo nos Estados Unidos, que conseguiu o encontro.

Schaaf, norte-americano, é director do «Escritório de Informação sobre MoCambique», que na prática serve de representação da Renamo em Washington, e membro do «Lobby» conservador pró-movimentos rebeldes em África, que está associado à Heritage Foundation.

O jornal salienta que Carlucci poderia não saber que um elemento da Renamo estava presente na reunião, citando um funcionário norte-americano que disse que o encontro se efectuara para recolha das opiniões dos apoiantes conservadores do Governo sobre uma série de questões, incluindo Moçambique.

O funcionário minimizou o significado da reunião e classificou de «totalmente falsas» e «um grande exagero da verdade] as afirmações de que o encontro indiciava uma viragem de Washington no sentido do reconhecimento da Renamo.

O «lobby» do grupo rebelde está a tentar persuadir a administração Reagan a alterar a sua política de apoio ao Governo de Maputo e de recusa em reconhecer a sua «oposição anticomunista».

Neal Blair, presidente do grupo «Free the Eagle» e um dos conservadores presentes na reunião, disse ao «Washington Post» que o encontro se realizou «especificamente para falar sobre a Renamo, foi esse o entendimento».

Segundo o «Washington Post», parece haver concordância entre a Casa Branca e os apoiantes conservadores da administração de que o Presidente Reagan teria conseguido garantias de Moçambique de «uma mudança de atitude em relação a negociações» com a Renamo.

Protestos antigovernamentais no Bangladesh provocam quatro mortos

Dois polícias e dois manifestantes morreram hoje em confrontos na capital do Bangladesh, Daca, durante protestos anti-governamentais e uma greve geral - disseram testemunhas.

A Polícia disse que os dois agentes foram mortos com bombas lançadas pelos manifestantes que atacavam uma estação de televisão.

Mais tarde, a Polícia paramilitar matou dois manifestantes com uma metralhadora ligeira montada num camião - disse à Reuter um político de oposição que testemunhou o facto. A Polícia disse não poder confirmar estas duas mortes.

Dezanove pessoas foram entretanto detidas e os jornalistas viram feridos a serem transportados para os hospitais, mas deconhece-se por enquanto o seu número.

A greve geral foi convocada para protestar contra a morte, na terça-feira, de pelo menos três pessoas em manifestações destinadas a forçar a demissão do Presidente Hossain Mohamed Ershad. A oposição diz que o número de mortos se eleva a 12.

Entretanto, pequenos grupos de pessoas concentraram-se ilegalmente junto da casa onde a dirigente da liga de oposição «Awami», Hasina Wazed, está sob detenção domiciliária.

A Polícia impediu-a ontem de sair de casa para dar uma conferência de Imprensa, depois de, antes, ter detido num hotel a «begum» Khaleda Zia, líder do segundo maior grupo de oposição do país, o Partido Nacionalista do Bangladesh.

A líder oposicionista Hasina Wa jed é conduzida por duas mulheres polícias de regresso a casa, após ter tentado sair da residência de seu pai, onde se encontrava sob detenção, para realizar uma conferência de Imprensa.

24 HORAS

Explosão em Beirute: seis mortos

Uma pasta com explosivos rebentou num terminal apinhado do aeroporto internacional de Beirute, provocando seis mortos e 73 feridos. A Polícia disse que a maioria das vítimas são libaneses e outros árabes que retomaram a sua actividade depois de uma greve geral de cinco dias protestando contra o aumento da inflação. Entre os mortos, encontra-se uma mulher identificada como Soraya Sahyouni, uma muçulmana sunita libanesa, que transportava a pasta e a pousou no balcão de embarque. A Polícia recusou-se a especular sobre o motivo do ataque, mas observadores em Beirute afirmam que este constituiu um revés para as tropas sírias encarregues da segurança no aeroporto.

Dirigente sikh assassinado

Um dirigente sikh moderado morreu e três outras pessoas ficaram feridas quando dois homens armados invadiram ontem o átrio de uma escola em Londres e abriram fogo sobre os membros de uma congregação sikh e hindu que ali se encontravam. A Polícia londrina disse que dois dos feridos se encontravam em estado grave, depois de terem sido operados a ferimentos de bala no tórax. Um porta-voz da Scotland Yard disse que a Polícia está a interrogar dois homens detidos pelos membros da corporação após o incidente, ocorrido durante um serviço religioso na escola do bairro de Southal. O pregador Darshann Das Vasdev, de 33 anos, que morreu de ferimentos na cabeça, foi atingido a tiro quando falava a cerca de 200 pessoas presentes.

Missão da ONU no Sara Ocidental

Uma missão técnica das Nações Unidas chega no dia 20 a El Aiun, no Sara Ocidental, para durante duas semanas recolher informações com vista ao estabelecimento do cessar-fogo e de um referendo na região, disse um porta-voz da ONU. As Nações Unidas e a Organização de Unidade Africana estão a desenvolver esforços para pôr termo à guerra entre Marrocos, que administra aquele antigo território colonial espanhol, e a Frente Polisário. O grupo de peritos é chefiado por Abdulrahim Farah, subsecretário-geral das Nações Unidas para questões políticas especiais.

Jornalistas libertados

Dois jornalistas sul-africanos negros foram libertados após 17 meses de cadeia, pouco antes da data marcada para o julgamento do recurso que interpuseram contra a sua prisão. Mxolisi Fuzile e Phila Ngqumba, que dirigiam uma pequena agência noticiosa na província do Cabo Oriental, foram presos quando o estado de emergência nacional foi declarado, em Junho de 1986. A Polícia declarou que ambos foram detidos por actividades jornalísticas, embora o Governo afirme que nenhum jornalista é encarcerado devido ao seu trabalho.

Mandela distinguido em Leipzig

A Universidade alemã-democrática de Leipzig concedeu o título de doutor «honoris causa» a Nelson Mandela, em reconhecimento «pela luta que desenvolve na prisão em prol da liberdade do povo sul-africano». Segundo a agência oficial ADN, o título foi atribuído em cerimónia ontem realizada, em que foi sublinhado «o esforço inquebrantável» do dirigente histórico do ANC «em defesa dos negros e de todas as forças democráticas que lutam contra o apartheid».

Sri Lanka: 27 mortos

Uma vaga de protestos estudantis e violência abalou ontem o Sri Lanka, tendo novos recontros causado pelo menos 27 mortos, disse a Polícia. Registaram-se também manifestações de estudantes perto de Colombo e na cidade de Galle, no Sul, em protesto contra a planeada legislação destinada a garantir autonomia limitada à minoria tamil no Norte e Oeste. O novo derramamento de sangue elevou o balanço de mortes nesta semana para 95. A Polícia disse ter detido 64 membros de um grupo marxista clandestino e abatido a tiro outros seis.

Filha de Estaline regressa à GB

Stevlana Alliluyeva, filha do ex-ditador soviético Josef Estaline, recebeu permissão para viver na Grã-Bretanha, anunciou o Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros. Com esta decisão, Alliluyeva, que tem residido sucessivamente no Leste e no Ocidente, poderá ficar a viver com a filha, Olga, que há 15 anos estuda em Inglaterra.

O desafio do desarmamento nuclear

Enver Mamerov
correspondente político da Novosti

Será o capitalismo capaz de viver num mundo desarmado e com uma nova ordem económica internacional, esta uma das principais questões levantadas pelo «leader» soviético, Mikhail Gorbachev, ao discursar a 2 de Novembro no Kremlin, na sessão solene comemorativa do 70.º aniversário da Revolução de Outubro.

Para Gorbachev, a procura de uma solução pacífica para os problemas internos e externos começou com a própria revolução de Fevereiro de 1917, a primeira revolução popular da época do imperialismo.

«A revolução de Fevereiro foi a única que ofereceu a possibilidade da passagem pacífica do poder para as mãos dos trabalhadores, possibilidade que, infelizmente, não se concretizou em função das circunstâncias históricas», disse Gorbachev. Trata-se de um facto de enorme importância histórica.

Foi a actividade das classes exploradoras, que desapareceriam do cenário da história russa, apesar do apoio das potências imperialistas, que lançou o país numa terrível guerra civil.

Como apontou Mikhail Gorbachev no seu relatório, logo nos primeiros decretos, o da paz e o da terra, a revolução de Outubro respondeu na prática às exigências do seu tempo e expressou os interesses prôfundos não só da classe operária, mas também da maioria do povo.

Estes interesses profundos reflectiram-se mais tarde na abordagem leninista das relações com os Estados capitalistas: «Não» à guerra com os seus conflitos incessantes, «sim» à política de coexistência pacífica e de cooperação económica. Lenine apontou reiteradas vezes que a jovem República dos Sovietes não tinha quaisquer pretensões em relação aos Estados burgueses. Considerava que o Estado soviético podia manter relações comerciais mutuamente vantajosas com os capitalistas.

O mérito fundamental do Estado soviético consistiu em ele ter visto oportunamente a perspectiva real que se abria à nova Rússia, na sequência da vitória na guerra civil. No dizer dele, o país entrara numa nova etapa, quando conquistou o seu direito à existência no seio dos Estados capitalistas. Lenine contrapôs ao extremismo esquerdista a possibilidade da coexistência pacífica de Estados com regimes sociais diferentes.

Gorbachev assinalou no seu relatório que nem toda a política externa da URSS foi um êxito. Houve também insucessos. Não conseguiu, em particular, aproveitar o enorme prestígio moral ganho durante a guerra para consolidar as forças democráticas e travar a «guerra fria».

Apesar disso, tem sempe seguido a política elaborada por Lenine, ou seja, tem assentado a sua política nos princípios do socialismo e na sua orientação constante para a paz. Foi precisamente isso que desempenhou um papel decisivo na prevenção da guerra nuclear e na dissolução da «guerra fria».

A entrada da Humanidade na era nuclear levou a que a coexistência pacífica se transformasse em condição da sobrevivência do próprio género humano.

Desde o plenário de Abril de 1985 do CC do PCUS que os dirigentes soviéticos têm proposto ao mundo um sistema de medidas que liberte as gerações futuras da ameaça, defendendo quer a liquidação das armas de extermínio em massa e a redução dos armamentos convencionais e das forças armadas, quer o projecto de formação de um sistema universal da paz e segurança internacional e a liquidação das armas químicas. É impossível enumerar todas estas iniciativas.

Não queremos vencer ou ludibriar alguém, disse Mikhail Gorbachev. A nova metalidade política não é uma declaração ou um apelo, mas uma filosofia de acção, uma filosofia de vida.

Desde Genebra a Reiquejavique, do acordo sobre a liquidação dos mísseis nucleares de médio alcance e táctico-operacionais ao acordo de realizar em Washington uma nova cimeira soviético-americana, tudo comprova que os rebentos da nova mentalidade política crescem.

Moscovo, depois da preparação do histórico acordo sobre a liquidação dos mísseis continua a procurar com insistência a resolução da questão da redução dos armamentos estratégicos, no contexto da observância do tratado e limitação dos sistemas de defesa antimíssil (DAM).

Os soviéticos esperam, naturalmente, a compreensão pelos EUA da importância do momento vivido, mas Gorbachev colocou a difícil questão de saber se o capitalismo está em condições de funcionar sem o militarismo e sem o neocolonialismo, uma das fontes da sobrevivência do sistema. Por outras palavras, se o capitalismo será capaz de se adaptar às condições de um mundo desnuclearizado e desarmado, às condições de uma nova e justa ordem económica, às condições de uma competição honesta dos valores espirituais dos dois sistemas.

«A vida dará resposta», disse Gorbachev. A justeza do programa da segurança de um mundo sem armas nucleares será posta à prova pelo evoluir dos acontecimentos. Aliás, já está a ser posta à prova.

O «milagre económico» no Japão, na Alemanha Ocidental e na Itália, no período em que estes países pouco se empenharam na corrida armamentista, provou que a economia capitalista pode desenvolver-se sem a militarização.

Vemos, ao mesmo tempo, exemplos de que é precisamente a militarização que agrava os fenómenos de crise não só na economia dos EUA, mas também de outros países.

Os países em vias de desenvolvimento têm um programa colectivo, cuja materialização lhes permitirá deixar de ser objecto da exploração e estabelecer relações normais com o Ocidente.

Finalmente, vejamos a razão decisiva. Tendo-se transformado em sistema mundial, o socialismo, com apenas 70 anos de existência, é um baluarte da paz. As mudanças em curso na URSS permitem aproveitar a enorme reserva da coexistência pacífica e consolidar os contactos económicos e científicos mundiais.

ÍNDIA: UMA NOVA FORMA DE OCUPAR AS NOITES

Atiya Singh
Exclusivo Gimini News Service/«DL»

Num país onde os aparelhos de televisão ainda são raros, os gravadores de vídeo podem parecer redundantes. Mas entre a rica classe média das cidades indianas, os aparelhos de vídeo tornaram-se a última loucura. Essa loucura está a espalhar-se: atraídos pelas baratas salas de vídeo e com o chamariz dos filmes piratas, os indianos estão a abandonar em massa os cinemas, aterrorizando a enorme indústria de cinema.

Na cidade de Imphal, a capital de Manipur, um estado no noroeste da Índia, um grupo de membros da tribo Naga, vistosamente vestidos, encontram-se reunidos numa pequena loja. Os seus olhos estão colados a um ecrã de 21 polegadas que exibe o último filme Hindi. Nenhum deles fala Hindi mas todos balançam ao som da música.

No outro lado do país, no estado de Gurajat, um indiano visita a aldeia que não via há 20 anos. Ele ficou consternado ao constatar que a aldeia ainda não tem água corrente... mas já tem uma sala de vídeo.

A videomania está a apoderar-se da Índia. Enquanto que antes uma motocicleta e um frigorífico eram considerados vitais no dote de casamento pela classe média indiana, agora muitos noivos não ficam satisfeitos a não ser que uma televisão a cores e um aparelho de vídeo façam parte do mesmo.

Num país de grande pobreza, a videomania pode parecer deslocada. Há oito anos nunca ninguém tinha ouvido falar de aparelhos de vídeo. Hoje, calcula-se que existam 900 000 em todo o país com 35 000 a entrar ilegalmente cada ano.

A procura aumentou apesar do alto preço destes aparelhos. Quando os primeiros aparelhos entraram ilegalmente no país, no princípio dos anos oitenta, o seu preço chegou a ser de 50 000 Rs, o que era bastante caro mesmo para os mais ricos.

Desde então o preço desceu, embora um vídeo de 14 000 Rs seja ainda um artigo de luxo, que corresponde a várias vezes o rendimento de um indiano médio.

A sua popularidade é alimentada pela classe média indiana, abastada e consciente do seu 'status' que se pode dar a estes luxos e deseja acompanhar as manias ocidentais.

Embora 60 por cento dos indianos vivam abaixo da linha da pobreza e apenas uma pequena percentagem da população possa ser descrita como rica, num país com 750 milhões de habitantes, mesmo essa pequena percentagem representa um poder de compra considerável. As televisões são ainda uma raridade e 80 por cento delas são a preto e branco, mas aqueles que se podem dar luxo de comprar uma a cores sentem cada vez mais a necessidade de ter um vídeo junto do seu aparelho de televisão.

Tal como em todo o lado, uma maneira que a classe média gosta de usar para mostrar a sua riqueza é a extravagância nos casamentos. Hoje em dia, nenhum casamento será completo sem ter alguém a filmar o acontecimento com uma câmara de vídeo portátil. A maior parte dos casamentos são celebrados em dias auspiciosos, aconselhados pelos astrólogos, e uma indústria de profissionais de vídeo acaba de surgir para lidar com a procura nas épocas mais altas.

Uma segunda razão para a grande procura é a monotonia da televisão indiana que é dominada por estações de controlo governamentais e apenas exibe enfadonhos programas aprovados oficialmente. O vídeo, em contrapartida, oferece fácil acesso aos filmes Hindi de Bombaim e aos falados em inglês de Hollywood, alguns dos quais nunca exibidos na Índia.

O terceiro factor provoca arrepios de medo à enorme indústria cinematográfica indiana: mesmo para os padrões indianos, o vídeo em massa é barato.

Aqueles que não se podem dar ao luxo de comprar um aparelho de vídeo, podem assistir aos filmes em salas de video que se estão a espalhar pelo país, por todas as cidades e aldeias. Pequenos empresárioos podem abrir salas de video quase em todo o lado. Frequentemente estas salas consistem numa pequena divisão, com lugares sentados para entre 30 a 50 clientes que pagam para entrar cerca de 2 Rs por pessoa.

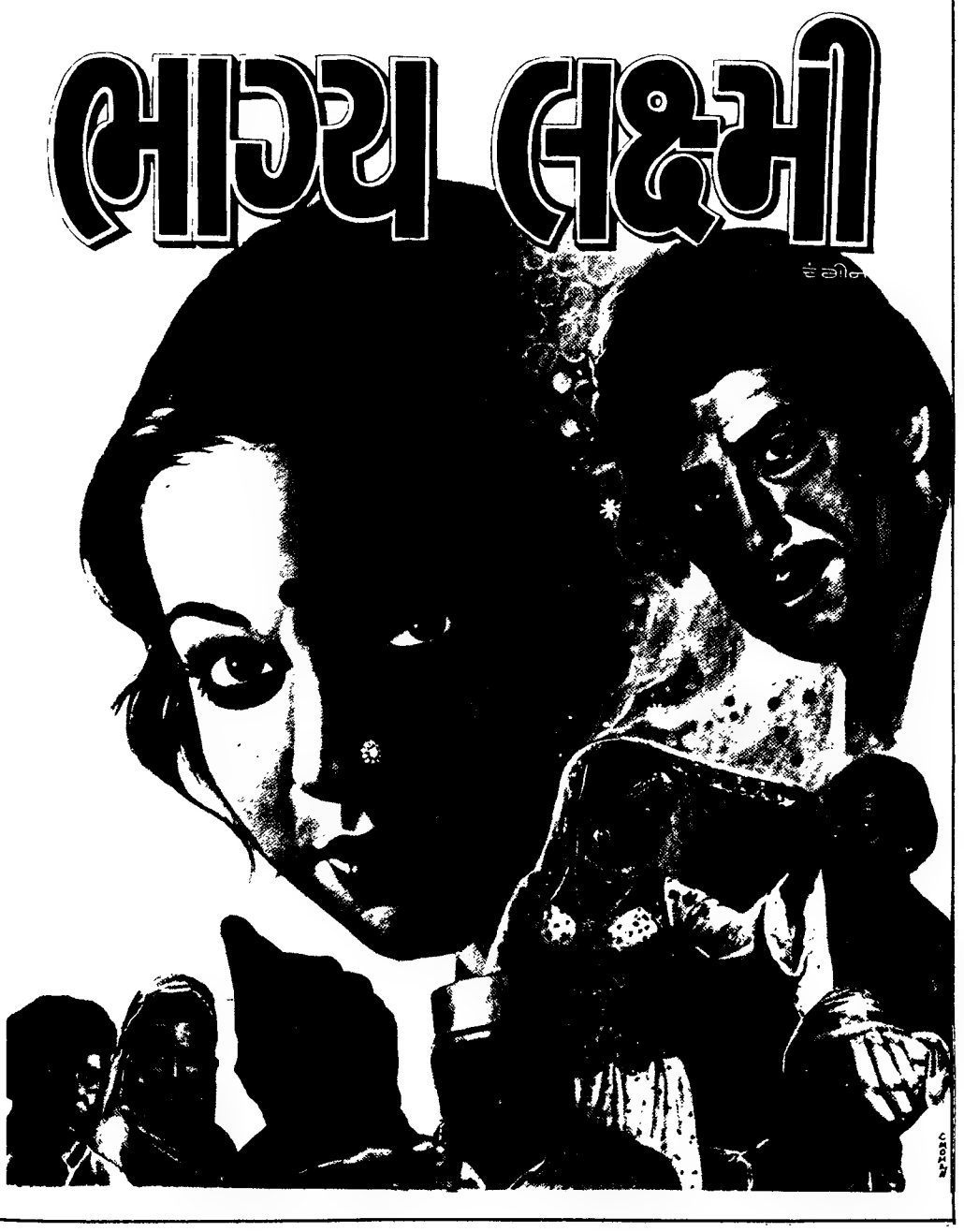
As cassetes são obtidas em qualquer biblioteca, que as aluga por 5 ou 10 Rs por dia. Os filmes Hindi são de longe os mais populares. Os filmes em inglês apenas têm procura nalgumas cidades.

As salas de vídeo são mais baratas do que os cinemas e já diminuíram os lucros de bilheteira destes últimos entre 20 a 50 por cento. Esta popularidade preocupa os produtores cinematográficos: a India possui a maior indústria de cinema do mundo, com a sua própria galáxia de estrelas que ganham altos salários por filmes feitos quase que exclusivamente para consumo interno.

Eles podem sofrer pesadas perdas devido à pirataria cinematográfica. Os piratas já deram mostras do seu talento ao lançar no mercado não oficial cópias de filmes cujos originais cinematográficos ainda não tinham sido estreados no cinema.

Os produtores e distribuidores cinematográficos já começaram a ripostar. Eles fornecem à Polícia informações sobre possíveis actividades piratas e, entre outras operações, já foram feitas buscas a bibliotecas de vídeos.

Eles podem ter ainda uma grande luta pela frente. Enquanto que os vídeos piratas são ilegais, as salas de vídeo não o são e policiar estas salas poderá tornar-se uma tarefa impossível. Os seus donos pagam um imposto de entretenimento e o Governo mostrou pouca inclinação para deter o seu alastramento. Sendo o vídeo uma das poucas diversões que está ao alcance da maior parte da população, o encerramento de todas estas salas poderia tornar-se uma medida muito impopular.



Boris Yeltsin

Homem da "glasnost" soviética

Boris Yeltsin afastado da chefia do Partido Comunista em Moscovo

Boris Yeltsin, que recentemente criticara a lentidão do processo de reformas da União Soviética, foi ontem afastado da chefia do PC de Moscovo, anunciou a Televisão soviética.

Yeltsin, 56 anos, foi substituído por Lev Zaikov, membro de pleno direito do Politburo e secretário do Comité Central do partido.

Em discurso pronunciado no passado dia 2 de Novembro, nas cerimónias do 70.º aniversário da revolução bolchevique, o líder soviético Mikhail Gorbachev criticara indirectamente Yeltsin, referindo-se «à teimosia e impaciência de alguns que querem acelerar as mudanças na URSS».

Ontem, na reunião partidária que decidiu o afastamento de Yeltsin, Gorbachev esteve presente e usou da palavra, todavia a Televisão soviética não deu detalhes sobre o assunto.

Na mesma reunião, participou igualmente o número dois do Kremlin, Yegor Ligachev, tido como um dos mais ortodoxos membros da actual liderança soviética.

A Televisão informou que na reunião do Comité Central do partido, foi adoptada por unanimidade uma resolução classificando como «erro político» as afirmações que Yeltsin fez em 21 de Outubro último criticando a «lentidão» das reformas de Gorbachev.

Funcionários soviéticos têm vindo a insistir no facto de «o caso Yeltsin» não significar haver divisões no partido.

Todavia, os jornais soviéticos omitiram aos seus leitores que o líder do PC de Moscovo pôs o seu cargo à disposição numa reunião patidária, no mês passado.

O facto foi divulgado em conferência de Imprensa concedida no passado dia 31 de Outubro pelo secretário do Comité Central do PC Soviético, Anatoly Lukyanov, mas a agência noticiosa TASS enviou um aviso prévio aos editores soviéticos para não fazerem referência às alusões de Lukyanov sobre Yeltsin.

Analistas políticos comentam que é quase certo o afastamento de Yeltsin como membro sem voto do Politburo.

Yeltsin, considerado um reformista, criticou frequentemente práticas de incompetênncia e corrupção de anteriores dirigentes partidários de Moscovo.

Denunciou também alguns privilégios da elite soviética, em especial no que se refere a aquisições em lojas e serviços médicos.

Lev Zaikov, que substitui Boris Yeltsin à frente do Partido Comunista Soviético, em Moscovo, é considerado um dos homens mais poderosos da hierarquia da União Soviética. Com 64 anos, é membro titular do Politburo e do secretariado do partido.

Toda a sua carreira política está ligada a Leninegrado, a segunda cidade mais importante da União Soviética, onde foi nomeado líder do PCUS em 1985, após a demissão de Grigori Romanov, considerado o principal rival de Mikhail Gorbachev.

O novo chefe do partido na capital soviética, um dos protegidos do antigo líder do Kremlin, Yuri Andropov, foi protagonista de uma ascensão meteórica desde a chegada de Gorbachev ao poder, cuja influência contribuiu para atingir os órgãos máximos da hierarquia soviética.

De origem russa, Zaikov tirou o curso de engenharia e durante muitos anos esteve ligado à indústria do país. Tornou-se membro do partido em 1957 e a partir de 1981 entrou para o seu Comité Central.

Entre o policial negro e a mafia siciliana

"CASO BARSCHEL": TRÊS MORTES NO ESPAÇO DE UM MÊS

O maior escândalo político da história da Alemanha Federal que começou com uma «campanha suja» contra um dirigente do Partido Social Democrata, SPD, na oposição, e que foi por isso designado de Watergate alemão, aproxima-se cada vez mais do «policial negro» americano: até agora três dos envolvidos no escândalo foram encontrados mortos, alegamente dois suicidaram-se e o terceiro foi vírma de um ataque cardíaco.

O secretário de Estado do Ministério do Interior do Estado alemão-federal de Schleswig-Holstein, Hans Joachim Knack, foi encontrado morto, no seu escritório de Kiel, na passada segunda-feira. Com 65 anos, membro da União Democrática Cristã (CDU) do chanceler Helmut Kohl, Knack deveria comparecer em breve perante a comissão parlamentar que investiga o escândalo sobre os métodos sujos alegadamante utilizados pelo falecido primeiro-ministro de Schleswig-Holstein, Uwe Barschel, contra o seu rival social-democrata, Bjorn Engholm, por ocasião das eleições regionais de 13 de Setembro.

Knack era há dez anos secretário do Ministério do Interior e fora considerado uma testemunha-chave para se determinar o alcance da campanha contra o SPD.

Confirmara já que o governo de Schleswig-Holstein tinha conhecimento da existência de uma denúncia anónima contra Engholm por evasão fiscal, que se provou ser falsa, e que este fora sujeito a vigilância com o objetivo de se recolher provas sobre a sua alegada homossexualidade.

Na véspera das eleições regionais de 13 de Setembro, o semanário «Der Spiegel» publicou declarações do ex-assessor de imprensa de Uwe Barschel, Reiner Pfeiffer, na qual acusava o primeiro-ministro de Schleswig-Holstein de ter orquestrado a campanha contra Engholm.

As declarações de Pfeiffer custaram ao CDU a mairia absoluta que detinha naquele Estado há mais de 30 anos. Dias depois, a 25 de Setembro, Barschel demitia-se da chefia do executivo regional, mas negava em conferência de imprensa as acusações de Pfeiffer.

No dia 11 de Outubro, Uwe Barschel era encontrado morto num hotel de Genebra. Estava completamente vestido e deitado numa banheira cheia de água quando dois repórteres da revista alemã-federal, «Stern», que tinham uma entrevista marcada com Barschel, o encontraram.

Segundo a polícia suiça, Barschel suicidou-se com uma dose excessiva de medicamentos, mas a família do político democrata-cristão rejeitou a hipótese de suicídio e tem sustentado que Barschel foi assassinado. Segundo os seus familiares, Barschel — que no dia seguinte deveria comparecer perante a comissão parlamentar que investiga o caso— teria um encontro marcado em Genebra com alguém que lhe prometera fornecer provas que demonstrariam a sua inocência.

A morte de Knack

Segundo as informações entretanto divulgadas, Hans Joachim Knack foi vítima de um ataque cardíaco, precisamente no mesmo dia em que o semanário «Der Spiegel» divulgava novas informações sobre o «caso Barschel».

Aquele semanário afirmou no princípio da semana que o líder social-democrata do Estado de Schleswig-Holtein tinha já sido sujeito a vigilância em 1986, tendo sido contratados para o efeito detectives particulares.

Quando se encontravam a vigiar a casa de Engholm, em Setembro de 1986, foram detidos pela polícia para identificação, o que prova que o ministro do Interior de Kiel tinha conhecimento da vigilância a que estava submetido Engholm.

Segundo o «Der Spiegel», um dos detectives que então foi identificado Stefan Rudell, suicidou-se no dia 29 de Outubro passado. Esta informação foi já confirmada pela polícia, que disse ter encontrado uma carta de despedida de Rudell, na qual ele declarava estar deseperado.

CDU perde credibilidade

O «caso Barschel», que se transformou no maior escândalo político da história da RFA, marcou, entretanto, o congresso do CDU, que segunda-feira terminou em Bona.

O chanceler Helmut Kohl foi reeleito presidente do partido, mas obteve a votaçã mais baixa dos seus 14 anos de líder do CDU.

O congresso analisou também a descida registada pelo partido nas eleições federais de Janeiro e nos Estados de Renania-Palatinado, Hamburgo, Bremen e Schleswig-Hosltein.

No conjunto, estes factores estão a dar origem a uma acesa luta interna entre os defensores de um endurecimento na política externa e interna e os que defendem um posicionamento de centro do partido.

Khol alertou a classe política e os meios de comunicação social para a necessidade do respeito mútuo que deve caracterizar um regime democrático e afirmou: « o poder é parte da estrututa política de uma democracia, mas não é um fim em si mesmo e não deve ser conquistado a qualquer perço.».

Uwe Barschel, morto, numa banheira de um uqarto de hotel em Genebra. A fotografia foi publicada pela revista «Stern»

IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA DE CARVÕES, SARL

SEDE – Lisboa, Rua do Alecrim n.º 39
CAPITAL – Esc. 3 000 000$00

CONVOCAÇÃO

Convoco os Exmos. Srs. Accionistas desta Sociedade para a Assembleia Geral Extraordinária que se realizará no dia 28 de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete, pelas vinte e uma horas e trinta minutos na sede social, com a seguinte Ordem do Dia:

1.º — Alteração dos Membros do Conselho Fiscal
2.º — Qualquer outro assunto de interesse

Lisboa, 11 de Novembro de 1987
O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
(Maria da Luz Capucho Garcia Fernandes)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
13.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de SENTENÇA n.º 3854-A 3.ª secção.

Exequentes – SYSTEMS PUBLISHING (Pratugal) Editores, Lda.

Executado – MARIA ALICE TRIGUEIROS SAMPAIO GODINHO DOS SANTOS MARQUES, residente na Rua Pereira de Sousa, 61-3.º Dt.º, em Lisboa.

Lisboa, 4 de Novembro de 1987

O Juiz de Direito,
Dr. Dário Andrade Rainho

O Escrivão de Direito,
Aires Rodrigues Ramos

"D.L." 12/11/87 – 1.ª Pub.

RIMPEC – REPRESENTAÇÕES, IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E COMÉRCIO TÊXTIL, LDA.

DECIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
NOTÁRIO LIC LUIS LOPRES PEREIRA
MARIA DA CONCEIÇÃO MACHADO DE ALMEIDA DA SILVA MALVAR. AJUDANTE DESTE CARTÓRIO

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 9 de Novembro de 1987, lavrada de fls. 117 a fls. 119, do livro de notas 132-E. deste Cartório, Nuno Jose Nunes dos Reis saiu da sociedade em epigrafe, sociedade comercial por quotas com sede em Lisboa, na Av Infante Santos n.º 61, 6.º andar. direito, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 66869, com o capital de 1 000 000$00, pessoa colectiva n.º 501768041, e renunciou à gerência que nela vinha exercendo. Pela mesma escritura os únicos sócios que ficaram sendo da referida sociedade Jorge José Antunes Alves e Maria Alice Ferreira Henriques, deliberaram transferir a sede social para a Av. Conselheiro Ferreira Lobo, 10, 1.º direito, no lugar de Caxias, freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras, e alterar a redacção dos artigos 1.º, 6.º, 7.º e 8.º do contrato social, pela redacção constante da presente fotocópia que está conforme ao original.
Lisboa, Décimo Nono Cartório Notarial aos dez de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete

O Ajudante
Maria da Conceição Machado de Almeida da Silva Malvar

ARTIGO PRIMEIRO – A sociedade continua a adoptar a denominação RIMPEC – REPRESENTAÇÃO. IMPORTAÇÃO. EXPORTAÇÃO E COMERCIO TÊXTIL LDA tem a sua sede na Avenida Conselheiro Ferreira Lobo, número dez, primeiro, direito, no lugar de Caxias, freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras
ARTIGO SEXTO – A administração e representação da sociedade incumbem à socia Maria Alice Ferreira Henriques, que desde já fica nomeada gerente.
ARTIGO SÉTIMO: – A sociedade fica vinculada com a assinatura de um gerente.
ARTIGO OITAVO: – Qualquer sócio se poderá fazer representar por estranho nas assembleias gerais.

«DL» 12/11/1987

UNIVERSAL FARMA — PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LIMITADA

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de hoje, lavrada de fls. 43 a fls. 44 v.º do livro de notas número 252-F das notas do 17.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES SALDANHA, foi constituida a sociedade de credores, denominada «UNIVERSAL FARMA — PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LIMITADA» com sede na Rua Centro Cultural n.ºs 13 e 13-A, em Lisboa, freguesia de São João de Brito, entre o dr. JOSÉ DO NASCIMENTO REGO CABRAL e JOÃO ANTÓNIO BARRETO, sociedade que ficou a reger-se pelo contrato de sociedade com os seguintes:

ESTATUTOS

ARTIGO PRIMEIRO
A sociedade adopta a denominação de Universal FARMA — Produtos Farmacêuticos, Lda.

ARTIGO SEGUNDO
A sede da sociedade e na Rua do Centro Cultural, número treze treze A da freguesia de São João de Brito, da cidade de Lisboa.

ARTIGO TERCEIRO
A sociedade tem por objecto o fabrico de produtos farmacêuticos veterinários e de diagnóstico, de pensos e de enxertos de artérias e a sua distribuição nos mercados interno e externo.

ARTIGO QUARTO
A existência jurídica da sociedade será por tempo indeterminado.

ARTIGO QUINTO
O capital social é de três milhões novecentos e sessenta e seis mil escudos, integralmente subscrito e realizado e corresponde à soma de duas quotas sendo uma no valor de um milhão setecentos e vinte mil escudos pertencente ao socio João António Barreto e outra no valor de dois milhões duzentos e quarenta e seis mil escudos pertencente ao sócio dr. José do Nascimento Rego Cabral.
f único: Ambas as quotas foram realizadas pela conversão de setenta por cento dos créditos que tinham sobre Laboratórios Novil, Lda.

ARTIGO SEXTO
Os sócios poderão efectuar contratos de suprimentos com a sociedade nos termos e condições a fixar pela assembleia geral.

ARTIGO SÉTIMO
É livre a cessão de quotas entre os sócios, dependendo, porém, do consentimento prévio da sociedade para venda a terceiros.

ARTIGO OITAVO
A administração da sociedade será exercida por um ou mais gerentes escolhidos pela assembleia geral que fixará o seu número bem como o prazo de exercício do mesmo se o entender.

ARTIGO NONO
A sociedade obriga-se pela assinatura de qualquer dos seus gerentes.

ARTIGO DÉCIMO
A convocação das assembleias gerais será feita por via de carta registada a enviar a cada sócio, com a antecedência mínima de quinze dias.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO
A assembleia geral poderá constituir, para além do fundo de reserva legal os fundos de reserva que entender necessários à boa gestão da sociedade.

ARTIGO DECIMO SEGUNDO
Em cada ano a sociedade procederá a inventário e balanço nos termos legais, que submeterá à deliberação da assembleia.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO
Os lucros líquidos apurados em cada ano, depois de deduzidos os fundos de reserva a que se refere o artigo décimo primeiro, terão o destino que a assembleia geral deliberar.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO
A sociedade dissolve-se nos casos previstos na lei.

Está conforme ao original.
Lisboa e 17.º Cartório Notarial, aos nove de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete.

O Primeiro Ajudante do Cartório
(assinatura ilegível)

«DL» 12/11/1987

MUNICÍPIO DE LISBOA

«EMPREITADA DE RECONSTRUÇÃO DA ESTRADA DAS ROMEIRAS»

AVISO N.º 38/87

Faz-se saber que a realização do concurso público, em epígrafe, publicado no «Diário da República» n.º 247, III Série, de 1987/10/27, foi **suspenso.**

Paços do Concelho de Lisboa, em 1987/10/30.

O VEREADOR,
(Pedro José Del-Negro Feist)

NOTARIADO PORTUGUÊS
VIGÉSIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

a cargo do
LIC. ARMANDO JOSÉ LOURENÇO DE ALMEIDA

CERTIFICADO

Eu abaixo assinado, escriturária-superior do Vigésimo Cartório Notarial de Lisboa, certifico que me foi apresentado uma carta adiante transcrita para efeitos de publicação a fim de se extrair dele o seguinte:
De: M.ª Céu Ferreira Vieira
R. Dr. João de Barros, 25-2.º Esq.
1500 Lisboa
À Firma, Tabacaria e Papelaria Céu, Ld.ª, Rua República de Bolívia, 67-A – 1500 Lisboa
Exmos. Senhores
Serve a presente para informar V. Ex.ª que, renuncio, expressamente, ao cargo de gerente da firma "Tabacaria e Papelaria Céu, Lda.", em virtude de me ser impossível, por motivos pessoais, continuar a exercer tais funções. Mais informo que esta comunicação terá efeitos imediatos.
Com os melhores cumprimentos, subscrevo-me com consideração.

Lisboa, 7 de Outubro de 1983

A Escriturária-Superior,
(Maria José Lopes Guerra de Barros)

"D.L." 12/11/1987

FUTEBOL E VIOLÊNCIA

Hortensia Arocena
Exclusivo EFE/«DL»

Em Maio de 1985, uma multidão agressiva de adeptos ingleses atacou riosamente um grupo de espectadores italianos que presenciavam pacificamente um jogo de futebol no estádio de Heysel, na Bélgica. Os resultados são do conhecimento geral: trinta e oito italianos morreram esmagados contra as grades do referido campo de futebol. O escândalo atingiu enormes proporções em todo o mundo e, sobretudo, entre os ingleses, os quais ficaram aterrorizados e envergonhados pelo comportamento dos seus compatriotas, os «vândalos do futebol».

O facto tem obviamente um grande alcance sociológico, impondo-se, desde logo, uma análise detalhada das raízes e circunstâncias conducentes e tão lamentável acidente. Os socioólogos ingleses da Universidade de Leicester estudaram o problema e, perante as estatísticas, afirmam que, excluindo o futebol, não se registou qualquer aumento da violência juvenil noutros sectores da sociedade inglesa.

Segundo referem os peritos, estes tumultos gerados nos campos de futebol eram frequentes durante a primeira década do século, tendo começado a decrescer, ainda inexplicavelmente, após a Primeira Grande Guerra.

Os arquivos da polícia demonstraram que essa situação de calma perdurou até meados da década de sessenta, altura em que se registou um regresso da violência, primeiro lentamente e depois de forma rápida, sobretudo após o Campeonato Mundial de Futebol, realizado na Inglaterra. Grupos de jovens extremamente violentos começaram a assolar os campos de futebol de toda Grã-Bretanha, provocando um verdadeiro pânico entre os demais espectadores.

Estes grupos de jovens agressivos, entre os quais se encontram vários delinquentes, não eram completamente desconhecidos noutros ambientes sociais. Muitos cidadãos pacíficos haviam já sofrido as consequências da sua violência desenfreada em salões de baile, nos bairros populares das grandes cidades e noutras zonas consideradas bastante perigosas, mas nunca nos recintos desportivos.

Verdadeiros bárbaros

Primeiro surgiram os «teddy boys», os quais se entretinham a provocar os jovens que passeavam nas ruas através dos motivos mais fúteis que se podem imaginar.

Mais tarde surgiram os «rockers», os quais continuaram na linha dos seus antecessores, organizando verdadeiras batalhas contra os emigrantes de cor provenientes da Asia ou das Caraíbas. Por último, os «skinheads» — os famosos «cabeças rapadas» — formaram os primeiros grupos de provocadores responsáveis pela introdução da violência nos estádios de futebol.

Estes grupos de jovens bárbaros caracterizam-se, na Grã-Bretanha, pelos seus penteados originais, roupas espampanantes, gestos agressivos e vocabulário peculiar; porém, sob esses modos e costumes mais ou menos superficiais, oculta-se um fenómeno de profundo significado sociológico: os «vândalos do futebol» que arrasam os estádios na Inglaterra pertencem, na sua esmagadora maioria, às camadas inferiores da classe operária. São adolescentes para quem as pelejas, o combate individual e os distúrbios violentos constituem os modos preferidos para afirmar a sua virilidade.

As causas do vandalismo

Os inquéritos levados a cabo pelos sociólogos da Universidade de Leicester revelam que a grande maioria desses «vândalos do futebol» são trabalhadores que raras vezes alcançam o estatuto de trabalhadores especializados e qualificados: pertencem às classes mais incultas da população e agregam outro dado sociológico muito significativo: apenas uma minoria desses jovens estão no desemprego. A primeira vista poderá parecer que a situação desesperada dos jovens sem trabalho justificaria a sua opção pelo mundo da violência, porém os resultados dos estudos sociológicos não permitem culpabilizar o desemprego pelo vandalismo verificado no futebol britânico.

Segundo os especialistas, esta atitude violenta é motivada por uma ideologia machista primitiva. Fazer alarde da força, ingerir grandes quantidades de álcool e demonstrar coragem e audácia perante os companheiros constituem, para eles, formas de afirmação social.

Embora estes jovens façam parte de bandos, geralmente rivais, quando a equipa local de futebol joga, todos se unem contra os visitantes. Nestas ocasiões, chegam a reunir-se centenas de vândalos, prestes a destruir tudo o que encontrarem dentro ou fora do estádio.

Os sociólogos ingleses assinalam que estes jovens não receberam uma educação adequada — algo que se nos afigura óbvio — acrescentando uma informação importante: na sua opinião, a Grã-Bretanha possui uma estrutura social demasiado rígida, a qual dificulta sobremaneira a integração dos jovens, sejam eles brancos ou negros.

TUDO ACABA À 4.ª FEIRA...

Neves de Sousa

O Carnaval já vem de terras astecas quand ali estalou a bem conhecida «saltilhada» que, ao que certas coisas indicam, está bem longe de ser caso arrumado com a dignidade que seria recomendável (e desejável), mas o «folhetim Gomes» trazido à ribalta por Tomislav Ivic (por iniciativa própria ou por encomenda, tanto faz) e depois continuado por Júlio Cernadas «Juca», durou desde sábado até à noite de ontem, quando tudo terminou no deserto palco do grandioso Estádio das Antas.

Acabou o sonho que alguns (certamente muito distraídos quanto aos rombos que têm sido provocados no nosso futebol) ainda alimentariam, pelo menos, até ao desfecho do confronto do próximo sábado, na cidade napolitana, entre a Itália e a Suécia. Tudo terminou por culpa de alguns dirigentes teimosamente autoritários e com constantes atitudes de ditatoriais que, nos últimos tempos, atiraram para as urtigas o prestígio do luso futebol conseguido através dos artistas da mais elevada bitola e que bem recentemente o demonstraram em Viena de Austria. Na memória de todos nós está a «bagunçada» de Saltillo e as suas consequências imediatas e ninguém já terá esquecido aquele «baralhar e dar de novo» com as eleições federativas dando lugar a que tudo ficasse como estava.

Não se iludam os meus companheiros de leitura: o fracasso da selecção portuguesa de futebol no percurso da «Euro-88» adveio da total carência de humildade e competência de certos dirigentes e porque não, de algumas decisões tomadas pelos técnicos como está de deixar nas bancadas o melhor avançado do nosso reino.

E certo que Manuel Bento, (atenção, porque Jesus em nada comprometeu), Venâncio e Diamantino se encontram impedidos fisicamente de integrar a turma que desejaríamos (ontem e sempre) de nós todos, mas é sabido que Carlos Manuel não foi convocado por continuar fiel às suas convicções (enquanto Silva Resende presidir ao executivo da FPF não estará disponível) ainda que tenhamos como certo, de que, se houvesse o diálogo que Pais do Amaral vem insistentemente afirmando ser norma da actual direcção do areópago da Praça da Alegria, talvez que o imprecindível futebolista da Moita resolvesse ser tolerante e aceitasse vestir a camisola que ele tantas vezes dignificou com raro aprumo e superior brio profissional. E, quanto ao afastamento de Fernando Gomes não atinamos com a menor justificação para tão lamentável atitude assumida pelo vertical Juca. Os argumentos que trouxe à praça pública não colhem o entendimento de quem entende alguma coisa das coisas do futebol português, e a tremenda vaia que na noite de ontem escutou na rampa das Antas, evidencia, de forma inquestionável, que ninguém de puras intenções e rectas atitudes estará a seu lado.

●

E sobre o jogo que dizer? A RTP mostrou a todo o Portugal uma autêntica «manta de retalhos». No relvado das Antas estiveram bons artistas mas que ali se apresentaram (como bloco) pela vez primeira. Uma equipa (?) desconjuntada, impreparada, anarquicamente constituída, ainda que seja legítimo outorgar a todos o aplauso pela aplicação mostrada. Médios sem vigor, defesa se coesão e ataque sem atacantes. Futre era excepção lá na frente, Coelho com algumas boas saídas da toca, André ia carregando o piano e tocando violino, Miguel e Frederico mais Pinto e Alvaro lá se iam «safando», Sousa sem afinação da alça não aproveitou nenhuma das oportunidades criadas pelo «colchonero» do Montijo. Depois surgiu aquela decisão (assinalada por estridente assobiadela) de retirar um ponta-de-lança (Rui Aguas) para meter um médio (Adão) como se o «zero-zero» fosse resultado que nos levasse a terras germânicas.

Enfim: um jogo de triste história e os 3 ou 4 mil espectadores presentes na plateia e mais os milhões espalhados em frente de todos os televisores cá da paróquia, naturalmente que nos dispensam de ir mais além na narrativa de mais este descalabro do futebol português.

●

E agora? Bem, meus caros, agora vamos escutar por aí as costumadas frases que tudo mandam adiar. E isso, já se fala no «mundial» de 1990 como meta a atingir, só que contando com as directrizes actuais e como o «compadrio» reinante só se porventura surgir um novo Eusébio, pois caso contrário estamos conversados.

●

Uma palavra sobre os helvíticos: trata-se de uma equipa modesta e que em situações normais sairia de Pedras Rubras com a sacola a abarrotar e, em conversa que mantive no termo do encontro com os seus responsáveis, todos se mostraram surpreendidos pela fragilidade do bloco que encontraram nesta sua ronda a terras portuguesas. Falaram no grande prestígio ds clubes portugueses em toda a Europa e mostraram a sua incompreensão para a fraca qualidade de futebol exibido na noite de ontem nas Antas. E disse-me um deles: «Olhe que não escutei um aplauso saído das bancadas para os vossos jogadores e, quando isso acontece, é notória a existência do divórcio entre o público e a selecção.»

E realmente isso que sucede, mas eu silenciei (com desgosto) o desabafo daquele atento cidadão helvético.

Por fim, direi o sr. Lajos Nemeth, mandado pela UEFA, dirigiu o encontro com total isenção e pleno rigor quanto ao que determinam as leis que regem o jogo. Ele sim, deu boa aula.

Futre rompe a barreira helvética

Estádio das Antas. Árbitro: Lajos Nemeth (Hungria).

PORTUGAL: Jesus; João Pinto, Frederico, Miguel e Alvaro; Frasco (Parente, 45), André e Sousa; Rui Aguas (Adão, 73), Futre e Coelho.

SUÍÇA: Brunner; Marini, Schaellibaum, Weber e Geiger; Koller (Perret, 80), Sutter, Hermann e Brigger (Zwicker, 66); Bickel e Bonvin.

A RFA já tem quatro "aliados"

Inglaterra, Dinamarca e República da Irlanda inscreveram os seus nomes na lista dos finalistas do «europeu» de futebol, enquanto Portugal viu destruídas todas as suas hipóteses, ao empatar (0-0), nas Antas, com a Suíça.

A **Inglaterra** (grupo 4) conseguiu o «passaporte» para a fase final, ao «cilindrar» a Jugoslávia em Belgrado por 4-1, enquanto **Dinamarca** e **Irlanda** obtiveram o «visto» de finalistas, ao beneficiarem dos desaires do País de Gales e Bulgária, seus rivais do grupo 6 e 7, respectivamente.

Ainda para o grupo 4, a Irlanda do Norte bateu, em Belfast, a Turquia por 1-0, com um golo solitário de Jimmy Quinn, mas o resultado não teve nenhuma influência na posição das equipas na tabela classificativa.

No grupo 6, Checoslováquia bateu Gales por 2-0, com tentos de Knoflicek (32 minutos) e Bilek (89), com o proveito da vitória a pertencer aos dinamarqueses, que finalizaram a prova, com 8 pontos, seguidos dos Checoslovacos (7 pontos) e galeses (6 pontos).

O País de Gales, que já fora afastado do «Mundial-86» no México, com uma derrota no seu último jogo, necessitava de ganhar em Praga para igualar os dinamarqueses no topo da tabela, mas a falta de inspiração de Ian Rush e Mark Hughes no ataque, não permitiu outro desfecho.

●

No grupo 7, a **República da Irlanda** ficou apurada para a final do «Europeu» em 1988 na RFA, ao colher os frutos da magra vitória (1-0) da Escócia em Sofia frente á Bulgária, com o golo «fatal» para os locais a ser alcançado a escassos quatro minutos do fim por MacKay. Com este desaire, a Bulgária terminou no 2º lugar, com 10 pontos e a um escasso ponto dos irlandeses, que certamente não esperavam o «brinde» dos escoceses, que ganharam pela terceira vez em sete partidas.

No outro encontro do mesmo grupo, a Bélgica, já sem quaisquer hipóteses, limitou-se a cumprir o calendário e a vencer os modestos luxemburgueses por 3-0, com golos de Ceulemans, Marc Degryse e Creve.

●

A Polónia, desmotivada no grupo 5, dado o apuramento já conhecido (?) da Holanda (líder com 12 pontos), ganhou a Chipre por 1-0, mas a sua exibição não convenceu nenhum dos oito mil espectadores presentes em Limassol. O único tento da partida surgiu, aos 74 minutos, através de Marek Lesniak, mas o empate também não escandalizaria.

●

Após a ronda, o número de finalistas já conhecidos do europeu eleva-se para 5, sendo eles os seguintes: **URSS** (grupo 3), **Inglaterra** (grupo 4), **Dinamarca** (grupo 6), **Republica da Irlanda** (grupo 7) e RFA, na qualidade de país anfitrião da prova. Quanto ao grupo 5, espera-se pelo resultado da reunião da UEFA, a realizar amanhã, que decidirá se a **Holanda** será afastada da prova, penalizada com a derrota de 3-0 ou se o resultado (8-0) averbado frente aos cipriotas será sancionado e a ser assim confirmado o seu apuramento.

Resultados e classificações

Grupo 2

Portugal, 0-Suíça, 0

	J	V	E	D	G	P
Suécia	7	4	2	1	11-3	10
Itália	6	4	1	1	11-3	9
Suíça	7	1	4	2	8-8	6
Portugal	6	1	4	1	5-5	6
Malta	6	0	1	5	3-19	1

Próximos jogos: Itália-Suécia (14/11), Malta-Suécia (15/11), Itália-Portugal (5/12) e Malta-Portugal (20/12).

Grupo 4

Jugoslávia, 1-Inglaterra, 4
Irlanda do Norte, 1-Turquia, 0

	J	V	E	D	G	P
Inglaterra	6	5	1	0	19-1	11
Jugoslávia	5	3	0	2	10-7	6
Irlanda N.	6	1	1	4	2-10	3
Turquia	5	0	2	3	0-13	2

Último jogo: Turquia-Jugoslávia, a 16 de Dezembro.
Equipa já apurada: Inglaterra

Grupo 5

Chipre, 0-Polónia, 1

	J	V	E	D	G	P
Holanda	7	5	2	0	16-1	12
Grécia	7	4	1	2	12-10	9
Polónia	8	3	2	3	9-11	8
Hungria	7	3	0	4	12-11	6
Chipre	7	0	1	6	3-19	1

Próximos jogos: Hungria-Chipre, a 2 de Dezembro e Grécia-Holanda, a 16 de Dezembro.

Grupo 6

Checoslováquia, 2-P. de Gales, 0

	J	V	E	D	G	P
Dinamarca	6	3	2	1	4-2	8
Checoslováquia	6	2	3	1	7-5	7
P. Gales	6	2	2	2	7-5	6
Finlândia	6	1	1	4	4-10	3

Equipa apurada: Dinamarca

Grupo 7

Bélgica, 3-Luxemburgo, 0
Bulgária, 0-Escócia, 1

	J	V	E	D	G	P
Rep. Irlanda	8	4	3	1	10-5	11
Bulgária	8	4	2	2	12-6	10
Bélgica	8	3	3	2	14-6	9
Escócia	7	3	2	2	7-5	8
Luxemburgo	7	0	0	7	2-23	0

Último jogo: Luxemburgo-Escócia, no dia 2 de Dezembro.
Equipa já apurada: República da Irlanda.

Chipre pede à UEFA que tenha «mão pesada»

Uma subcomissão do futebol do Chipre irá apresentar ao comité da UEFA um documento que acusa os adeptos holandeses de terem criado um clima de terror à volta do jogo desde o seu início.

«**Eles atiraram tudo o que tinham à mão, desde bolas a laranjas, e sem qualquer razão, para intimidarem os nossos atletas**», disse Triantafyllides, que esteve presente no Estádio de Roterdão.

Rui Águas: louve-se o esforço

MADJER: L'ARTISTE

Rabaht Madjer apresentou o seu livro, escrito em francês, intitulado «**Madjer L'artiste**«, durante uma cerimónia realizada no Porto.

Segundo um dos responsáveis pelo lançamento do livro, o empresário Lucídio Ribeiro, o livro, que custará entre 1500 e 1800 escudos, «fará parte do próximo número da revista desportiva «Magazine Mundial».

A transferência de Madjer para o Bayern de Munique no final da época foi pretexto para uma chuva de perguntas por p te dos jornalistas, tendo o argelino dito que o Real Madrid, E arce'ona, Torino e Paris Saint-Germain estiveram também inte ss dos no seu concurso. «Embora eu deva tudo ao FC Porto, se ass i ei pelo Bayern foi porque o pude fazer sem contrariar alguma cláusula do contrato que tenho com o FC Porto» — frisou.

Último apontamento: Nenhum dirigente do FC Port o esteve presente na cerimónia.

Microscópio

Andebol: jogo antecipado

O ABC de Braga derrotou a equipa do Francisco da Holanda por 17-15 em encontro antecipado do campeonato nacional de andebol da primeira divisão.

O jogo faz parte da 3.ª jornada da segunda volta.

Xadrez: mais um nulo dos «KK»

A 12.ª partida do «match» para o título mundial de xadrez terminou empatada, após 21 movimentos, entre o campeão Garry Kasparov e o pretendente Anatoly Karpov.

Kasparov, que jogou com as brancas, ofereceu a Karpov o empate, após efectuar o lance 21, e o pretendente aceitou.

Com este resultado, Kasparov soma 6,5 pontos, contra 5,5 de Karpov.

Câmara de Sines ensina ténis

Estão abertas as inscrições para aulas na Escola de Ténis da Câmara de Silves, que estarão a cargo do técnico Jorge Varela e funcionarão nos dois campos de ténis situados junto à Escola Preparatória, e que estão a passar por trabalhos de beneficiação.

A fundação da Escola de Ténis remonta a 1979 e, actualmente, as suas actividades são já reconhecidas pela Federação Portuguesa da modalidade.

Em comunicado, a autarquia silvense refere esperar que «depois das obras em curso, os campos fiquem nas condições ideais para a prática do ténis,dando resposta aos anseios dos praticantes, essencialmente jovens, que se têm inscrito nas épocas anteriores em número já considerável».

«GEGRUPO-GESTÃO DE PROJECTOS, LIMITADA»

Certifico narrativamente para efeitos de publicação que por escritura de 23 de Outubro em curso, lavrada fls 82 do livro n.º 242-D, do 15.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária Licenciada em Direito, Amélia Josefina de Queiroz Lopes, Raul Manuel Bastos Ressano Garcia e Frederico Eduardo Bastos Ressano Garcia, cederam as quotas que possuíam no capital social da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas com sede nesta cidade no Largo Heintze Ribeiro, n.º 2, 6.º dt.º, freguesia de São Mamede, e renunciaram à gerência em que se encontravam investidos. Pela mesma escritura foi aumentado o capital social de 2 700 000$00 para 3 500 000$00, aumento este de 800 000$00, integralmente realizado em dinheiro,e subscrito por todos os sócios pela forma seguinte e para reforço das respectivas quotas: Marino Fernando Peralta da Silva Antunes Martins com 400 000$00, Grácia de Mendia de Castro Martins com 200 000$00 e Filipa Constança de Castro Martins Veiga, Paula Mendia de Castro Martins da Cunha Reis, Marino Mendia de Castro Martins e Joana Mendia de Castro Martins com 200 000$00 em partes iguais, e ainda alterados os artigos 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º dos estatutos e para evitar que o pacto social fique disperso por várias escrituras a sociedade mantendo a actual designação de «GEGRUPO-GESTÃO DE PROJECTOS LIMITADA», e o mesmo objecto específico, passa a reger-se pelos artigos a seguir fotocopiados em 4 laudas na parte que para aquele efeito interessa.

PRIMEIRO

A sociedade continua a adoptar a denominação GEGRUPO-GESTÃO DE PROJECTOS, LIMITADA, tem a sua sede e domicílio em Lisboa, no Largo Hintze Ribeiro, número dois, sexto andar direito, freguesia de S. Mamede, e durará por tempo indeterminado, a contar da data da sua constituição

PARÁGRAFO ÚNICO — A gerência poderá instalar todos e quaisquer estabelecimentos, sucursais, agências, delegações ou outras formas de representação social em qualquer lugar do território nacional, bem como transferi-los ou encerrá-los.

SEGUNDO

UM. A sociedade tem por objecto a compra e venda de bens imóveis, sua administração, bem como a elaboração de estudos, projectos, actividades de gestão, fiscalização e coordenação de empreendimentos imobiliários e urbanísticos e a sua comercialização.

DOIS. À sociedade fica reservado o direito de se associar com outros indivíduos ou sociedades, participando ainda do respectivo capital social, gerência ou administração, ainda que a actividade dessas sociedades não coincida com o seu específico objecto social

TERCEIRO

O capital social é de TRÊS MILHÕES E QUINHENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, a saber: uma, de UM MILHÃO SETECENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, pertencente ao sócio MARINO FERNANDO DA SILVA PERALTA ANTUNES MARTINS, outra, de OITOCENTOS E SETENTA E CINCO MIL ESCUDOS, pertencente à sócia GRÁCIA DE MENDIA DE CASTRO MARTINS, outra, também de OITOCENTOS E SETENTA E CINCO MIL ESCUDOS pertencente, em comum, a FILIPA CONSTANÇA DE CASTRO MARTINS VEIGA, PAULA MENDIA DE CASTRO MARTINS DA CUNHA REIS, MARINO MENDIA DE CASTRO MARTINS e JOANA MENDIA DE CASTRO MARTINS

QUARTO

Poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, na proporção das suas quotas, se o desenvolvimento da sociedade assim o exigir e nos termos em que for deliberado por unanimidade em assembleia geral, até ao montante global de TRINTA E CINCO MILHÕES DE ESCUDOS.

QUINTO

UM. A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento prévio da sociedade, segundo o regime previsto pelos artigos duzentos e trinta e duzentos e trinta e um do Código das Sociedades Comerciais

DOIS. Dado o consentimento da sociedade, gozam os restantes sócios do direito de preferência na aquisição da quota a ceder.

TRÊS. O sócio cedente deve comunicar aos restantes sócios o projecto de cessão e as cláusulas do respectivo contrato.

QUATRO. A declaração de opção será feita por carta registada com aviso de recepção, dirigida ao cedente, dentro do prazo de trinta dias a contar da comunicação do projecto de cessão.

CINCO. Havendo mais do que um sócio que pretenda exercer o direito de preferência, o exercício efectivo deste defere-se sucessivamente por ordem decrescente do valor nominal das quotas já possuídas, aplicando-se o disposto pelo número UM do artigo quatrocentos e dezanove do Código Civil quando a regra antecedente implicar que o direito pertença simultaneamente a vários titulares

SEXTO

UM. A sociedade é administrada e representada por dois ou mais gerentes, que podem ser estranhos à sociedade, eleitos pela assembleia geral.

DOIS. Os gerentes podem ter ou não remuneração, conforme for decidido pela assembleia geral.

TRÊS. A sociedade obriga-se pela assinatura de qualquer gerente

QUATRO. À gerência competem os mais amplos poderes de representação e de gestão, e designadamente os poderes necessários para

a) representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, podendo confessar, desistir ou transigir em quaisquer pleitos e obrigar-se por árbitros,

b) adquirir quaisquer valores, móveis ou imóveis, independentemente de qualquer autorização ou parecer;

c) alienar, hipotecar ou de qualquer forma obrigar bens móveis ou imóveis,

d) contrair empréstimos e realizar quaisquer outras operações de crédito, activas ou passivas, com ou sem garantia real

CINCO. Os gerentes não poderão assinar letras de favor, fianças ou abonações, nem obrigar a sociedade em quaisquer actos ou contratos estranhos ao seu objecto social

SÉTIMO

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

a) insolvência ou falência do sócio titular;

b) arresto, arrolamento ou penhora da quota,

c) venda ou adjudicação judicial da quota.

OITAVO

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com pelo menos QUINZE dias de antecedência.

NONO

UM. A assembleia geral anual que deliberar sobre a aprovação do relatório de gestão e das contas do exercício, deliberará igualmente sobre a aplicação dos resultados.

DOIS. A assembleia geral poderá sempre deliberar, por simples maioria, que seja destinada a reservas especiais uma parte não excedente a três quartos dos lucros, que, nos termos da lei, seja distribuível aos sócios.

DÉCIMO

Para todas as questões entre os sócios e a sociedade, emergentes deste pacto social, designadamente as relativas à validade e à interpretação das respectivas cláusulas e ao exercício dos direitos sociais, é exclusivamente competente o foro da comarca de Lisboa.

Está conforme ao origina

Lisboa, vinte e oito de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete

O AJUDANTE,
Maria de Fátima Martins
Bernardino Benedito

«DL» - 12/11/1987

CLÍNICA MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA

DOENÇA DA BOCA E DENTES
COMPETÊNCIA A PREÇOS ACESSÍVEIS

Urgências sem marcação
Acordo com a ADSE

Av. da República, 99-5.º Esq.º (ao Campo Pequeno)
Telef. 760569

COMARCA DE PORTO DE MÓS

ANÚNCIO

1.ª Secção — Proc. n.º 155/87

A Doutora Maria Ruth Pereira Garcez Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Porto de Mós

Faz saber que no dia 25 do próximo mês de Novembro pelas 10 horas, neste tribunal hão-de ser postos em praça para serem arrematados por qualquer preço, os bens abaixo identificados, penhorados ao exectuado Manuel Rodrigues, residente em B. Sobreirinha-Mira de Aire – na execução de sentença que lhe move a Companhia de Seguros Império, com sede na Rua Garret, 56, Lisboa e de que é depositário o executado, acima indicado.

BENS A ARREMATAR

1 – Um frigorífico de marca "Siltal", de capacidade média, em bom estado de conservação e funcionamento, avaliado em 10 000$00;

2 – Um televisor a preto e branco de marca "Grundig", em mau estado de conservação e funcionamento, avaliada em 5000$00;

3 – Um televisor a preto e branco de marca "ITT", modelo Candirava, em bom estado de conservação e funcionamento, avaliada em 20 000$00;

4 – Um jogo de maples em napa, de cor vermelha, composto por um sofá-cama e dois individuais, em mau estado de conservação avaliados em 5000$00;

5 – Uma mobília de quarto de casal em madeira, composta por cama e duas mesas de cabeceira em estado razoável de conservação, avaliada em 10 000$00.

Porto de Mós, 27/10/87

A Juiz de Direito,
Maria Ruth Pereira Garcez

A escriturária,
Regina Celeste Pereira Cecílio Gomes

"D.L." 12/11/1987

NOTARIADO PORTUGUÊS
Décimo Primeiro Cartório Notarial de Lisboa

Rua dos Lusíadas, número treze, cave

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 70 a fls. 71-v.º, do respectivo livro n.º 112-C, deste 11.º Cartório Notarial de Lisboa, João Maria Alves deixou de ser sócio, e renunciou à gerência que exercia na sociedade comercial por quotas, sob a firma «SILVA, CARVALHO & ABREU, LIMITADA», com sede na Estrada de A da Maia, na loja 9, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial desta cidade sob o número 28.130, do livro C-71, e titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 500723095.

Pela mesma escritura, foi elevado o capital da designada sociedade de 7.500$00 para 1.000.000$00, cujo aumento de 992.500$00, foi subscrito e realizado a dinheiro, pelos seus únicos sócios Artur Pires e José Mário Borges Osório, respectivamente com 493.000$00 e 499.500$00, e o pacto social foi alterado quanto aos artigos 3.º e 5.º, que passaram a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 1.000.000$00, dividido em duas quotas iguais de 500.000$00, possuindo uma cada sócio.

QUINTO:

A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo ou fora dele, activa e passivamente, fica a cargo de ambos os sócos, desde já nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de um só deles, para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos

Está conforme.

Lisboa e 11.º Cartório Notarial, 22 de Julho de 1987.

O Terceiro-Ajudante

(Isidoro de Jesus Aires)

«DL» 12/11/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

1.ª Secção

ANÚNCIO

O DOUTOR José David Pimentel Marcos, Juiz de Direito do 4.º Juízo Cível — 1.ª Secção da comarca de LISBOA.

Pelo Juízo de Direito desta comarca — 1.ª Secção — e nos autos de Falência n.º 3463 que Areal & Torres, Lda., propõe contra Fildec Sociedade de Empreendimentos Técnicos e Comerciais, Lda., com última sede conhecida na Rua Conde das Antas n.º 60, São Sebastião da Pedreira, Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da data da segunda e última publicação do anúncio, citando aquela, para no prazo de CINCO DIAS, decorrido que seja o dos éditos, responder, querendo, ao pedido formulado, e no mesmo prazo juntar o rol de testemunhas e documentos como meios de prova, tudo nos termos do art.º 1178 do Código Processo Civil

Lisboa, 27 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
a) José David Pimentel Marcos

O Escrivão Adjunto Interino
a) Alberto Manuel Teixeira Mesquita

«DL» 12/11/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º 10 551-B **2.ª Secção**

FAZ-SE SABER QUE – por este Juízo, 2.ª secção e autos de Execução de Sentença que a COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, move contra EDUARDO AMARAL FERREIRA, com última residência conhecida em Aguiar da Beira – Trancoso, correm éditos de trinta dias contados da data da segunda e última publicação do anúncio citando-se o referido executado para no prazo de cinco dias decorrido que seja o dos éditos, deduzir oposição, pagar à exequente a quantia de 50 203$00, acrescida de juros de mora vincendos à taxa legal sobre a quantia de 41 544$00 desde 15-5-87 até integral pagamento, ou no mesmo prazo nomear à penhora bens suficientes para garantia e pagamento não só da quantia exequenda, mas também das custas prováveis da presente execução de nomeação de bens à penhora, pelos motivos constantes do requerimento inicial cujo duplicado se encontrava arquivado na Secretaria do 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

Lisboa, 2/11/987.

O Juiz de Direito,
António Manuel Martins Lopes

O Escrivão Adjunto,
Manuel Loureiro

«DL» 12/11/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Execução de sentença n.º 2518-A/86, 3.ª Secção.

Exequente C.ª DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.

Executado MANUEL ANTÓNIO MAIA, residente em Vermiosa, comarca de Figueira de Castelo Rodrigo.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 4 de Novembro de 1987.

O Juiz de Direito,
José Fernando Salazar Casanova Abrantes

A Escriturária Judicial,
Irene Padez Caetano

«DL» 12/11/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

P.º 5284

ANÚNCIO

PELO PRESENTE SE FAZ SABER QUE, por este Juízo e 3.ª Secção, nos autos de Acção Sumária que o Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede em Lisboa move contra o Réu SEMAGRA – que teve a sua sede na Rua Sampaio Pina, 16-1.º, em Lisboa e actualmente em parte incerta, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando aquela Ré para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar esta Acção sob pena de, não o fazendo, poder vir a ser condenado no pedido.

O duplicado e a petição inicial fica, neste Juízo e Secção, à disposição da citanda.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1987.

O Juíz de Direito,
(assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(assinatura ilegível)

«DL» 12/11/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

A DOUTORA, ALBERTINA AVEIRO PEREIRA, Juiz de Direito do 16.º Juízo Cível de Lisboa

FAZ SABER que por este Juízo e segunda secção, nos autos de Execução de Setença n.º 5357/B, em que são exequente, COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP e executado, ALFREDO ELEUTÉRIO ALVES, com última residência conhecida em Golfeiras, Mirandela e, actualmente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio, notificando o executado acima identificado de que, por despacho proferido em 2 de Junho de 1987, foi ordenada a penhora do imóvel adiante descrito, do qual foi nomeado depositário, o sr. Manuel Inácio, proprietário, residente em Mirandela, a quem por isso, incumbe no futuro, a sua guarda e administração, abrangendo a penhora todas as pertenças e rendas.

Imóvel penhorado:

Prédio urbano sito na Rua da Boavista, n.º 29, em Mirandela, composto de cave com uma divisão e r/c com três divisões, inscrito na Repartição de Finanças de Mirandela sob o art.º 2272.

Para constar se lavrou o presente e mais dois de igual teor, que vão ser afixados.

Lisboa, 5 de Novembro 1987

O Juiz de Direito,
Albertina Aveiro Pereira

A Escrivã-Adjunta,
Maria José Marques Santos

"D.L." 12/11/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio. — Execução da Sentença n.º 11 290-A 3.ª secção Exequentes — PORTUGAL PREVIDENTE Companhia de Seguros, SARL. — Executado — MANUEL MARIA RODRIGUES BRANDÃO e mulher Rosa Maria Vieira de Sá, ele comerciante e ela doméstica, ambos residentes no lugar da Vinha – Esposiz 3880 OVAR.

Lisboa, 11 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
Hugo Pereira do Amaral Barata

Pel'O Escrivão de Direito
Leocínio dos Santos Caçador

«DL» 12/11/87 — 2.ª Pub.

AGARRE-SE Á ESTRADA

Veja o estado dos pneus

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GOLFE: 250 PARTICIPANTES NO TORNEIO TAP

O torneio aberto de golfe Tap-Air Portugal, realiza-se 23 a 29 do corrente em Vilamoura, com a participação de cerca de 250 jogadores de 13 países.

O número de inscrições neste torneio internacional, um dos mais importantes a nível amador na Europa, regista, este ano, novo recorde, mas a organização aguarda ainda a inscrição de mais jogadores portugueses, ou estrangeiros residentes em Portugal.

Os jogadores estrangeiros inscritos, a maioria acompanhados da família num total de cerca de 300 pesoas, são provenientes da Inglaterra, Alemanha Federal, Bélgica, Holanda, Escandinávia, Estados Unidos, Espanha, Suiça, Africa do Sul, Zimbabwe e, pela primeira vez, da Grécia.

«A Grécia participa pela primeira vez no 'Open', devido à criação recente da linha Atenas-Lisboa», disse Sérgio Lopes, da direcção comercial da transportadora aérea portuguesa, que assistiu à apresentação do torneio juntamente com Carlos Bastos, Eduardo Carvalhosa e Eduardo Nascimento.

O golfe é um desporto com grande projecção na Europa, Estados Unidos e Canadá, e está a ser utilizado como concorrência na oferta turística a nível europeu, adiantou Sérgio Lopes, segundo o qual o torneio se destina a divulgar o turismo português na sua componente desportiva, e a preencher os espaços dos aviões da TAP nos meses de inverno.

O «Open» da TAP, com quatro voltas (72 buracos), destina-se a jogadores de ambos os sexos das quatro principais categorias, com «handicaps» de 0 a 28.

Os prémios, para as categorias «net», «gross» e senhoras, vão desde viagens a estadias no Algarve e taças.

Este «Open» TAP vai continuar a disputar-se anualmente no Algarve, sempre na última semana de Novembro, mas no próximo ano vão iniciar-se dois novos torneios amadores internacionais na região de Lisboa, de forma a dinamizar o golfe com mais intensidade.

Em Fevereiro vai disputar-se o «Tap-Sénior Open Golf» e em Maio realiza-se a primeira edição do «Tap-Spring Open», ambos também amadores, disse Mário Carvalhosa, responsável pelo golfe da Tap-Air Portugal.

Um dos nossos objectivos é contribuir para que Portugal possa concorrer em termos de oferta turística com outros países, salientou Sérgio Lopes.

Simultaneamente ao «Open» de golfe da TAP, que tem a colaboração entre outros, da Região de Turismo do Algarve e do Clube Dom Pedro, os jogadores e acompanhantes terão um programa turístico e gastronómico.

Lisboa-Porto entre jornalistas na Luz, em Alvalade e no Jamor

Os pavilhões do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, os «courts» do Jamor, um dos relvados do Estádio Nacional e uma das salas nobres do Hotel Embaixador vão ser-palco, no próximo fim-de-semana, do Segundo Encontro de Jornalistas de Lisboa e Porto, nas modalidades de futebol de onze, futebol de salão, ténis, ténis de mesa e xadrez.

A jornada, que se avizinha renhida, inicia-se com um tira-teimas Lisboa-Porto em futebol de onze. No encontro de há um ano no Estádio da Maia, as duas equipas empataram a zero bolas e, desde então, têm-se preparado intensamente para o jogo decisivo que dará ao vencedor uma taça, até agora devidamente guardada numa das mais importantes instituições bancárias do país.

No ténis, o confronto Norte-Sul terá em Manuel Freire (Lisboa) e Costa Carvalho (Porto) os intérpretes mais significativos, enquanto que no xadrez Manuel António Pina (Porto) poderá recuperar o título de campeão de jornalistas, perdido por falta de comparência há um ano.

Mas o momento alto, o momento «histórico» deste encontro de jornalistas ocorrera na manhã de domingo, no pavilhão da Luz, quando se defrontarem as campeãs ibéricas de futebol de Salão feminino que na Figueira da Foz venceram a fortíssima selecção espanhola e empataram entre si.

O encontro terminará com um almoço-convívio no adequado ambiente do restaurante Brazuca, seguido de uma visita às instalações da futura-sede do Clube de Jornalistas, situada na rua das Trinas, 127, Lisboa.

Farense: Conselho Geral vai reunir

O presidente da assembleia geral do Farense, Cabrita Neto, vai convocar para breve uma reunião do conselho geral do clube.

Cabrita Neto já deu conhecimento desta intenção ao presidente da direcção do Farense, Fernando Barata, apresentando como justificação a necessidade de uma análise à situação actual do clube.

A situação económica do Farense e o seu posicionamento face às futuras eleições na Associação de Futebol de Faro e no âmbito da Federação Portuguesa de Futebol serão aspectos em foco na reunião.

Albaneses escapam-se para a Grécia

Dois jogadores internacionais da Albânia que escaparam à vigilância dos seus guardas no aeroporto de Atenas e fugiram para a Grécia afirmando que a sua decisão se baseou no clima de medo que se vive na Albânia.

Anid Hoxha, 23 anos e Lulzum Dersheni, 20 anos, disseram que os dirigentes albaneses os obrigavam a jogar de sapatos e caso se queixassem eram enviados para um campo de trabalho.

Temos vergonha de realizar os jogos internacionais de sapatos calçados porque a nossa equipa não tem dinheiro para comprar botas e futebol — disse Dersheni.

Hoxha revelou que **a moral dos jovens** albaneses e dos jogadores de futebol **é tão baixa que os futebolistas numa atitude de protesto fazem tudo para perder os jogos** e que a situação económica do país «está má e cada vez pior».

EPORTUGAL

	T. 0 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	8	7	0.0	Encob.
V. Castelo	15	13	0.0	Chuva
Vila Real	11	8	0.0	Encob.
Porto	13	11	0.0	Neblina
Coimbra	9	8	0.0	M. nub.
C. Carvoeiro	15	15	0.0	M. nub.
C. Branco	7	5	0.0	Neblina
Portalegre	8	6	0.0	Limpo
Lisboa	13	12	0.0	M. nub.
Évora	9	8	0.0	Limpo
Beja	8	7	0.0	Limpo
Faro	11	10	0.0	P. nub.
Sagres	11	14	0.0	P. nub.
P. Delgada	15	14	0.0	M. nub.
Funchal	18	17	0.0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 17, Faro 20, Ponta Delgada 20, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

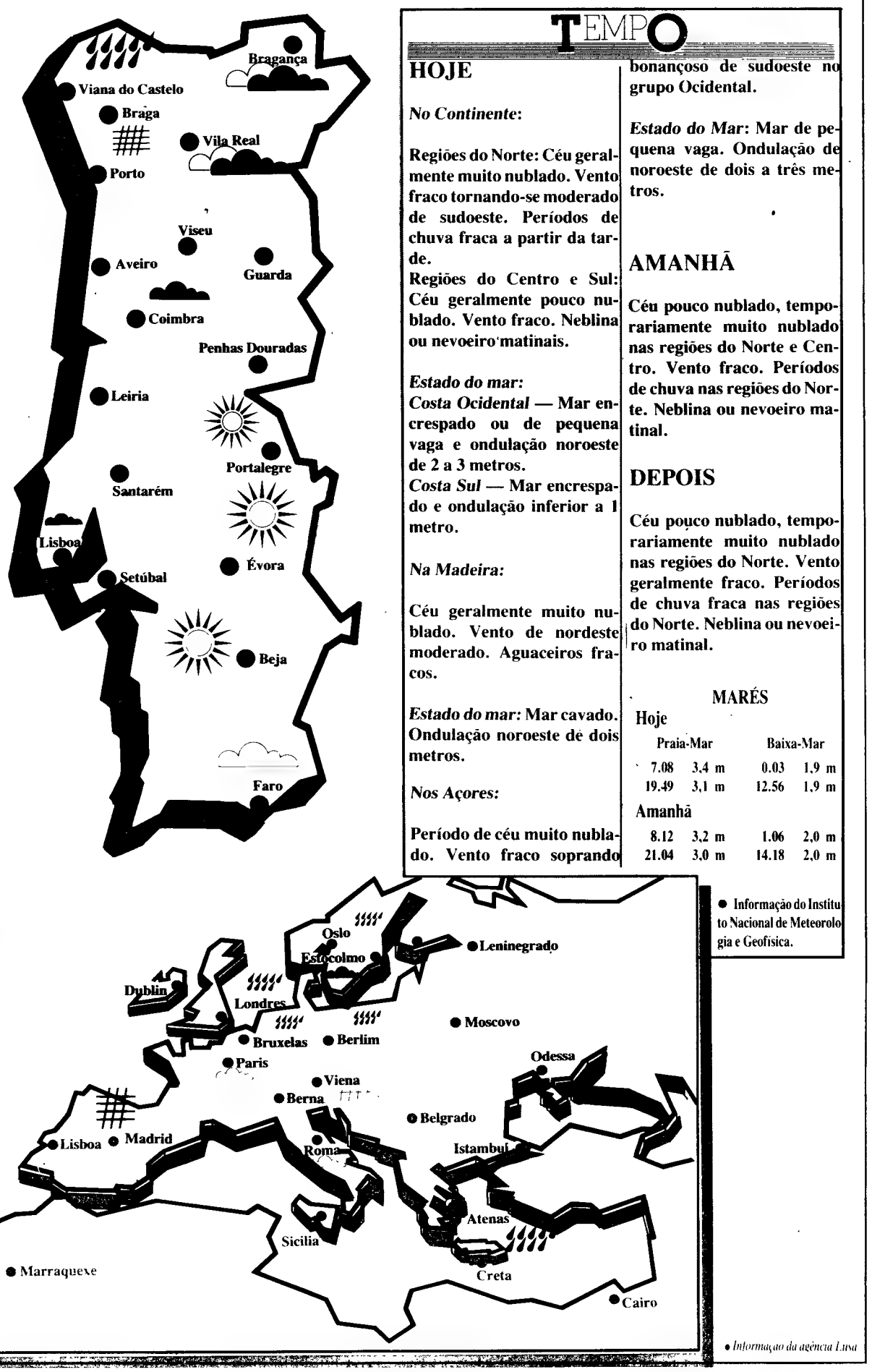
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	7	6	Nevoeiro
Londres	6	6	Chuva
Paris	11	11	P. nub.
Bruxelas	10	9	Chuva
Amesterdão	9	9	Chuva
Genebra	10	3	Encob.
Roma	9	9	Limpo
Oslo	4	4	Chuva
Copenhaga	8	6	Chuva
Estocolmo	0	0	M. nub.
Berlim	8	6	Chuva
Viena	1	0	Neblina
Varsovia	-	-	—
Atenas	16	16	Chuva
Moscovo	-	-	—

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	21	29	Nublado
Joanesburgo	15	23	Nublado
Los Angeles	16	29	Limpo
Montreal	-3	4	Nublado
Nova Deli	14	30	Limpo
Nova Iorque	2	4	Nublado
R. de Janeiro	-	-	—
S. Francisco	12	20	Limpo
São Paulo	-	-	—
Toquio	11	21	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

***No Continente*:**

Regiões do Norte: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco tornando-se moderado de sudoeste. Períodos de chuva fraca a partir da tarde.
Regiões do Centro e Sul: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinais.

Estado do mar:
***Costa Ocidental* — Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação noroeste de 2 a 3 metros.**
***Costa Sul* — Mar encrespado e ondulação inferior a 1 metro.**

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento de nordeste moderado. Aguaceiros fracos.

***Estado do mar:* Mar cavado. Ondulação noroeste de dois metros.**

Nos Açores:

Período de céu muito nublado. Vento fraco soprando bonançoso de sudoeste no grupo Ocidental.

***Estado do Mar*: Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte e Centro. Vento fraco. Períodos de chuva nas regiões do Norte. Neblina ou nevoeiro matinal.

DEPOIS

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento geralmente fraco. Períodos de chuva fraca nas regiões do Norte. Neblina ou nevoeiro matinal.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
7.08	3,4 m	0.03	1,9 m
19.49	3,1 m	12.56	1,9 m

Amanhã

8.12	3,2 m	1.06	2,0 m
21.04	3,0 m	14.18	2,0 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Académica: distinção ao mérito

O ministro da Educação (Roberto Carneiro) distinguiu com a Medalha de Mérito Desportivo a Associação Académica de Coimbra, que este ano comemora o seu primeiro centenário.

A «longa tradição» da instituição académica conimbricense e o «valioso contributo» que a «Briosa» tem prestado à formação individual dos seus atletas são duas razões citadas por Roberto Carneiro no despacho em que justifica a condecoração.

O ministro da Educação destaca ainda o «eclectismo» da componente desportiva da Académica e o «papel pioneiro e de liderança que a A.A.C. tem mantido na defesa dos interesses dos estudantes universitários portugueses».

Televisão prova erro

As autoridades desportivas italianas estudam a possibilidade de o norte-americano Larry Myricks ter perdido a medalha de bronze do salto em comprimento nos mundiais de atletismo de Roma, devido a um erro de medição.

A televisão italiana mostrou imagens acompanhadas de gráficos computorizados, que demonstram que o terceiro classificado, o italiano Giovanni Evangelisti, foi «beneficiado» na medição do salto.

Evangelisti foi oficialmente creditado com 8,38 metros, enquanto Myricks saltou 8,33. No entanto, os gráficos demonstram que o italiano saltou 7,80 metros, menos 0,58 metros que a marca que lhe foi creditada.

A Federação Italiana de Atletismo anunciou já que as provas televisionadas serão apresentadas à Federação Internacional da modalidade, enquanto Evangelisti se mostrou pronto a devolver a medalha, caso o engano seja provado.

Râguebista arranca orelha

O jogador neozelandês de râguebi Latu Vaeno foi condenado a seis meses de prisão por ter arrancado à dentada uma orelha a um adversário.

Para o advogado de defesa do jogador, Vaeno, 29 anos, não decidiu arrancar a orelha do adversário, «mas por qualquer motivo a orelha foi-lhe parar à boca durante um despique animado do encontro e o jogador na emoção da luta acabou por fechar boca e arrancá-la».

O juiz todavia não aceitou o argumento da «defesa», contrapondo com ironia que «arrancar à dentada as orelhas de alguém ainda não faz parte das regras do jogo, nem entra no habitual dá e leva que a modalidade permite».

Zoetemelk arrumou a bicicleta

O veterano ciclista holandês Joop Zoetemelk retirou-se das competições, com um 3.º lugar na clássica velocipédica de Tilburgo (Holanda), ganha por Jean Van Poppel.

«Sjoop», como é conhecido nos meios velocipédicos, envergou 22 vezes a camisola amarela no «Tour» de França, tendo ganho ao longo da sua carreira um total de 201 provas.

O ciclista holandês atingiu o cume da sua carreira em 1980 quando ganho o «Tour», tendo sido campeão mundial em 1985.

Por não haver dinheiro

SEM POLICIAMENTO NÃO HÁ FUTEBOL

Alguns jogos dos diferentes escalões dos campeonatos portugueses de futebol podem não se realizar no próximo fim-de-semana por falta de policiamento, alertou a Associação de Futebol de Lisboa.

A associação referiu que «não é em cima da hora» que se vão avisar os clubes que têm de suportar as despesas de policiamento nos seus recintos desportivos.

Os regulamentos determinam que nenhum jogo poderá ter lugar sem a presença das autoridades policiais consideradas sufucientes para manter a segurança.

Após a confirmação do esgotamento das verbas por parte do Ministério da Administração Interna para o policiamento nos parques desportivos, os clubes visitantes terão que suportar tais despesas, nos termos de uma portaria publicada a 5 de Novembro no «Diário da República».

Sobre o policiamento para o jogo Sporting-Covilhã no domingo, orçado em cerca de 300 contos, o clube de Alvalade irá pagar uma taxa à adiministração do Estádio Nacional pelo que será esta que terá de garantir a segurança no jogo.

Entretanto, a Associação Nacional de Clubes irá convocar para preve uma reunião para analisar a situação sobre o policiamento nos recintos desportivos.

●

A tabela das forças policiais para recintos desportivos é a seguinte: oficial — 1760 escudos, subchefe -- 1460 escudos, guarda principal — 1260 escudos, guarda — 1040. Estes pagamentos correspondem a três horas, depois existe um suplemento de 440 escudos por cada hora a mais.

A explicação ministerial

O Ministério da Administração Interna (MAI) esgotou a verba disponível para o policiamento dos recintos desportivos, pelo que a partir de agora terão que ser os clubes a suportar a respectiva despesa.

Luís Madureira, secretário-geral do MAI, referiu que era previsível que a verba parao policiamento dos recintos desportivos não chegaria e admitiu o «desfasamento» da saída da Portaria que regulamenta esta questão.

O secretário-geral do MAI adiantou que a portaria publicada a 5 de Novembro «saiu no tempo possível, mas com atraso», tendo especificado que, não coincidindo o ano económico com o ano desportivo, a saída no início de Novembro da portaria que regulamenta o pagamento do policiamento nos parques desportivos veio a apanhar de surpresa as organizações desportivas.

A portaria estabelece que o policiamento é custeado pelo MAI, através de verbas provenientes das receitas das Apostas Mútuas Desportivas, e uma vez estas esgotadas tais despesas terão que ser suportadas pelos clubes.

Luís Madureira revelou que o MAI vinha «a aguentar a situação através de duodécimos», tendo chegado agora a uma situação limite.

Reconhecendo que a matéria é «delicada», Luís Madureira adiantou que não existe de momento qualquer alternativa a não ser os clubes pagarem as despesas de policiamento dos seus recintos desportivos.

A verba que o MAI dispõe surge através das receitas do Totobola e a «situação que vem prejudicar mais os pequenos clubes somente poderia ser evitada se houvesse um rateio muito apartado logo no início do ano», acrescentou aquele elemento do MAI.

Luís Madureira admitiu ainda a possibilidade de a DGD não estar ainda notificada desta questão devido aos seus «sistemas complexos» de funcionamento.

Posição da AFL: «um verdadeiro escândalo»

Armando Carmesin, secretário-geral da Associação de Futebol de Lisboa, afirmou que a lei prevê esta situação, mas que **até ao momento «ninguém sabe o que se está a passar».**

O MAI deveria comunicar à Direcção-Geral dos Desportos a sua falta de verbas para garantir o policiamento dos jogos e este departamento por sua vez teria de comunicar o facto à Federação Portugesa de Futebol.

Seguindo o percurso, a FPF entraria então em contacto com as associações, informando que a partir de determinada altura os clubes têm de garantir o pagamento do policiamento dos seus recintos.

As verbas de que o MAI dispõe para este efeito são 1,5 por cento das receitas do Totobola. **«O que se está a passar é um perfeito escândalo».**

O secretário-geral da AFL adiantou que foi solicitada uma reunião urgente de todas as associações com a FPF para analisar a situação.

Decisão adiada

Jordão entra em fase de reflexão

Rui Jordão solicitou aos dirigentes do Vitória de Setúbal um período de reflexão de oito dias findos os quais decidirá se vai ou não assinar contrato com o clube sadino.

A assinatura do contrato, que chegou a estar marcada para ontem somente não se realizou por **«Jordão pretender ainda uma maior segurança sobre as suas capacidades»**, referiu um dirigente do clube sadino.

«Os dirigentes do Vitória de Setúbal ficaram muito sensibilizados com o acto de honestidade de Jordão, que, segundo ele, só assinará se se sentir em condições de dar o seu melhor e se se certificar que não perdeu qualidades» — adiantou.

Um período de reflexão havia também sido pedido por Manuel Fernandes após ter saído do Sporting, assinando posteriormente pelo Vitoria de Setúbal.

Jordão continua a sua preparação física no Estádio do Bonfim sob a orientação de Allison e Roger Spry.

Juniores: concovações

O regresso do médio benfiquista Resende à selecção portuguesa de futebol de juniores é a principal novidade da lista de jogadores convocados para o jogo com a França, do grupo um de qualificação para o europeu da categoria.

A lista de jogadores convocados para o encontro do dia 25 é a seguinte: **Benfica:** Bizarro, Abel, Paulo Madeira, Valido, Resende e Sousa; **FC Porto:** Vítor Baía, Morgado, Fernando Couto, Jorge Couto e Paulo Alves; **Sporting:** Paulo Ribeiro, Zarro, Amaral e Pedro Miguel; **Leixões:** Tó-Zé; **Torreense:** Filipe.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 46/87 DE 15 DE NOVEMBRO DE 1987

Penalti: 222 22 111 111X; O Algarve: 221 1XX 111 X212; Jornal de Amarante: 22X XX1 111 1111; Jornal da Beira: 221 X21 111 1X11; Correio de Coimbra: 221 XX1 111 1X1X; Correio do Vouga: 221 1X1 1X1 X111; A Defesa: 22X X21 1X1 2X1X; Defesa de Espinho: 211 111 111 1111; Folha do Domingo: 221 XX1 111 1X11; Ecos de Cacia: 22X X21 111 111X; Eu Sei Tudo: 222 1X1 111 211X; Jornal do Fundão: 22X XX1 1X1 1111; Linhas de Elvas: 121 111 111 X211; Litoral: 2X2 1X1 1X2 XX12; Jornal da Lixa: 22X XX1 1X1 1111; Maria da Fonte: 22X XX1 111 X11X; O Mensageiro: 221 X11 1X1 121X; No Estúdio e no Estádio/RDP Antena Um: X2X X21 111 XX12; Notícias de Gouveia: 22X 1X1 111 111X; Notícias de Guimarães: 221 2X1 1X1 111X; Notícias de Viana: 2X1 XX1 1X1 X111; Reconquista: X21 121 111 XX11; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 2XX XX1 111 X111; Clube da Manhã/RDP Comercial: 222 XX1 111 X1XX; Manhã, Manhã/RDP omercial: 22X XX1 1X1 1X11; Secção Desportiva/RDP Comercial: 221 XX1 111 111X; Tempo e Resultados/RDP Comercial: 2XX 121 1X1 XX1X; Rádio Sports: 222 121 111 1111; Jornal de Sintra: 2X2 11X 1X1 2XX2; Jornal 1X2: 22X X2X 1X1 XX1X; Voz do Ave: 2XX XX1 111 111X; A Voz do Domingo: 2X1 XX1 111 1X1X; Voz de Lamego: 221 1X1 111 211X; Quatro Linhas/Rádio Altitude: 221 X11 111 111X; Panorama Desportivo/RDP Rádio Guarda: 2XX X21 111 X11X; Pôr do Sol-/RDP Rádio Guarda: 22X X21 1X1 X2XX; Rádio Guarda: 22X 1X1 1X2 X1X1; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 221 221 121 211X; Disco e Daquilo/Rádio Altitude: 22X 211 121 1X11; Tarde Desportiva/RDP Antena Um: 22X XX1 11X 2X12; Livre e Directo/RDP Antena Um: 222 221 11X X112; Escape Livre-/Rádio Altitude: 221 221 121 XX11; Diário de Coimbra: 22X XX1 111 X111; Diário de Lisboa: 221 XX1 111 1X1X; Jornal de Felgueiras: 22X 111 11X 1X11; Gazeta das Caldas: 22X XX1 111 1111; Notícias de Felgueiras: 22X XX1 1X1 1X11; A Ordem: 2X1 XX1 1X1 2X11; Semanário da Região Bairradina: 222 XX1 1X1 X111; RR/Desporto: 211 121 1X1 1X11; RR/Bola Branca: 2X1 X21 11X 111X; RR/Frente Desportiva: 22X X11 111 X11X; Comércio de Leixões: 22X 221 11X 111X; De Tudo Um Pouco: 22X X21 1X1 X11X; Jornal de Gaia: 222 XX1 111 X11X; Jornal da Cidade: 221 X2X 11X 2X11; Jornal de Notícias: 22X XX1 111 111X; Primeiro de Janeiro: 2X1 XX1 111 1X1X; Quadrante Norte: 22X XX1 111 111X; Resenha Desportiva: 2X1 XX1 111 11XX; Alvo Desportivo: X11 111 111 1111; Rádio Alvo: 2XX XX1 1X1 X11X; Alvo: XX1 1X1 111 X111; Alvo Suplemento: 22X X21 1X1 111X; A Voz dos Ridículos: 2XX 1X1 111 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Elvas-Porto	1	4	60	1	1	10
2. Espinho-Benfica	3	15	47	1	2	9
3. Rio Ave-Belenenses	26	30	9	5	5	2
4. Penafiel-Guimarães	18	40	7	3	8	1
5. Salgueiros-Boavista	9	36	20	2	6	4
6. Chaves-Varzim	60	4	0	11	1	1
7. Sporting-Covilhã	65	0	0	12	1	1
8. Marítimo-Setúbal	41	21	3	8	3	1
9. Braga-Portimonense	57	6	2	10	1	1
10. Felgueiras-Famalicão	33	24	8	6	4	2
11. Vizela-Tirsense	39	22	4	7	4	1
12. U. Leiria-Caldas	60	3	2	10	1	1
13. Sacavenense-Olhanense	27	32	6	5	6	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
22X XX1 111 111X

"Chicotadas" em várias frentes

Hamburgo

O Hamburgo rescindiu o contrato com o técnico jugoslavo Josip Skoblar, após uma série de maus resultados no campeonato alemão federal de futebol e na Taça das Taças — anunciou o presidente do clube, Ernst Naumann, em conferência de Imprensa.

Para suceder a Skoblar, a direcção do clube germânico escolheu Willi Reimann, 37 anos, ex-avançado do Hamburgo e actual técnico do St. Pauli, formação hamburguesa empenhada na promoção ao escalão principal do futebol alemão federal.

O presidente do Hamburgo disse que se o St. Pauli recusar libertar o treinador antes do fim da temporada será nomeado um técnico interino até que Willi Reimann esteja em condições de assumir a direcção da equipa, no início da próxima época

Norwich

O Norwich, da primeira divisão inglesa de futebol, demitiu o treinador Ken Brown, que esteve estreitamente ligado ao clube durante 14 anos (nos últimos sete como técnico principal).

A demissão deveu-se ao fraco rendimento do Norwich na presente temporada, em que averbou 10 derrotas em 15 jogos, a última das quais no sábado, frente ao Charlton, por 2-1.

Sob o comando de Ken Brown, o Norwich obteve poor duas vezes a promoção à primeira divisão, em 1982 e 1986, ganhou a Taça da Liga em 1985 e terminou a última época no 5.º posto, o seu melhor lugar na Liga Inglesa.

A direcção da equipa foi entregue provisoriamente ao treinador adjunto Dave Stringer.

Selecção do Quénia

O alemão federal Reinhard Fabisch, resignou ao cargo de treinadoior da selecção queniana de futebol, por alegadas interferências na escolha da equipa.

«Não tinha qualquer alternativa», afirmou Fabisch, em conferência de Imprensa, sublinhando que «nunca poderia aceitar que fosse a direcção a dizer quais os jogadores com que deveria trabalhar».

O técnico germânico referia-se à convocatória de jogadores feita pelo presidente da Federação Queniana, Sammy Obringo, para o Campeonato Africano das Nações, sem o consultar.

Olympiakos

O grego Alkis Panagoulias demitiu-se de treinador do Olympiakos Piraues, após um início de época desastroso dos campeões helénicos de futebol — anunciou um porta-voz do clube.

Disputadas sete jornadas, o Olympiakos continua sem ganhar, contando quatro derrotas, a última das quais no domingo, perante o Panathinaikos (4-1), e três empates, resultados que lançaram os campeões gregos para o penúltimo lugar da tabela.

panagoulias, 53 anos, alegou «razões de saúde e familiares para justificar a renúncia» — referiu o informador do Olympiakos, acrescentando que não foi ainda escolhido o novo responsável pela equipa.

"Mundial-94": Chile abdica da candidatura

O Chile solicitou a retirada da sua candidatura para a organização do campeonato do Mundo de Futebol de 1994 anunciou a Federação Internacional de Futebol (FIFA).

A candidatura chilena foi retirada por se ter confirmado o interesse brasileiro em organizar o «Mundial» de 1994, dado que, segundo a comissão de avaliação das candidaturas, o Chile apenas pretendia garantir uma candidatuiura sul-americana.

A FIFA analisará as três candidaturas (Brasill, Estados Unidos e Marrocos) entre Janeiro e Abril.

Três "hooligans" em liberdade

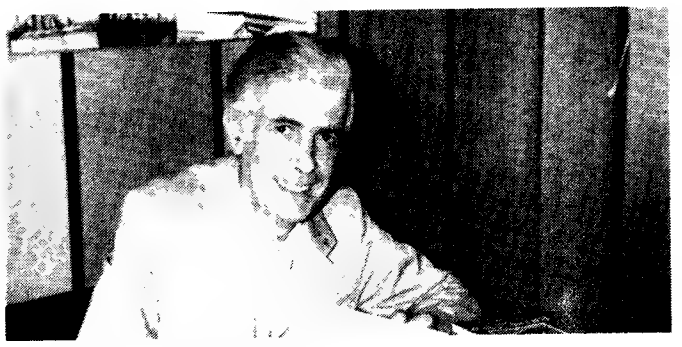
Um tribunal belga ordenou a libertação de três adeptos ingleses do futebol que aguardam julgamento sob acusação de serem responsáveis pela tragédia de Heysel Park em 1985, que causou 39 mortos.

O mesmo tribunal recusou, contudo, a liberdade provisória para os outros 19 adeptos ingleses que foram extraditados para a Bélgica para serem julgados pela sua participação nos incidentes verificados na final da Taça dos Campeões Europeus entre o Liverpool e a Juventus de Itália.

Entretanto o Ministério Público (acusação) manifestou já a sua intenção de recorrer da sentença que permite a liberdade provisória aos três adeptos britânicos.

SE PERMITEM QUE EU MUDE DE ASSUNTO

Neves de Sousa



Joaquim Serra: um portador de poesia

Desculpem se hoje entro por campo que raramente percorri, mas não é todos os dias que, em cima da minha mesa, com palavras bonitas ou excitantes, adelgaçadas pelo perfume da sua rendilhada sensibilidade ou vincadas ao peso da sua força, surgem livros que imediatamente ganharam espaço obrigatório nas horas que já levo de diferentes leituras.

Falo, por exemplo, da poesia de Joaquim Serra em «Rio sem foz». Aqui há anos, conheci Joaquim da Costa Pereira Serra (55 anos, nascido em Mosteirô, Trofa): foi o tempo do «Diário Ilustrado», Manuel Alpedrinha e José Manuel Tengarrinha, Trabucho Alexandre e Silva Costa, Eduardo Gageiro e João Ribeiro, Santos Jorge e Roby Amorim, Luís de Pina e Miguel Serrano, Saraiva Mendes e Roussado Pinto, José Manuel Pintassilgo e Adelino Alves, Rosa de Matos e Firmino dos Santos, Carlos da Cunha e Manuel Beça Múrias, António Feio e Dinis Machado, uns que continuam entre nós, alguns que já são saudade. Ora, no «Diário Ilustrado», trabalhava (ao lado de José Castel'Branco, hoje presidente da Federação Portuguesa de Patinagem) um contabilista que era fundamental para este (então) colaborador do jornal a duas cores. O nome: Joaquim Serra. Exercera funções em Angola, para onde seguira ainda menino. Regressara a Portugal em 1956, para se integrar no quadro administrativo do então nascente «Diário Ilustrado»: e foi no «Diálogo» (suplemento literário do «DI») que publicou os primeiros poemas. Hoje, na Nova Nórdica, aí temos «Rio sem foz», sucedendo a «Quadras soltas, quadros da vida», edição esgotada que mereceu franco aplauso geral. Desta feita, no lançamento da obra de Joaquim Serra (na Casa da Imprensa) disse o jornalista Saraiva Mendes: **«A poesia de Joaquim Serra, e aqui talvez resida o seu segredo e impacte junto do público, surge ao arrepio das correntes em voga, intelectualizantes, herméticas, filosóficas, para fluir naturalmente, como o próprio título do livro sugere, na correnteza das águas, simples e sem escolhos, na pureza de intenções implicada em cada verso».**

É isso. São (realmente) **«perto de 70 poemas onde perpassam os sentimentos comuns a toda a gente (o amor, a saudade, a dor, a revolta) expostos com simplicidade, ternura e ritmo que tão bem se enquadram na maneira de ser da gente da nossa terra, mas onde, na aparente singeleza, mergulha o conceito profundo que obriga a pensar»** — escreve Saraiva Mendes sobre o trabalho do nosso antigo companheiro. Joaquim Serra que mereceu de outro velho parceiro (o querido Dinis Machado) recado assim: **«quando um homem consegue desenvolver o exercício da camaradagem, de modo a deixar os seus amigos, com esse estado de culto, em situação permanente de dívida fraternal, esse homem é, naturalmente, um portador de poesia».**

Pois é: está dito. Tudo. Talvez falte apenas acrescentar:

«O meu Natal é pequenino. Tem o tamanho de um dedo. É um Natal que não tem hino, não tem prenda nem segredo. É um Natal sem menino». Joaquim Serra: a voz de autêntico poeta (**«estou aqui, não sou daqui, por aqui passei»**). Um homem que (acima de tudo) ganhou o direito a conquistar admiradores. E uma torrente de amigos.

«O homemque vendeu a cabeça»

A. M. Pires Cabral nasceu em Chacim, pertinho de Macedo de Cavaleiros, há perto de 46 anos. Com o curso de Germânicas tirado em Coimbra, prendeu-se pelas letras e tem já uma vasta obra dispersa por diferentes campos (poesia, teatro, estudo, romance), agora com novo acréscimo: «O homem que vendeu a cabeça», histórias fluentes, contos de gente que a gente conhece. Pires Cabral: dele escreveram Luís de Miranda Rocha, no nosso «DL» (15/5/86) e Fernando Assis Pacheco («O Jornal», 27/12/85), apreciações de boa valia. A darem o justo encómio a um autor ainda com muito para nos ofertar, com histórias no arquivo da memória e outras a saltarem na grelha do seu pensamento.

«Memória viva do Tarrafal»

É dolorosa a leitura de «Memória viva do Tarrafal». Recalca a imaginação, dilacera o que pode restar de granítico na nossa consciência. Gilberto de Oliveira, que sentiu bem na carne a amarga experiência no «campo da morte» do Tarrafal, testemunha sofredora de torturas e mortes, chacinado na própria alma pelo terrorismo policial, rubricado durante décadas pela mais negra das asas de um regime ditatorial, encaminha-nos (ao longo do seu livro) a todas as paragens onde vegetaram seres humanos a quem nunca se escamoteou a dignidade, a verticalidade, o sonho-meta que para muitos não chegou nopo do seu calendário. Gilberto de Oliveira: uma lição para o amanhã, em páginas sofridas ontem. «Memória viva do Tarrafal»: para cíclica leitura, até nunca esquecer.

«Desporto escolar»

Amenizemos a escrita. O professor Alfredo Melo de Carvalho (incontestavelmente uma personalidade com lugar definido e bem cimeiro entre os mestres da Educação Física que preencheram cabalmente o lugar primeiro na Direcção-Geral dos Desportos) acaba de rubricar «Desporto escolar: inovação pedagógica e nova escola», onde o actual inspector-geral do Ministério da Educação e Cultura coloca toda a sua vasta experiência, amalgamada em mil facetas de grande e cuidadoso observador do panorama escolar. Melo de Carvalhoo é a voz crítica de toda uma geração: na própria dedicatória do seu livro a colegas desaparecidos (Isabel Rocha, Orlando Serradas Duarte, Mário Lemos, Cristóvão Silva) já perpassa a sombra de, em alguns horizontes, termos colocado uma pala negra que obscurece o caminho, talvez porque também existem poucos analistas com coragem e audácia suficientes para não se descobrirem ante um rei que passeia completamente nu. A colecção «Desporto e tempos livres enriquece-se progressivamente: oxalá, por esse País fora, todos os nossos mestres pudessem ter acesso e longo debruçar sobre o trabalho de Melo de Carvalho. Então, estaríamos (todos) incontestavelmente mais esclarecidos, mais lúcidos, mais conscientes.

«Maratona»

Boletim oficial da «Maratona de Portugal-Lisboa», produzido pela «Xistarca» (Promoções e publicações desportivas, Ld.ª) de que é figura proeminente o nosso camarada de jornalismo Ilídio Trindade, incluiu um texto do prof. António Campos e deu o derradeiro impulso à prova criada pelo entusiasmo do dr. Marcel de Almeida, sempre na primeira linha da divulgação de modalidades desportivas como o basquetebol, o atletismo e o futebol. Uma «carta aberta» de Rosa Mota, entrevista a Armando Aldegalega (por Norberto Santos, com o senão do mau jornalístico tratamento por «tu» ao entrevistado), um belíssimo artigo do escritor Romeu Correia, uma «intromissão» curiosa de Arons de Carvalho e (sobretudo) quadros dos melhores atletas do mundo na difícil competição que sempre encerra o calendário olímpico.

Jornal do Belenenses

O jornalista Alexandre Pais é o responsável-mor pelo novo rosto do «Jornal do Belenenses», ana fio recalcado em quase anonimato. Começámos a receber a nova série agora mesmo: n.ºs 33 e 34, reflexo de uma linha moderna de actuação e trabalho. Destaque todo especial para a evocação de grande entrevista do saudoso Alejandro Scopelli ao nosso jornal, recolhida por Alexandre Pais (nosso outro colega de Redacção) e publicada no «DL» de 22 de Outubro de 1982: 15 anos corridos, o melhor documento do perfil de um homem que muito ofertou ao luso futebol, aí está. Ainda notas brancas para entrevistas a João Casaca (ginástica) por Luís Santa-Rita e Carlos Roddrigues (da «Fúria azul») da autoria de Hélio Nescimento.

«Benfica»

Principiou a desaguar na nossa banca o semanário do Sport Lisboa e Benfica, que tem como director o dr. João Loureiro e, também na Comissão Editorial, as figuras de António Gomes da Costa e Mário de Jesus Seixa. Gente apostada em **«dar uma volta ao texto»,** modificar o carácter amorfo da antiga publicação e transportar agora a dezenas de milhares as diversas facetas em que cintila o símbolo da águia. Óptimo repositório de temas, nesta edição de 4 do corrente: e ficámos a saber que um grupo de sócios deseja designar de «Tribuna de Imprensa Ribeiro dos Reis) o novo (alargado) espaço destinado à Imprensa, aplaudimos a caravana benfiquista que trepou pelos Alpes (texto de João Prata), a revelação que **«já chorei por não poder ajudar o clube»,** feita por Elzo, o «astro» brasileiro que tem estado impedido (por sucessivas lesões) de tomar conta das rédeas do «team» da águia a meio do terreno, (um bom texto de Luís Fernandes) e palavras de António Sala (vice-presidente da Comissão Central dos rubros) sobre a Rádio Benfica e a TV-Benfica.

«Élan»

Cada dia mais opulentamente confeccionada, a revista mensal «Élan» exibe, na sua edição n.º 11, um belo trabalho denomido «Caixinha de emoções», recolha fotográfica de Tó Sacchetti no jogo Belenenses-Sporting, no Restelo. Toda a revista é (aliás) uma cornucópia de c4or e de agradável beleza: «playboy à portuguesa», inoculada pelo tom natural do que vai acontecendo pelo nosso lado. «Élan» é o espelho do seu director (Alexandre Pais: sempre **práfrentex) e dos colaboradores mais salientes nesta edição: Afonso Praça, Carlos Castro, Carlos Gil, José Manuel Barroso, Luís Pinheiro de Almeida, Luís Salgado, Manuel Cintra Ferreira, Pedro Duarte, Rui Oliveira, Teresa Pais e, muito especialmente, de Martinho de Castro, Ana Maria Lucas e Beatriz Pinto. «Playboy» português era uma ideia de João Rocha: outros se anteciparam com «Élan». Local preenchido vantajosamente.**

TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS

Carlos Porto

LES LETTRES DE LA RELIGIEUSE PORTUGUAISE. **Encenação:** Jean-Marie Lejude. **Interpretação:** Solange Charlot, **com** Maria Mendes **e** Alexandro Melo. **Cenografia:** João Calvário. **Guarda-roupa:** Jasmim. **Luzes:** Orlando Worm. **Estreia:** Instituto Franco-Português/**6-11-1987.**

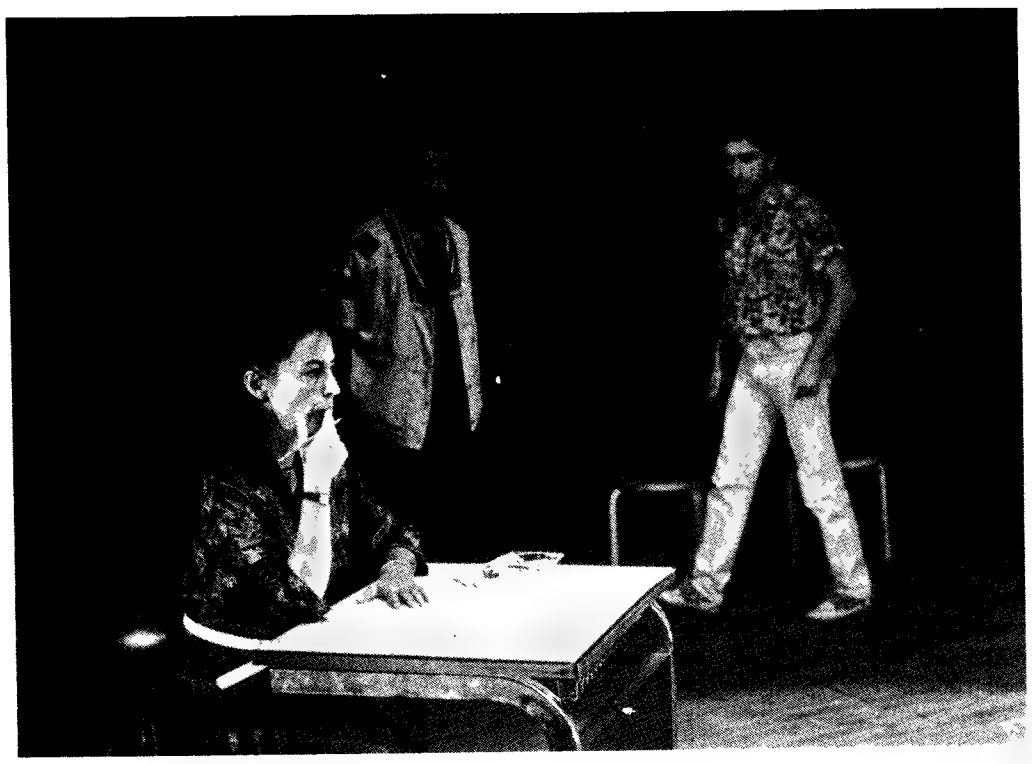
Um espectáculo de teatro não nasce por acaso. Há-de ter, interna e externamente, razões suficientemente poderosas que o justifiquem. Porque um grupo de artistas decidiu que era para eles importante, talvez urgente, talvez até indispensável, criar esse espectáculo; talvez porque entendeu que em relação a esse espectáculo havia um público, muito ou pouco, carente.

Acontece que grande número de espectáculos que surgem entre nós, mas não só, caro, não revelam quaisquer sinais de necessidade e muito menos de urgência. A não ser a que diga respeito, e é respeitável, à vontade da criação de uma personagem, de vivência de uma situação. Necessidade respeitável, repito, mas insuficiente.

Quando o espectador se pergunta o que está a fazer num espectáculo, pode fazê-lo por muitas razões, a mais óbvia das quais é a de se tratar de um mau espectáculo que não teria merecido a deslocação. A pior, no entanto, talvez não seja essa. Talvez seja esta: porquê este espectáculo?

Foi o que me perguntei ao ver esta nova versão das Cartas atribuídas a Sóror Mariana Alcoforado. Já em 78 as vi na interpretação de Teresa Madruga («DL«/8-4-78) cuja juventude ajudava bastante a que o espectáculo fosse suficientemente interessante; vi-as em 80 com Graça Lobo no cenário de Júlio Pomar («DL«/6-3-80); mas o que recordo é um espectáculo anterior, também ele francês, encenação de José Valverde com a actriz Micheline Uzan («DL«/8-4-74).

Há textos que são de facto irredutíveis a outros discursos. As complicações mais ou menos eficazes por que passaram as Cartas nos outros espectáculos (e ressalvo aqui uma interessante leitura de Eduardo Geada com Lia Gama na RTP), não só em nada beneficiaram o texto como tornaram os espectáculos inadequados ao conhecimento íntimo e profundo desse texto. Pelo contrário, Micheline Uzan não fez mais do que se sentar a uma mesa: voltada para nós, o seu rosto quase não mexia. E as Cartas foram para o público um momento teatral de grande emoção. Por quê? Porque houve uma troca, um negócio que se tornou inesquecível entre os espectadores e os olhos da actriz; olhando-nos com aquela energia interior tão intensa, aquela beleza de uma luz quase insuportável, a actriz obrigou-nos a abrir a nossa receptividade ao texto que dizia e que dizia com uma voz capaz de limpar das palavras a poeira do tempo, restituindo-as puras, como uma forma de silêncio, como uma respiração.



Dificilmente voltarei a encontrar num palco estas Cartas. Tentar criar uma realidad outra, com um cenário, aliás incrível, com fatos (mas o vestido inicial, vermelho e decotado não era um exagero?), com canções (mas seriam adequadas?), com personagens marcadas por um naturalismo que se quer provavelmente contrastante (para quê?) — não vale a pena.

Se não fosse o receio de parecer piegas diria que as Cartas da Religiosa Portuguesa, ou lá de quem são, são um assunto do coração. Tudo o que está a mais não presta. Como este espectáculo, mesmo tendo em conta a boa vontade de uma intérprete possivelmente apaixonada pela personagem, mas incapaz de nos transmitir essa paixão.

Van Gogh, artista recorde no mercado

Exclusivo EFE - DL

O pintor holandês, que durante a sua vida não conseguiu vender mais que um quadro, bateu há pouco o anterior recorde que pertencia a Andrea Mantegna, alcançando quase 25 milhões de libras com «Os Girassóis».

Van Gogh vai voltar a bater o seu próprio recorde de cotização nos leilões de obras de arte, quando a firma Sotheby's de Nova Iorque puser hoje à venda o quadro «Os Lírios», um conjunto floral no qual predominam os tons azuis e violetas. O recorde anterior do pintor holandês foi conseguido na Christie's de Londres com o quadro «Os Girassóis» que alcançou os 24,75 milhões de libras esterlinas. A quantia, que ultrapassou todas as expectativas no mercado da arte, chegou a triplicar o preço pelo qual fora vendido o quadro «A Adoração dos Reis Magos» do italiano Andrea Mantegna, em 1980 e que tinha alcançado os oito milhões de libras.

Os peritos em leilões perguntaram-se se estes preços pagos pelos compradores de arte seriam o final de uma loucura ou o começo de um «boom». Investir em arte consagrada é um valor seguro, mas as exigências da sua conservação e sobretudo as suas medidas de segurança e seguros fazem com que as exigências de manutenção sejam cada vez mais altas para os proprietários. É o caso de John Whitney Payson, proprietário de «Os Lírios» de Van Gogh, que confessou leiloar o quadro devido ao alto custo do seguro e à nova lei de impostos que diminuiu drasticamente as vantagens fiscais.

É claro que existe uma febre pelos quadros de Van Gogh. Toda a gente começou a procurar os seus vários auto-retratos, mas agora a busca e caça de um Van Gogh converteu-se em obsessão para alguns coleccionistas, que inclusive desejam manter-se no anonimato, como é o caso do último comprador de «Os Girassóis» em Londres. Que tem Van Gogh que não tenham os outros impressionistas, todos eles procurados nos leilões? Tem emoção, sinceridade e tremor. As suas cores vibrantes, através da sua pincelada flambeada, convertem-no num precursor claro dos fauvistas e expressionistas que o seguiriam.

Em vida, vendeu apenas um quadro

O mais dramático e até cínico deste recorde dos quadros de Van Gogh é que o artista enquanto vivo vendeu apenas um quadro, concretamente «A Vinha Vermelha», em exposição aberta em 1890 em Bruxelas. A obra de Van Gogh foi elaborada freneticamente durante seis anos, como se tivesse urgência e premunizasse a importância dos seus quadros e a brevidade da sua vida. Van Gogh morreu aos 37 anos, suicidando-se com um tiro de revólver. Vincent Van Gogh (1853-1890) nasceu numa aldeia holandesa, filho de um pastor protestante. As inquietudes religiosas perseguiram-no nos primeiros anos da sua juventude, até ao momento em que se dedicou por completo à pintura. Tal como Dalí, tomou ao nascer o nome de um irmão que morrera anteriormente e a ideia de suplantar o irmão acompanhou-o freudianamente durante toda a sua vida.

Um quadro de Van Gogh exposto na famosa galeria britânica Christie's

Pintou os seus primeiros quadros na sua Holanda natal e em Inglaterra, onde trabalhou vários anos. A paleta é cinzenta nebulosa e os temas cheios de interesse, como o reflectem os seus quadros «Comedores e Batatas» e «O Tear», nos quais manifesta as suas preocupações sociais.

Ao chegar a Paris conheceu os impressionistas e apaixonou-se pelas gravuras japonesas, cujos grafismos iriam influenciar de modo notável o seu estilo. Lautrec aconselhou-o visitar o Midi francês e em Arlés descobriu o sol. A luz ensinou-o a usar as cores brilhantes e vibrantes. O sol embriagava-o. De modo atrevido auto-retratava-se com fundos amarelos. A cor fazia-o inclusive esquecer o desenho e a perspectiva. Aluns peritos em arte questionam-se sobre como teria sido Van Gogh se tivesse conhecido a Andaluzia ou Nápoles.

Loucura e frenesim

Gauguin, grande amigo seu foi visitá-lo a Arlés e começaram a surgir as discussões e desavenças. Van Gogh estava desequilibrado. Chegou a tentar matar Gauguin mas este fugiu deixando-o só. Van Gogh cortaria mais tarde uma das suas orelhas e enviaria a um bordel onde conhecia várias mulheres. Pintou então um belo auto-retrato com apenas uma orelha e a cabeça ligada. O povo de Arlés passou a fugir dele. Só o irmão Theo, comerciante em Paris, lhe enviava dinheiro e escrevia belas cartas animando-o e dizendo-lhe que os clientes mostravam interesse pelos seus quadros, quando na verdade não vendia nenhum.

Van Gogh não conheceu grande sorte na sua vida amorosa. Em Inglaterra, teve a sua primeira decepção e a esta seguir-se-iam muitas outras e mais dramáticas. As biografias de Van Gogh são histórias tristes da sua vida.

O pintor buscava o amor mas não conseguia alcançar mais do que aquelas que apenas vendiam o corpo. Van Gogh foi internado num hospital-asilo em Saint Remy, ao cuidado do conhecido dr. Rey. Em 1890, ao encontrar-se melhor, voltou a Paris e fixou residência mais tarde em Anvers, localidade que pintou apaixonadamente. Mas um dia sofreu um novo ataque de loucura e pegando num revólver pôs termo à vida. Faleceria dois dias depois apenas. O seu irmão Theo suicidar-se-ia também dois anos mais tarde.

Toda a obra de Van Gogh se dispersou pela França e pela Holanda mas da pior maneira, os seus quadros eram vendidos por «duas patacas». São esses mesmos quadros que hoje toda a gente procura para depois os vender por milhões no caprichoso mercado de arte onde as somas têm tantos zeros para as obras antigas como para as contemporâneas.

Últimos preços recorde no mercado de arte

1965 — Rembrandt: «Retrato de Titue»	798 000 libras
1970 — Velázquez: «Juan de Pareja»	2 310 000 libras
1976 — Rembrandt: «Juno»	3 250 000 dólares
1980 — Turner: «Julieta e a Ama»	2 957 000 libras
1984 — Turner: «Marina»	7 370 000 libras
1985 — Mantegna: «Adoração dos Magos»	8 100 000 libras
1986 — Rembrandt: «Jovem com manto bordado a ouro»	7 260 000 libras
1986 — Braque: «Mulher Lendo»	6 600 000 libras
1986 — Mondrian: «Composição num Quadro»	5 060 000 dólares
1986 — Miró: «Mulher»	2 530 000 dólares
1986 — Manet: «Rue Mosnier»	7 700 000 libras
1986 — Jaspers Johns: «O Outro lado da janela»	3 600 000 dólares
1986 — Rosenquist: «F-111»	2 000 000 dólares
1986 — Henry Moore: «Escultura em bronze»	1 760 000 dólares
1987 — Van Gogh: «Os Girassóis»	24 750 000 libras

Os artistas vivos que maior recorde de preço conseguiram, foram os americanos Jasper Johns e Rosenquist. Como se verifica, Picasso não figura entre as somas recorde, por muito que as suas telas tenham preços elevados. No entanto ainda não foram vendidos alguns grandes quadros de Picasso.

Ontem no Coliseu

O NOVO TANGO DE ASTOR PIAZOLLA, VIRTUOSE DO BANDONEÓN

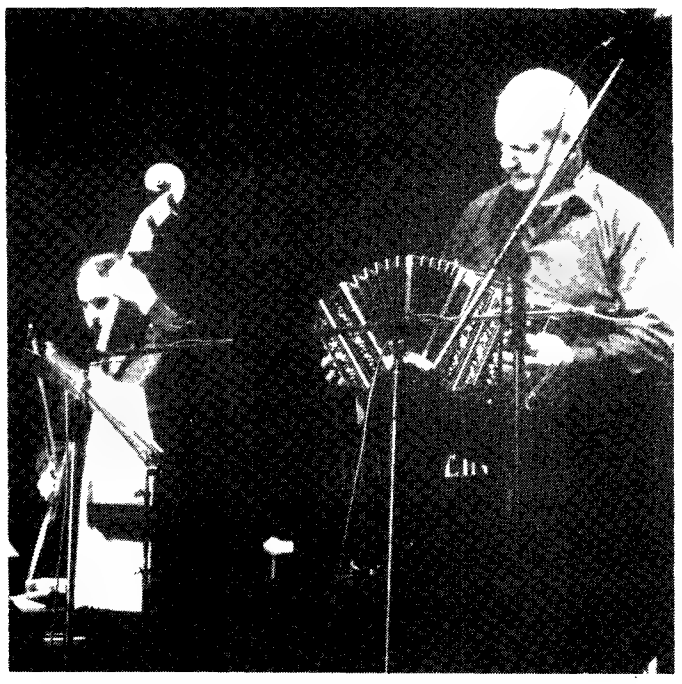
Mário Vieira de Carvalho

Da igreja para os bordéis — tal o percurso do bandonéon, que o elevou quase perto do céu, no dizer de Astor Piazzolla, ao dirigir-se ontem ao público do Coliseu. Perante uma sala completamente cheia, o criador do «tango nuevo» contou um pouco da sua trajectória artística e das dificuldades que teve em impor o novo estilo, sobretudo no seu próprio país. Mas ontem, no Coliseu, saudosistas da admirável «La cumparsita» (1917) de Gerardo Matos Rodriguez, se os havia, ou já se achavam de antemão predispostos a aderir aos tangos de Piazzolla, ou converteram-se-lhes rapidamente. A corrente de comunicação entre artistas e público estabeleceu-se desde os primeiros compassos e só após dois extras, já perto da uma hora da madrugada, é que os milhares de espectadores presentes consentiram em despedir-se do fascínio do tango.

Piazzolla poupou as palavras, guardou o melhor da sua verve para a música. E trata-se efectivamente de um grande artista, quer como compositor (aliás de sólido apetrechamento técnico: formação em piano com Raul Spivak, em direcção de orquestra com Hermann Scherchen, em composição com Bela Wilda, Alberto Ginastera e Nadia Boulanger), quer como solista, como virtuose incomparável do bandoneón, a que deu direito de cidade nas mais prestigiosas salas de concertos de todo o mundo.

É longo o caminho percorrido pelo tango, até chegar a este ponto de já não ser dançado, mas ouvido em concerto, por um público compenetrado e imóvel, em definitivo inserido numa estrutura de comunicação onde deixou de haver lugar para o abraço apaixonado e castigador que inflamava os namorados dos anos trinta evolucionando sobre uma pista de baile ao som da voz de Carlos Gardel (1887-1935): silencio en la noche...

As origens da dança permanecem obscuras. Certo é que a expressão «tango», como se lê no «New Grove», já é utilizada na época colonial por escravos negros da área de La Plata (Argentina, Uruguai) para designar os seus instrumentos de percussão, o local da dança e a própria dança e que, embora eventualmente influenciado, por exemplo, pela «habanera» cubana que também deu o «tango brasileiro», se torna a partir de 1900 a dança argentina por excelência. Nasce, nesta modalidade, nos bairros pobres dos subúrbios de Buenos Aires, como produto dos desenganos de legiões de imigrantes europeus que para ali convergem no último quartel do século passado. Por isso também a música, mistura de elementos europeus com elementos de proveniência gaúcha, suporta



muitas vezes textos onde predomina o protesto social.

Antes de o bandoneón voar da igrejinha alemã (cuja comunidade, pouco bafejada de meios, o inventara em 1854 como sucedâneo do órgão) para os tais bordéis de Buenos Aires, tomava as suas vezes a guitarra, formando trio com o violino e a flauta. Só por altura da viragem do século é que o bandoneón começou a ser preferido, associado ao violino e ao piano. Com a fundação da «Orquestra Típica Criolla» (flauta, violino, guitarra, bandoneón) de Vicento Greco (1888-1924) entra-se numa nova fase que coincide com a da internacionalização do tango. Nos anos trinta, já ninguém o associa à subcultura dos bairros pobres de Buenos Aires. Para continuar a usar a metáfora de Piazzolla, é então que o tango desce aos infernos — aos salões burgueses — sobretudo na sua versão mais sentimental de «tango-canción», onde o protesto social se dilui no pessimismo e no fatalismo talvez um tudo nada semelhantes ao do nosso fado lisboeta.

Astor Piazzolla (nascido em 1921) começa tornar-se notado na década seguinte, com os seus arranjos para grandes orquestras. Mas, como ele próprio ontem fez notar, o seu estilo, o «tango nuevo», surge somente uns anos mais tarde, em 1954. Com a introdução da guitarra eléctrica a partir de 1960 fixa-se praticamente a forma actual do seu Quinteto. Tanto na música para este tipo de formação instrumental como em obras destinadas a formações mais amplas ou ao piano (acaba de sair um disco gravado por Olga Prats, inteiramente preenchido com peças do compositor argentino), Piazzolia repensou o tango com a sua perspectiva de músico culto, dotou-o de uma linguagem muito mais rica e complexa, recriou-o com uma sonoridade nova, inclusive pela exploração inusitada dos recursos dos instrumentos, potenciando certos efeitos através de meios electroacústicos.

A vitalidade da sua música, a autenticidade que se liberta destas peças onde a antiga tradição popular urbana nunca deixa de estar presente como ponto de referência de todas as ousadias, como terreno fértil onde o novo é fecundado, foi ontem bem evidente para o público do Coliseu. Astor Piazzolla (bandoneón), Fernando Suarez Paz (violino), Pablo Ziegler (piano), Horacio Esteban Malvicino (guitarra) e Hector Console (contrabaixo) deixaram perceber que naquela música «puramente instrumental» (isto é, não conotada com um texto para ser cantado) não há menos da experiência humana de um país e das suas gentes do que na soma de tantos e tantos «tangos-canción» ou «tangos-romanzas» que povoaram o imaginário dos nossos pais e avós. Na mudança de estatuto, de tango-para-dançar a tango-para-ouvir, está contido o apelo a uma nova atitude do receptor. Esta confirma o significado da nova fase de internacionalização por que passa o tango através de Piazzola.

TEATRO LAURA ALVES
AGORA
Rua da Palma, 251 (ao Martim Moniz)
Telefs.: 86 39 77 — 86 47 56

IO APOLLONI APRESENTA
"SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO..."
SUB. MONTAGEM B.E.C. E GULBENKIAN — COMÉDIA MUSICAL EM DOIS ACTOS — VERSÃO LIVRE DE CARLOS PAULO - IO APOLLONI — 50% DESCONTO ESTUDANTES
DE 5.ª A SÁBADO ÀS 21.30 h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h.
CENÁRIO: JORGE ROCHA — FIGURINOS: JOSÉ CARLOS — ENCENAÇÃO: IO APOLLONI — CANÇÕES: NUNO GOMES DOS SANTOS — ARRANJOS MUSICAIS: LUIS FILIPE
IO APOLLONI
ELAN
SETE • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO DE LISBOA • DIÁRIO • ANTENA 1
«Uma actriz completa» — Carlos Porto — «Diário de Lisboa»
«Esta fúria de viver de Io Appolloni transmite-se aos espectadores» — Carlos Madeira — «O Jornal»
«Uma intérprete excepcional» — Eduardo Moura — «O Tempo»
«Actriz notável» — «Correio da Manhã»
«Plena de força e de talento» — Fernando Midões — «Revista Mulheres»

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação.

Execução – Sentença n.º 3104-A, 2.ª secção.

Exequentes – C.ª de Seguros Império, EP.

Executado – Fábrica de Cofres da Trindade, Lda, com sede R. Nova da Trindade, 13, em Lisboa.

Lisboa, 4 de Novembro de 1987

O Juiz de Direito,
António Correia de Abranches Martins

P'lo Escrivão de Direito,
Elisabete Pires

«DL» 12/11/87 – 1.ª Pub.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
EM CENA ATÉ DIA 22

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA
DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA «O JUDEU»
ENCENAÇÃO **CARLOS AVILEZ**

Com: CARLOS PIMENTA – JOÃO DE CARVALHO – MANUEL COELHO – PAULA MORA – CATARINA AVELAR – SÃO JOSÉ LAPA – FERNANDA BORSATTI – ANTÓNIO ANJOS – VÍTOR RIBEIRO – VÍTOR TELLES e AFONSO DE MELO.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2ª FEIRA TEL. 32 2210

SALA GIL VICENTE
ESTREIA, HOJE às 21.45 h
RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA
de Franz Kafka
Encenação: DURVAL LUCENA
com: JOÃO d'ÁVILA e MIGUEL ABREU
De 3.ª a Sábado, às 21.45 h — Sábado e Domingo às 16.30 h

DL CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30, e 24.00 h

Amoreiras 4

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ANGEL HEART (NAS PORTAS DO INFERNO)
(maiores 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

ENCERRADO

Berna

— T. 776098

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

PESADELO DE UMA VIRGEM
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

NOVIDADES SEXUAIS
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

OS PUNHOS DE AÇO SHAOLIN
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
PIRANHA II O PEIXE VAMPIRO
(não acons, maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Stark

O CÃO
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ESTRANHA PAIXÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

DE UMA VEZ POR TODAS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

RADIO DAYS — DIAS DA RÁDIO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A DESCOBERTA
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.15 h

Fórum Picoas

ASAS DA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O GRANDE ASSALTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O SEGREDO DO DESERTO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A VINGANÇA DO COMANDO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

DESEJOS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 82193.3

O GRANDE ATAQUE
(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O ANJO VINGADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h
PERDOA-ME
(maiores 12 anos)
14.30 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 21.30 e 23.30 h
FOUETTÉ
(maiores 12 anos)
19.00 h

Sala 3

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.30 e 23.45 h
MONTANHAS AZUIS
(maiores 12 anos)
21.30 h

Sala 4

O SACRÍFICIO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
O CANHOTO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

ESTRANHA PAIXÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

ESQUADRÃO SELVAGEM
(maiores 16 anos)
15.30,, 18.30 e 21.15 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKEY
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

OS INTOCÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45e 24.00 h

Star

— T. 804210

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

NAS PORTAS O INFERNO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

REGRESSO À TERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

FREIRA DE MONZA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Jack Speed, o Vingador», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Cinestúdio — «Robocop — O Polícia do Futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).

AMADORA — Babilónia — «Nas Portas do Inferno», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 18 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Que Sorte Danada», às 21.30 h (maiores 16 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Selva de Jade», às 15.00 e 21.30 h (maiores 18 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Gelado de Limão VI», às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Força Delta», às 17 e 21.15 h (maiores 16 anos).

ALGÉS — Cinema 2000 — «James Bond 007 — Risco Imediato», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Encontro Inesquecível», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Segredo do Meu Sucesso», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «A Espada Encantada», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Nascido Para Matar», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Arizona Júnior», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Nascido para Matar», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Cotton Club», às 15.30, e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALMADA — Cinestúdio Almada — «As Bruxas de Eastwick», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «Rocky IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Destruam o Trunder Run», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Cachorro Quente», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «La Bamba», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Ponto de Impacto», às 15.00 e 21.15 h (maiores 18 anos).

RUI DE AZEVEDO PINTA FADO

Na Galeria de Arte Arcada, no Parque do Estoril, inaugura–se esta noite uma exposição de Rui de Azevedo sob o título genérico «Fado».

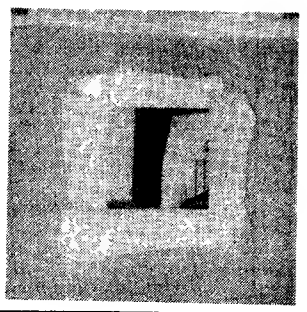
Patente ao público até 8 de Dezembro, esta mosta integra uma série de documentos históricos sobre o fado, provenientes da colecção do dr. Nuno Viana Siqueira.

Referindo–se à pintura de Rui de Azevedo, a dra. Virgínia Ramos escreve no prefácio do catálogo editado por ocasião deste certame: «O universo do pintor afirma–se nos mecanismos estéticos que estabelece e temos tendência a categorizá–lo segundo correntes estéticas que designamos por figurativas, abstractas ou de «avant–garde», mas a trajectória de Rui de Azevedo não cabe nesta contextualização porque as correntes estéticas tornam–se tendências individuais - mecanismos internos - que criam o seu próprio universo onde podemos encontar a génese de um processo criativo puramente original e que não se obriga a nenhuma corrente estética e onde o uso da cor, a utilização da luz, a organização do espaço e a distribuição dos volumes se interligam na exploração de um tema que o artista aprofunda pela utilização da tonalidade cromática: vermelho, azul, verde, lilás, pela variação da cor que flue segundo os assuntos imboídos de símbolos herméticos, pela colocação do objecto que pode ser visto em diferentes perspectivas, ou ainda pelo jogo da luz e efeitos claro/escuro».

DISCOS

ALMANAVE (ANAMAR): este é o quinto trabalho discográfico de Anamar, editado pela PolyGram e já em mercado.
Anteriormente, a cantora gravara dois singles em 1985 e no ano seguinte um duplo album e um maxi-single. Misturando músicas e letras de sua autoria ou em parceria, com cantigas populares e ainda recorrendo a velhos temas assinados por Frederico de Brito/Ferrer Trindade e Silva Tavares/Frederico Valério. LADO NORTE: Canção do Mar (letra de Frederico de Brito, música de Ferrer Trindade); Sabe-se Lá (letra de Silva Tavares, música de Frederico Valério); Céu da Gente (letra de Anamar, música de Anamar, Emanuel Ramalho e Nuno Rebelo); Ana Ai Maria (letra popular e Fernando Pessoa, música popular). LADO SUL: Homem (letra de Anamar, música de Nuno Rebelo); Animal (letra de Anamar, música de Emanuel Ramalho e Nuno Rebelo); Maçadeiras (letra e música popular); Tudo Dar (letra e música de Anamar). Produção de Emanuel Ramalho/Jorge Barata; músicos: Emanuel Ramalho (bateria, percussões, programação rítmica,, efeitos especiais), Nuno Rebelo (guitarras eléctrica e acústica), José Tó Aguiar (guitarra baixo), José Casanova (guitarra portuguesa e segunda acústica), Paulo Jorge (guitarra portuguesa) e Ziegfried Zung (acordeão, em Canção do Mar), Vasco Pimentel (sons naturais, em Tudo Dar). Fotos: capa e contra-capa, Cathrin Loreke; folha interior, Charles R. Sheeler. Amada, ignorada ou detestada (mas sobretudo polémica, audaciosa e tenaz) Anamar está aí. Com um disco para se ouvir com atenção.

ESPAÇOS (SHISH): o Shish-Música é um trio constituído pelo guitarrista-compositor José Peixoto, pelo saxofonista-flautista Paulo Curado e pelo multi-instrumentista José Martins. Como convidado para este disco «Espaços», editado pela Transmédia, o violinista Carlos Zíngaro. LADO A- Espaços, Turbilhão, Voo; LADO B- Voltas, Cadegadum, Hesitação e Quinta das Torrinhas. «Espaços» é, antes de mais, uma proposta surpreendente, primeiro porque existe. Em segundo lugar, pela fluência dos ambientes musicais em que se desenvolve. Fazendo uma exploração sistemática das suas capacidades poli-instrumentistas, o trio oferece-nos um conjunto de sete temas em que o lirismo se espande en direcções inesperadas, sempre servido por uma brilhante técnica musical. É difícil chamar-lhe jazz, ou outra coisa qualquer. O que fica como certo é uma profunda marca de contemporaneidade.



EXPOSIÇÕES

CENTRO EUROPEU DE LÍNGUAS (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3-A): até 31 de Janeiro, «Gravuras e Signos» de Laura Cesana, patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 11 às 13.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): pintura de Daniel Nave até 9 de dezembro, de segunda a sábado das 10 às 19.

GALERIA DE ARTE ARCADA (Parque do Estoril): até 8 de Dezembro, pintura de Rui de Azevedo.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): desenho e pintura a óleo da autoria de Gaëtan, «Une Chambre en Ville», patente até 6 de dezembro de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): «Temas e Pretextos» de Jorge Varanda até 1 de dezembro, de terça a domingo das 15 às 20.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): pintura de Romy Castro até 5 de Dezembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): pintura de Graça Coutinho até 12 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA DE ARTE DAS AMOREIRAS (Amoreiras Shoping Center-2º piso): pintura de Carlos Amaral, para inauguração na nova temporada. Até 29 de Novembro, todos os dias das 9 24.

MÓDULO (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): pintura e desenho de manuel Botelho até 10 de Dezembro, de segunda a sábado das 16 às 20 (excepto feriados).

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE: até 27 de Novembro, Pintura de José Manuel Soares «Motivos do Alentejo», diariamente das 15 às 23.

GALERIA NASONI E SALA ATLANTICA (R. Galeria de Paris, 68-80 e 67-81-Porto) inauguração dos novos espaços com duas exposições patentes até 18 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30, sábados e domingos das 15 às 19,30: Pintura de Armando Alves na Galeria Nasoni e de Albuquerque Mendes na Sala Atlântica.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Desenhos Realistas: Oito Artistas da República Federal da Alemanha»

INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 37): «Desenhos Realistas: Oito Artistas Portugueses».

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 18 de Novembro, pintura de José Luís Tinoco no salão do 1º andar, de terça a domingo das 14 às 20.

CASA DOS TABUENSES (R. dos Poiais de S. Bento, 75-B): desenho e escultura de Fernanda Assis, uma exposição integrada na acção de dinamização cultural da Casa dos Tabuenses com o apoio do Grupo de Teatro «Maizum». Até 28 de Novembro, de segunda a sábado das 14 às 21.

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas): pintura e desenho de Maria Gabriel até 9 de Dezembro, de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 29 de Novembro, pintura de João Alfaro e colagem de António Nelos.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

CINEMA

QUARTETO: Semana de Cinema Soviético: às 14,30 «Perdoa-me» de Ernest Yasan; ás 19 «Fouetté» de Vladimir Vasiliev; às 21,30 «Montanhas Azyis» de Eldar Chenguelaia; ás 23,45 ««O Canhoto» de Serguei Ovtcharov.

CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Claude Chabrol- às 18,30 «L´Oeil du Malin»/1962, com Jacques Charrier e Stéphane Audran; às 21,30 «Les Sept Péchés Capitaux»/1961 com sketches de Chabrol, Godard, Demy, De Broca, Ionesco, Vadim e Molinaro.

MÚSICA

TEATRO S. CARLOS (salão nobre): às 18,45 Ciclo Canção do século XIX, com Marina Ferreira e Nuno Vieira de Almeida a interpretar obras de Brahms.

LOUCURAS: o Trio Odemira actua esta noite em mais uma «quinta-feira tranquila», com a Orquestra da felicidade do Brilho e da Glória.

CONFERÊNCIAS

UNIVERDIDADE CATÓLICA: de hoje a sábado , o «Simpósio Agostiniano». Hoje, abertura às 10 horas com uma intervenção do prof. Goulven Madec, do Centro de Estudos Agostinianos de Paris; às 18,15, uma conferência de Eduardo Lourenço sobre «Agostinho - Tabu do Ocidente».

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

ENTREVISTADO por Simone de Oliveira em «Piano Bar», Rui de Carvalho contou motivos graciosos sucedidos com ele.

Uma vez, em Faro, conviveu com admiradores durante largas horas. Houve um que, ao despedir-se, se identificou:

— **Calçada Estrela.**

E o Rui, candidamente, retribuindo:

— **Avenida João XXI...**

Noutra ocasião, fala-se de uma peça maçadora onde as personagens só falavam da chuva.

«Chove que se farta, nunca vi chover tanto, onde é que nós vamos parar com tanta chuva», e assim por diante.

A certa altura, entra em cena uma personagem que clama triunfalmente:

— **A chuva parou!**

Na plateia, levanta-se então um espectador que diz para os familiares:

— **Toca a andar! — O melhor é aproveitar esta aberta...**

A gente ri. Ri a valer. E muitos pensarão como afinal a vida dos actores parece bem engraçada. Enganam-se.

O humor é por vezes a maneira de desdramatizar uma situação. O homem é o único animal que ri porque é o único animal que sofre.

Até na guerra, imaginem, era preciso rir. Quem não conhece **malta das trincheiras** *de André Brun?*

Os nazis acabaram com a guerra anedótica. A partir daí, a guerra já não mete graça nenhuma.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Tapada**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882968); **ALCÂNTARA: Bairrão**, R. Prior do Crato, 27 (T. 661321); **ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra**, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Morão**, R. da Assunção, 17-19 (T. 878269); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **CHELAS - ZONA N.º 2: Almeida Vaz**, R. Pardal Monteiro, lote 248, loja 92 (T. 855673); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av Luís Bívar, 69-71 (T. 547213); **BURACA - AMADORA: Gaspar Pote**, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-C (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil**, P. do Brasil. 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Até horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pinto Leal**, R. Ferreira de Castro, 61 (T. 4378402). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 22 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas; **AVEIRO: Alá**, R. Dr. Joaquim M. Freitas, 5 (T. 23314).

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**A DAMA DO MAXIM'S**«, de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«**OS DOIS CORCUNDAS E A LUA**», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 863977

De 5.ª a domingo, às 21.30; sábados, domingos e feriados, também às 16.00

«**SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO**», de Alloisio Coli-Gaber. Cen.: Jorge Rocha. Enc.: Io Appolini. Fig.: José Carlos. Versões das canções de Nuno Gomes dos Santos. Arranjos musicais de Luís Filipe.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.
GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez. Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

Sala Gil Vicente

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«**RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA**«, de Kafka. Encenação de Durval Lucena. Interpretação de João d'Avila. (Estreia provável dia 12).

Porto — Sala Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 28 344

De 3.ª a domingo, às 21.45

«**TIO VÂNIA**«, de Anton Tchekov. Pelo Seiva-Trupe. Encenação de Fernando Umaña. Interpretação de Júlio Cardoso, Estrela Novais, Alfredo Correia, Glória Férias, Alberto Quaresma e Laura Perry.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«**METRO-CABARET**«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes e musica de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Instituto Franco-Português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De 3.ª a sexta, às 21.30; sábado e domingo às 17.00

«**LES LETTRES DE LA RELIGIEUSE**«. Por IFP — La Théatrelle. Encenação de Jean Lejude. Interpretação de Solange Charlot, Maria Mendes e Alexandre Melo. Música de Fernando Marques.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 2 91 30

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«**O MÉDICO À FORÇA**«, de Molière. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César e Asdrúbal Teles. Interpretaçao de Carlos Rodrigues, Maria Clementina, João Victor, Nuno Mello e Rui Serra.

Drogaria Ideal

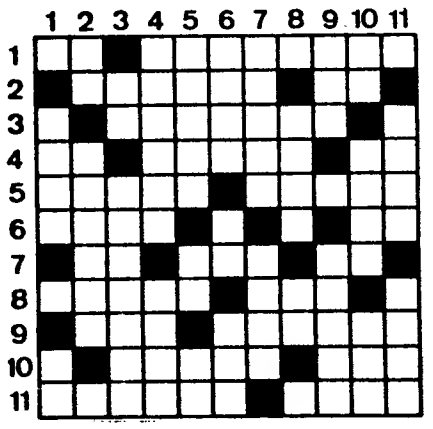
R. do Conde, 57 — Tel. 66 12 77

Diariamente, às 23.30

«**MULHERES DE CALÇAS**«. Números de revista. Por Zita Duarte.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 182



HORIZONTAIS:

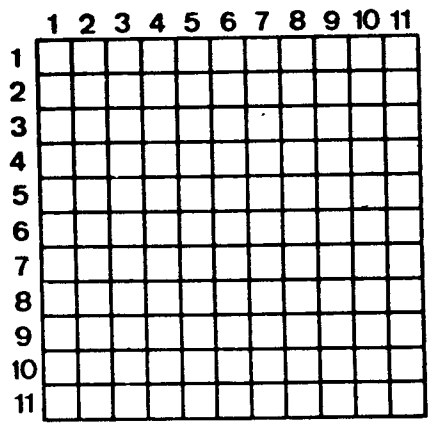
1 Carta de jogar. Ornamentara.
2 Poisai no mar (o avião). Boro (s.q).
3 Acarinhara.
4 Preposição. Animal da classe dos acarídeos. Viração.
5 O futuro. Apresenta como prova.
6 Fêmea do cavalo. Artigo definido.
7 Antes do meio-dia. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Pago.
8 Exclusiva. Rio da Suíça.
9 Nome de mulher. Furado.
10 Trates por tu. Numeral cardinal.
11 Abalas. Enrubesce

VERTICAIS:

1 Introduz. Em a.
2 Apelido. Namoradeira.
3 Ruim. Tornar a mastigar.
4 Latada. Pesquiso.
5 Cidade da Sicília. Apelido. O mesmo que uma (ant. e pop).
6 Leito. Artigo definido. Patas.
7 Gemera. Vais para fora.
8 Ave semelhante à pomba. Antes de Cristo.
9 Falda. Formação de plantas herbáceas.
10 Letra grega. Rei dos amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Oferecer.
11 Estavas. Cozinhe.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 007



HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Sabugal.
2 Freguesia do concelho de Barcelos. Município
3 Duas vogais desiguais. Enrubesceras.
4 Faleceras.
5 Rumor. Vi.
6 Pedaço de qualquer coisa. Planta trepadeira, também chamada capuchinhas.
7 Remara para trás. Gostara muito de.
8 Viração. Rema para trás. Descobrir.
9 Magnetizaria.
10 Defendera. Ovário dos peixes.
11 A Tailândia. Pronome reflexo. Preposição.

VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Loulé.
2 Espécie de formiga (Bras). Tombarias.
3 Interjeição que exprime admiração. Cidade santa da Arábia. Mil e cinquenta e um em romano.
4 Concede. Avaliava.
5 Nome de jogo. Província de Cantão.
6 Serra de Portugal. Rio da Suíça.
7 Mulher que se intromete em tudo. Chefe etíope.
8 Desejariam.
9 Palmeira da Amazónia. Tira estreita.
10 Senhoras. Medida de superfície. Lê.
11 Carta de jogar. Empregariam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 181

HORIZONTAIS:

1 Bara. Puir.
2 Réu. Pau. Mau.
3 Ar. PASSA. Sm.
4 Mar. Aca. O.
5 Amaça. Remar.
6 Ira. Nós.
7 VENTO. Por.
8 Aos. Usa.
9 NS. Sacro. Mu.
10 Til. Soo. CCV.
11 Arão. FICA.

VERTICAIS:

1 Brava. Venta.
2 Aer. Mie. Sir.
3 Ru. Marna. Ia.
4 Pacatos.
5 Pará. Osas.
6 Sãs. A. Coa.
7 Usar. Puro.
8 Arenoso.
9 Um. Amora. CI.
10 Ias. Ás. MCC.
11 Rumor. CHUVA.

PROVÉRBIO: Passa o vento, fica a chuva.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 006

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Penamaior.	1 Penamacor.
2 Elis. Cego.	2 Élida. Pã. Ar.
3 Nicar. Pomar.	3 Nico. Criada.
4 Ado. Uta. Ano.	4 Asa. Bátegas
5 Má. Berrais.	5 Ruela. Ama.
6 Calate. Oc.	6 Au. Tragaras.
7 Cartago.	7 Parto. Ri.
8 Opie. Cura.	8 Oco. Ae. Caso.
9 Agarrados.	9 Remai. Sud.
10 Adamais. It.	10 Ganso. Róis.
11 Brasas. Osso	11 Poro. Crasto.

Rádio

. Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15 Música portuguesa; 20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.00: Quinteto, K. 581, de Mozart; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Estórias da História; **17.40**: Trechos, de óperas; **18.40**: Música instrumental; **19.00**: Integrais; **19.22**: «Missa», n.º de Bruckner; **20.40**: Música, para harpa, de Dittersdorf; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Música de tecla, de Liszt; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O Sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

13.30: Encontro para dois; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.55**: Meditando.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«Vem Lá Filme» e «As Aventuras de Punqui»

18.25 - Você Sabia Que...
2º Episódio

18.55 - O Império de Carson
24º Episódio: Sarah decide mudar-se para sempre para casa de Godfrey Carson e Jennifer concorda em deixá-la ficar em casa dele até que os problemas de alojamento em casa de Vic estejam resolvidos.

19.17 - Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorologico
20.15 - Roque Santeiro
24º Episódio: Porcina diz a Roberto que tem pena que ele não possa assistir ao seu casamento com Malta que terá lugar dentro de dois meses. Zé das Medalhas e Giló preparam um plano para roubar à Mocinha, os Santos que pertenceram a Roque. O delegado consegue, finalmente, seduzir Zé das Medalhas. Gerson interrompe as gravações por achar que o seu filme não está fiel à história de Roque. Malta obriga a filha a desistir de perseguir Roberto.

21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.30 - Primeiro Andamento
«Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa»

22.05 - Telemundo
22.35 - Anastásia
4º e último episódio: Anastasia é o alvo das atenções para a imprensa norte-americana. Torna-se, então, muito popular. Porém, o interesse vai-se perdendo e apenas o príncipe Erich, um pobre mas vistoso aristocrata alemão, permanece a seu lado. Mais tarde, de regresso a Berlim, a amizade que os une transforma-se em paixão. Erich consegue convencê-la a mover uma acção judicial contra Cyril para provar a sua verdadeira identidade. O julgamento, iniciado em 1939, foi interrompido pela Segunda Guerra Mundial. Só em 1970 foi anunciado o veredicto final...
Produção e realização de Marvin Chomsky

23.35 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP 2

15.40 - As Blue Bell
5º Episódio

16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Os Imigrantes
124º Episódio

No 1º canal às 22.35, o último episódio da série «Anastásia»

Dina Staf em «Já Está!», no 2º canal às 21.35

18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totally Live
19.55 - Hitchcock Apresenta...
116º Episódio: O polícia Rockwell vai escoltar um prisioneiro durante uma viagem de combóio até à prisão onde será executado. Rockwell está habituado a fazer este tipo de serviços, mas, desta vez, o preso vai suspreendê-lo com uma conversa e uma proposta inesperada.

20.20 - Os Malucos do Circo
30º Episódio

20.50 - Montra de Livros

21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
Dina Sfat é a convidada especial, que fará no computador o seu auto-retrato.

22.55 - As Teias da Lei
4ª Episódio

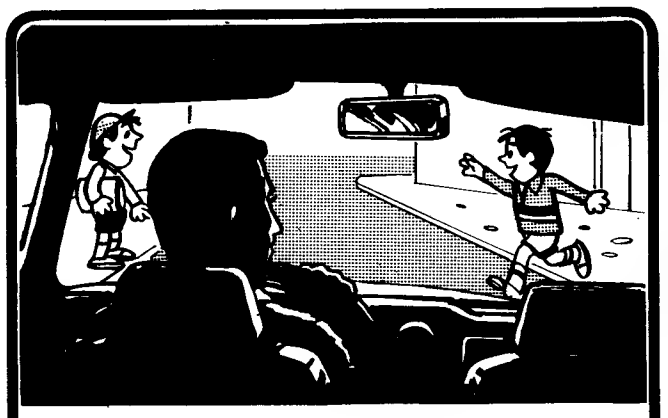
AMANHÃ

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Os Anos Não Contam
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Scandinavian Connection
22.15 - O Programa das Festas
22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate
23.25 - Pela Noite Dentro

RTP-2

15.40 - O Mundo é Um Palco
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totally Live
19.55 - Hitchcock Apresenta...
20.20 - Os Malucos do Circo
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Fanny e Alexandre
23.00 - Troféu



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

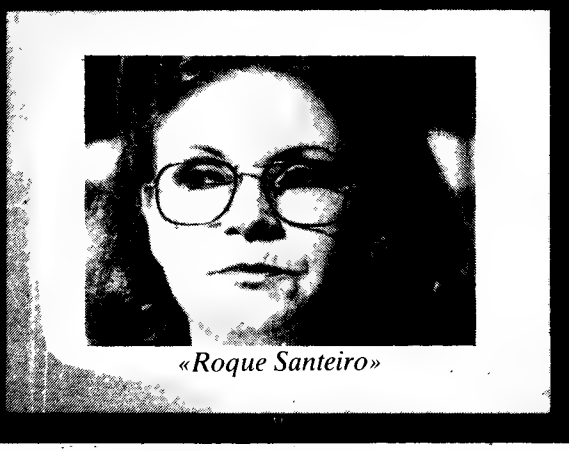
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Anastásia

RTP 2 — Já Está!

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



«Roque Santeiro»

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

A PSP de Lamego fez detonar um explosivo encontrado na Escola Secundária de Almacave, que deveria ter rebentado às 10.30 horas de hoje. O engenho foi encontrado por um aluno, na casa de banho, e era constituído por seis velas de dinamite, com um sistema de relógio preparado. Uma brigada de minas e armadilhas da PSP deslocou-se ao local e fez detonar o engenho no próprio campo de futebol da escola. Segundo um policia, se o engenho tivesse explodido teria arrasado «toda ala traseira do edifício». A mesma fonte, disse tratar-se de obra de um profissional.

Bolsa de Lisboa entrou em "alta"

Continuação da pág. 1

O confronto entre as ordens de compra e venda de 35 títulos, feito até ao meio–dia, conduziu à subida de 17, à descida de nove, à manutenção de dois deles, acabando seis por não ser transaccionados e um último - a Cofaco - por obter a sua primeira cotação a onze contos.

Dois dos títulos com subidas registadas galgaram acima do patamar ontem estabelecido. Foi o caso da Isar Rakoll, com um acréscimo de 21 por cento e da A.H. Serrano com uma variação de 32 por cento.

Em baixa pronunciado estiveram as acções da Caima e da Sonae - usualmente denominados de «blue–chips» pela sua segurança e características de arrasto do mercado - que' cairam, respectivamente, 49,2 e 18,1 por cento. Os títulos igualmente assim considerados, como é o caso da Marconi e da Cisf não tinham sido cotadas até a altura.

Ao fim da manhã, as cotações eram as seguintes: Mabor: 5 000, Fisipe: 16 500, Sonae: 12 700, Isar–Rakoll: 10 100, Proadec: 9 000, Cires: 16 000, Polimaia: 4 920, Cinca: 26 000, Crisal: 6 200, Indasa: 10 000, Lusostel: 3 620, R.Ramada: 3 500, Efacec: 7 100, Finagra: 3 000, GAP: 3 500, Sicel: 3 800, Vidago: 8 500, Triunfo: 420, Proalimentar: 5 000, A.H.Serrano: 3 960, Cofaco: 11 000, Soja de Portugal: 12 000, Sopragol: 4 000, Madeirense de Tabaco: 8 000, Nobre: 3 080, Lisnave 3 400, Cel–Cat: 3100, Mague: 6 000, Caima: 33 000 escudos.

Entretanto, o mercado não oficial de cautelas da Bolsa de Valores do Porto não tinha acompanhado, até às11h30 desta manhã, o movimento financeiro da capital, abrindo em clima instável e com um fraco volume de negócios motivado pelo desfasamento entre os preços de compra e venda.

Do total do movimento, as acções da Inô foram as únicas que subiram acima do limite da véspera e transaccionaram o maior volume de papel, passando a sua cotação de 4 400 para 5 500 escudos.

Outras subidas foram registadas pela Macedo & Coelho, Novopan e Cinca com variações respectivas de treze, nove e seis por cento, enquanto as cautelas da Trabalho baixaram em posição de venda de 34 950 para 30 mil e comprador a 15 mil, não se chegando a transaccionar, tal como aconteceu com os títulos da Lusotur.

Remessas emigrantes: 7,7 milhões em 1986

Os emigrantes açorianos remeteram, em 1986, para a Região Autónoma, divisas no valor de 7,7 milhões de contos, indicam dados divulgados pelo Departamento Regional de Esdudos e Planeamento (DREPA). Em dólares, esse montante correspondeu a uma remessa global de 51,4 milhões de dólares.

Construções Técnicas ganham concurso em Cabo Verde

As Construções técnicas tornaram-se na principal empresa estrangeira a operar em Cabo Verde, ao ganhar um concurso de mais de cinco milhões de dólares para a construção de três infraestruturas do esquema sanitário caboverdeano nas ilhas de Santiago e S. Vicente. As obras terão início em Janeiro do próximo ano.

DECARAS

MICHAEL JACKSON era aguardado ontem, à sua chagada ao Aeroporto Internacional de Sydney, por centenas de jovens que queriam ver de perto o seu ídolo. Vários adolescentes quebraram uma das portas de vidro que separa a ala internacional do aeroporto, originando uma rápida intervenção da polícia e da segurança do cantor norte–americano. Os jovens foram colocados fora da ala internacional do aeroporto e muitos deles ficaram feridos, mas sem gravidade. Michael Jackson encontra–se na Austrália no âmbito de uma digressão mundial.

ILLONA STALLER, deputada italiana do Partido Radical conhecida no mundo do espectáculo como «Cicciolina», viu ser–lhe instaurado um processo por abscenidade, que foi autorizado por uma comissão da Câmara de Deputados. Cicciolina tinha pedido à própria Câmara para proceder adquadamente, de forma a poder dar início a uma luta parlamentar a favor da obolição do Código Penal referente às publicações pornográficas. Pietro Cafazzo, juiz de Velletri — localidade do centro de Itália — tinha apresentado à Câmara um pedido de autorização para processar a deputada, acusada de obscenidade devido a um artigo publicado numa revista pornográfica. A decisão final sobre o processo «Cicciolina» deverá ser tomada pela Câmara dos Deputados, reunida em assembleia.

MILTON NASCIMENTO e Maria Lúcia Godoy, cantores brasileiros, e Oswaldo França, escritor, estiveram «no ar» num programa de 90 minutos transmitido em simultâneo pela Rádio Moscovo e a Rádio Oficial do Estado de Minas Gerais. Segundo o jornal «Folha de São Paulo», que deu a notícia, foi o representante da agência Novosti quem sugeriu a realização do programa nestes moldes. Numa primeira parte, de 30 minutos para cada emissora, foram divulgadas informações culturais e de interesse geral e, na segunda, um debate ao vivo entre jornalistas de Minas Gerais e da União Soviética.

MARIA DO CÉU GUERRA estará nos Açores na última semana de Novembro para representar a peça «Calamity Jane». A actriz será também a animadora do colóquio sobre teatro que o Sindicato dos Bancários de Angra do Heroísmo promove na última semana de Novembro. O colóquio integra–se na «Semana Cultural do Bancário» que se inicia hoje e se prolonga até ao dia 24.

ARTUR SEMEDO promove esta noite a antestreia do seu novo filme, «O Querido Lilás», no cinema do Casino Estoril, pelas 21 e 30 horas. A antestreia conta com a presença de Artur Semedo, actor, realizador e argumentista da película, e de alguns dos principais actores, como Herman José, Rita Ribeiro, Fernanda Borsatti e Henrique Viana. «O Queriso Lilás», ou o amor impossível «dum filho da mãe», estará a partir de amanhã em exibição em várias salas do país.

MARYLIN MONROE é recordada numa ampla autobiografia do dramaturgo norte–americano Arthur Miller, com quem foi casada, casamento que para muitos foi considerado o mais escandaloso do século. O autor de «Morte de um Caixeiro Viajante» relata no livro, «Timebends» diversos episódios da sua vida, incluíndo naturalmente os que envolveram Marylin. Hoje com 72 anos, Miller refere–se a Marylin com um misto de descrição e de ternura, descrevendo-a como «a rapariga mais triste» que conheceu e comparando-a a «uma poetisa que, na esquina de uma rua, tenta declamar para uma multidão enquanto lhe arrancam o vestido». Marylin é apresentada como vítima da «doença americana» que impede a mulher de ser simultaneamente sensual, séria e inteligente.

Federação de Coimbra apoia Constâncio

Os secretários–coordenadores das secções e núcleos da federação de Coimbra do PS exprimiram ontem a sua «total solidariedade e confiança política» em Vitor Constâncio ao mesmo tempo que reprovaram o «comportamento dos deputados do PS» cujos votos permitiram a eleição de Álvaro Cunhal para o Conselho de Estado.

Num tom particularmente duro, sobretudo depois da atitude bem mais branda de Vitor Constâncio durante as Conferências de Loures, aqueles dirigentes socialistas qualificaram de «irresponsável e traiçoeiro» o carácter da actuação dos deputados que, segundo referem, «jamais poderá deixar de ser interpretado como um acto de indignidade política e partidária».

Nos considerandos da moção de apoio ao secretário–geral do PS que temos vindo a citar refere–se que a atitude de alguns elementos da bancada socialista na Assembleia da República «contribui de forma intolerável para alimentar a campanha que tem vindo a ser desenvolvida contra o PS pelos seus adversários políticos, num momento em que se acentua o desgaste do Governo/PSD».

...e Alegre contesta

Entretanto esta reunião foi vivamente contestada por Manuel Alegre que acusou um dirigente de Coimbra do seu partido de ter um «comportamento anti–democrático, inquisitorial e persecutório».

Este dirigente socialista, em declarações à Lusa, considerou «ilegal e imoral» essa reunião acentuando que nela «foram postos em causa os princípios constitucionais do voto secreto e da reserva da intimidade, bem como o estatuto do deputado».

«Foi a primeira vez que num partido democrático como o PS alguém foi julgado e condenado sem ter sido ouvido, apesar de fazer parte da estrutura que o condenou», afirmou Alegre.

Disse ainda ser «ilegal» a reunião pois «deliberou sobre matéria da jurisdição exclusiva do orgão estatutariamente competente para o efeito, a Comissão de Conflitos».

Manuel Alegre exige a convocação de uma reunião geral de militantes de Coimbra do PS onde possa expôr as razões políticas da sua atitude.

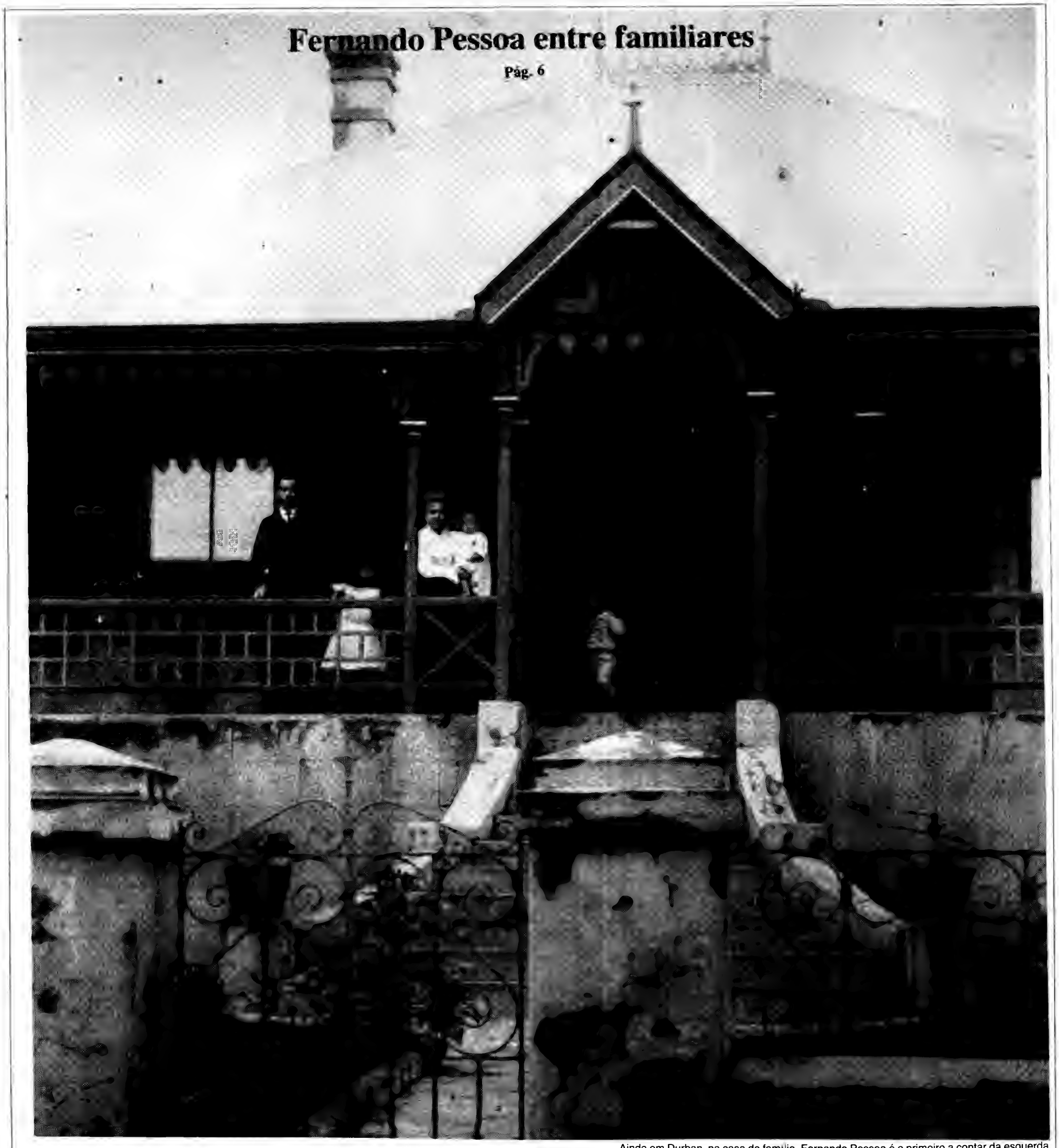
LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 328

Fernando Pessoa entre familiares

Pág. 6



Ainda em Durban, na casa de família, Fernando Pessoa é o primeiro a contar da esquerda

Opinião crítica (discutível) sobre certos livros de poesia

Não é o peixe que nada no rio e sim o rio que nada no peixe

PALAVRAS são meras palavras. Mesmo quando somos incapazes de nos libertarmos de uma qualquer dolorosa situação existencial é bem provável que nos recordemos de Hamlet: «Words, words, words.» Para que possamos *sair* das palavras, abandonando-as como meros sons, a fim de nos encaminharmos para a região onde *algo* há que exige uma outra linguagem que não a do quotidiano, temos de optar pelo lado ilógico da nossa capacidade de entendimento das coisas. Não se trata, não, de uma atitude absurda — e antes de uma via tão capaz como a via lógica (ou por nós como lógica considerada). Escrever, por exemplo, «o peixe nada no rio», é limitarmo-nos a uma asserção corrente, fotográfica, tu cá, tu lá. Resultado: *compreende-se*. Mas se escrevermos, pelo contrário, «o rio nada no peixe», já não estamos face à rotina da realidade, e sim face a um «x» qualquer que nas coisas se esconde. Resultado: *sente-se*.

Ora é precisamente aqui que o sentimento estático se faz sentir e leva o homem ao outro lado do existente. Quando nos chega às mãos um livro de poesia, só à poesia ascendemos se, através dos poemas que compõem o livro, somos endereçados para o mundo ignoto que se sobrepõe ao mundo de nós todos conhecido. É sempre um endereço sem código postal, ou mesmo até sem o número da porta, pelo que se torna difícil dar com o destino que o poema aponta. Mas quando damos com esse endereço, quando chegamos à porta de um «x» até então desconhecido, estamos perante a surpresa, frente a frente com uma aparição — e não é, não, a nossa

ignorância que se torna menos ignorância, e sim a nossa sensibilidade que se transmuda em mais apurada sensibilidade. Ou por outras palavras: para além dos nossos cinco sentidos, emerge de nós um outro sentido multiforme.

Obviamente que esse outro sentido multiforme exige, para que desponte em toda a plenitude, que o poeta que lemos tenha captado o «x» indizível através também de um sentido multiforme. Haverá uma simetria, pois, entre o poeta e o leitor de poesia, o que, bem feitas as contas, nos proporciona o seguinte resultado: o poeta e o leitor de poesia são simultaneamente poetas.

Vamos supor, para uma eventual clareza do nosso raciocínio, que alguém, tendo-se como poeta, pura e simplesmente escreve: «O peixe nada no rio», sem que, na continuação do poema, tire uma ilacção estética que fira a nossa lógica. Duas situações são possíveis: *a)* o suposto leitor de poesia dá-se por satisfeito por *o peixe nadar no rio;* b) verdadeiro leitor de poesia (logo: também poeta) de maneira nenhuma se pode congratular por *o peixe nadar no rio*. Para este último leitor, dotado de espírito ilógico (logo: aberto a todas as sensações), *o rio é que nada no peixe*. No seio deste sentimento estético, no âmago desta maneira de apreender as coisas como coisas de outra maneira, é que o homem lentamente se vai apoderando de múltiplas razões que a Razão desconhece. Ser-se ilógico (sem cair no arbitrário, acentue-se) é sair do ignoto, milénio a milénio, segundo a segundo.

Este nosso escrito, ditado por boas intenções (embora de boas intenções esteja o Inferno cheio), é endereçado a todos quantos publicam livros de «poemas» e os enviam (generosamente) para obtenção de uma opinião crítica. Para já, um aviso: toda a opinião é discutível — e pode muito bem acontecer que toda esta nossa dissertação seja uma dissertação puramente lógica. No entanto, dentro embora da dúvida que nos assalta, nunca poderemos considerar poesia um verso que nos confidencie que «o passarinho / cantava / no raminho». Isto é: nunca é o peixe que nada no rio, mas o rio que nada no peixe. Quem tal não entender — que de «poesia» se deixe.

Pedro Alvim

«Letras e Letras», um novo jornal

NA cena literária portuguesa apareceram recentemente dois novos títulos: uma revista chamada *Ler* e um jornal denominado *Letras e Letras*.

No momento em que se escreve isto, ainda não se viu a revista, e dela sabe-se somente o que tem vindo nos jornais: a reprodução da capa (com fotografia de José Cardoso Pires), alguma coisa do corpo textual, certos nomes, a tiragem de 200 mil exemplares, mais do que *A Bola* e mais do que a *Maria* ou a *Crónica Feminina*. Uma exorbitância perfeitamente inesperada. Lembremo-nos porém do seguinte: a revista é iniciativa do Círculo de Leitores, e este clube do livro tem centenas de milhares de associados, a muitos dos quais a publicação vai ser largamente enviada, cremos que em substituição do boletim. Novidade também interessante é que, tratando-se embora de uma edição do Círculo, a revista não se limitará a falar dos livros e dos autores do Círculo. No que também não haverá muito de surpreendente: o Círculo tem editado centenas de escritores portugueses e obras literárias portuguesas, e, certamente, vai editar ainda mais, — pelo que, aqueles escritores e respectivas obras de que nas páginas da revista se falar, se ainda não estão no catálogo, lá hão-de dar entrada mais trimestre menos trimestre. Outra questão serão as estratégias do Círculo, os critérios por que se orienta a sua programação. Não cabe falar disso aqui e agora. Limitemo-nos a chamar — um tanto redundantemente — a atenção para a ausência, em tais critérios, de referências ou preocupações significativas em domínios como a poesia e a reflexão — domínios *de ponta* em qualquer literatura e, obviamente, dificilmente redutíveis a estratégias de comercialização. Adiante.

O *Letras e Letras* é uma realidade diversa — e tem-se disso uma ideia aproximada num relance pela ficha técnica, desde logo.

O jornal apresenta-se como propriedade pessoal de Joaquim de Matos (naturalmente por isso, director), tem uma comissão de apoio constituída por dez nomes, conhecidos (personalidades conhecidas, digamos assim) do meio literário ou dele próximo, e um quadro de colaboradores bastante numeroso — sete dezenas de nomes, mais ou menos, e também mais ou menos conhecidos, embora referências razoavelmente diversificadas, como poderíamos ver.

Num editorial, podem ler-se algumas afirmações de princípio e declarações de intenção. Avultam «um espaço multifacetado de propostas literárias, da escrita e da leitura e das suas áreas próximas», «uma perspectiva nacional e internacional, contra a centralização, o isolamento regional e o provincianismo», a pretensão de «ampliar a relação escritor-leitor». Tudo aplaudível sem reservas, pelo menos a uma primeira impressão.

E depois? Depois, são umas duas dezenas de textos de teor diverso sobre temas e assuntos variados como «Objectividade e Poesia», um livro de Francesco Alberoni, inéditos de galego Curros Enriquez, computadores e literatura, um *dossier* — Mário Cláudio, poesia brasileira, poesia dos anos 80 em Portugal, um livro de Juan José Saer (autor nunca traduzido em português e em Portugal, que saibamos), artes visuais e Fernando Pessoa, o último Albano Martins, um texto de Maria Ondina Braga, etc., etc., e nisto compreendidas quatro notícias.

Avultam dois ou três aspectos.

Em primeiro lugar, as notícias, ou a quase total ausência de notícias. É certo que se trata de um mensário, e não pode competir, neste domínio, com a Imprensa diária ou semanal, onde já terão saído as notícias que um mensário poderia dar. Mas não é menos certo que se trata de um jornal do Porto, que nesta cidade ou algures no Norte, ou no Centro, não há um semanário como o *Expresso-Revista* ou o *Jornal de Letras* (para encontrarmos um jornal de letras e artes fora de Lisboa, nesta altura, teríamos de ir aos Açores, onde se publica um mensário, *Signo*), e que os diários existentes, no Porto, — apesar de que fazem, mesmo das actividades culturais, no caso, literárias, uma cobertura mínima, são (excelentes que sejam) jornais regionais, ou de vocação regional (os de Lisboa, diários, serão ainda um pouco menos que isso — locais) e circulam pouco ou quase não circulam em Lisboa — onde, certamente, o *Letras e Letras* pretende entrar e circular.

Não só por isso: também porque um jornal é sempre um jornal, e não se concebe um jornal sem notícias.

Tal como se propõe, o *Letras e Letras* deixa no leitor a impressão de que sairia melhor propondo-se sob a forma de revista. A excelente qualidade da generalidade dos seus textos — e a sua desafecção do imediato, do circunstancial, do temporal — isso que os jornais avidamente se sustentam — reforça a ideia. O *Letras e Letras* vai ser lido, guardado, coleccionado. A forma de revista tornaria estas tarefas mais fáceis. E talvez nem saísse muito mais caro.

Outro aspecto há-de ser a variedade de temas e assuntos. Sendo um jornal dedicado somente às Letras (um âmbito onde caberão a poesia, a literatura, a reflexão, pouco mais) dir-se-ia que uma tal variedade não estaria ao seu fácil alcance. Mas vê-se que está. O mundo (temático, problemático, etc.) das chamadas Letras é um pouco mais vasto, complexo e variado do que o fará supor a habitual associação às Artes que consta de centenas de jornais, suplementos e páginas das últimas décadas, entre nós.

A variedade — e é outro aspecto — pressupõe (implica, exige), num jornal, uma arrumação, uma seccionação, uma divisão, uma demarcação mínima, ou, pelo menos, algumas secções capitais — que desfaçam a ideia de arquivo mais ou menos arbitrário de textos a publicar sem uma prévia e mínima planificação. Às primeiras, o *Letras e Letras* não ostenta tais preocupações. Todavia, é possível entrever o que poderá tratar-se de secções fixas — a manterem-se de número para número: o *dossier*, a antologia de poesia estrangeira (do Brasil, embora), por exemplo.

Avulta neste número inaugural o *Dossier Mário Cláudio*, com um poema de Amadeu Baptista e quatro escritos sobre o autor de *Amadeo* e a sua obra. Ressalta ainda aqui a variedade de interesses dos textos, desde um esboço de interpretação alteronímica (digamos assim) assinada por Maria da Glória Padrão, e trabalhos de interpretação, crítica e análise subscritos por Maria João Reynaud, Isabel Pires de Lima e Silvina Rodrigues Lopes. Mas será tudo excepto desprezível uma página do álbum de retratos de Mário Cláudio passando pela designação de fotobiografia, e também não é simples curiosidade visual a reprodução de quatro páginas manuscritas do próximo livro do autor, «A Fuga para o Egipto».

É pouco e é lugar muitíssimo comum dizer que *Letras e Letras* é um jornal interessante, quer dizer, capaz de interessar quem real, potencial ou virtualmente estiver interessado nestas coisas. Obviamente, é muito mais do que isso. Mas a receptividade que tiver confirmará esta ideia e responderá à questão de saber se corresponde a alguma sentida e concreta necessidade da recepção a que se destina. Parece que sim, — mas na sorte destas iniciativas, que por vezes são grandes empreendimentos, aparecem sempre, ou por vezes, factores imponderáveis.

Para já, é o único jornal dedicado somente às chamadas Letras — e nem nos ocorre outro caso assim, precedente deste, nos últimos tempos.

E é também um jornal do Porto — podendo embora dizer-se com delegações (sentido figurado, já se vê) em Lisboa, em Viana do Castelo, em Vila Real e em Coimbra, pelo menos.

Luís de Miranda Rocha

O «Ler» de 1952-1953

Títulos que evocam títulos... «Ler» foi, em 1952 e 1953, um «jornal de letras» que reuniu em suas páginas colaboradores como António José Saraiva e Carlos de Oliveira, José Régio e Mário Dionísio, Isabel da Nóbrega e Tomás Ribas. Era dirigido por Francisco Lyon de Castro, e a essa direcção esteve intimamente associado o actual director-adjunto do «Diário de Lisboa», Fernando Piteira Santos.

O número 1 do jornal saiu em Abril de 1952.

A tiragem foi de 10.000 exs. e poucos dias depois de ser posto à venda foi necessário fazer uma segunda tiragem de 5000 exs.

O último número (19) saiu em Outubro de 1953. A publicação fez-se com toda a regularidade.

Foram publicados alguns suplementos especiais temáticos (Van Gogh, Feira do Livro, Cinema, etc.).

O «LER» foi o primeiro jornal literário a fazer a crítica sistemática a um grande número de obras que apareciam e todas as críticas, fosse qual fosse a sua extensão, eram assinadas. Cada número publicava um importante número de apreciações críticas a obras de todos os géneros.

O «LER» tinha uma posição que lhe granjeou a simpatia e o respeito dos mais diversos sectores da sociedade portuguesa. Mesmo algumas das críticas que lhe eram feitas reconheciam o nível e a seriedade com que o jornal era feito.

O «LER» reuniu um vastíssimo escol de intelectuais representativos das mais diversas correntes do pensamento mas na sua orientação geral o «LER» seguia uma linha que poderíamos classificar de posição anti-totalitária e progressista.

No penúltimo número do jornal anunciava-se a passagem de LER a quinzenário, mas, logo após a publicação do número 19, a censura proibiu o jornal e foi informado de que havia sido decidido **suspendê-lo definitivamente.**

O primeiro número inclui os seguintes colaboradores:

António José Saraiva, António Quadros, Carlos de Oliveira, Delfim Santos, Fernando Piteira Santos, José Júlio, José Régio, Mário Dionísio, Isabel da Nóbrega, Afonso Duarte, Orlando Ribeiro e Tomás Ribas.

E teve depoimentos de:

Adelaide Félix, António Maria Pereira (Livraria Editor), António Sérgio, Augusto Sá da Costa, Diogo de Macedo, Fernanda de Castro, Ferreira de Castro, João Gaspar Simões, Pedro de Andrade, Maria Ascher e Sousa Costa.

Nos números seguintes houve colaboração, entre outros, de Adriano de Gusmão, Álvaro Salema, Branquinho da Fonseca, Francisco Costa, Jaime Brasil, João de Freitas Branco, José Marinho, Luís Francisco Rebelo, Ilse Llosa, Manuela Azevedo, Maria José Mendonça, Miguel Torga, João de Barros, Manuel Mendes, Pedro da Silveira, Virgílio Ferreira, João Pedro Andrade, José Gomes Ferreira, Francisco Cunha Leão, Luís de Almeida Braga, Mário Braga, Rui Grácio, Mário Soares, Cecília Meireles, Elídio Sardoeiro, Luís Forjaz Trigueiros, Tomás da Fonseca, Jorge de Macedo, Vasco da Gama Fernandes, Joel Serrão, Teixeira de Pascoaes, David-Mourão Ferreira, Jacinto Ramos, Amélia Rey Colaço, António Ramos Rosa, Nuno Teotónio Pereira, Jorge Segurado, João Alves das Neves, Fernando Namora, Manuel Belo, Roberto Nobre, Fernando Lopes Graça e Francisco Tenreiro.

O jornal era submetido a censura prévia e não tiveram conto os cortes feitos. A censura acabou por o «**suspender definitivamente**» sic.

LER

[NESTE NÚMERO]

OS TRÊS SOBREVIVENTES DO REVOLUCIONÁRIO "ORPHEO"

«Juventud, Divino Tesoro...»

LER

RECORDAR É VIVER

O CINEMA E OS MENORES

LER, EM BREVE, SAIRÁ DUAS VEZES POR MÊS

As primeiras páginas dos últimos «Ler»

Rabelais evocado no «Ler»

No momento em que a Vega relança o «Pantagruel», na versão de Jorge Reis, ilustrada por Júlio Pomar, é curioso evocar o artigo de Jean Gallotti para o «Ler», em 1953, exactamente sobre Rabelais. Eilo, reimpresso pelo «LerEscrever».

COMEMORÁMOS em 1953 o 4.º centenário da morte de Rabelais. E é uma ocasião para dizer algumas palavras acerca deste escritor extraordinário.

É, parece-me, difícil para os leitores não franceses julgar equitativamente do valor da sua obra, apesar do seu alcance universal.

Se apenas se vissem nela dois romances fantásticos, interessantes somente pelo seu assunto, ou uma obra de filosofia, ou uma sátira, ou uma visão fantasiosa e irónica, ou simplesmente uma recolha de obscenidades, pouco haveria que não existisse já, quanto ao fundo, nos romances de cavalaria, nas *Viagens de Gulliver,* nos *Colóquios de Erasmo,* no *Don Quixote,* nos contos fabulosos da Idade Média, em Aristófanes. Mas que haja aqui a essência de tudo o que, antes ou depois dele, fez o sucesso destas diferentes obras é já bastante notável. E como Rabelais, além do mais, abunda em *trouvailles* e em ideias que lhe pertencem exclusivamente, na realidade nenhum escritor se lhe compara.

Imaginemos o homem. Nasceu na Touraine, essa província de clima doce, luminoso, fértil, que mereceu ser chamada «Jardim de França» no fim do século XV. A Renascença e o Humanismo são para ele qualquer coisa como o culto da Ciência e da Humanidade para os pensadores que, nascendo no século XVII, escreveram no XIX. Tem fome de saber e faz-se frade para satisfazer esta paixão. Durante quinze anos é franciscano e consegue, através dos muros do claustro, ligar-se com Guillaume Budé e os melhores eruditos do seu tempo. Inicialmente autorizado pelo papa a entrar numa ordem mais culta, volta por fim à vida secular. Viaja. Forma-se em Medicina. E um dia, em Lyon, no limiar dos 40 anos, talvez para distrair os seus doentes, pois, como médico e como filósofo, acha que o bom humor e o optimismo são o melhor remédio dos nossos males, publica *Gargantua* e o começo de *Pantagruel.* Estes livros parece que não fizeram então grande escândalo. Ligado estreitamente a numerosos prelados, e sobretudo ao arcebispo de Paris, Jean du Bellay, acompanha diversas vezes este a Roma e obtém do papa, com a absolvição por ter abandonado o hábito, o seu interesse pela célebre abadia dos beneditinos de Saint-Maur. E é somente no fim da vida que o começam a atacar, ataques que esquiva escudado na protecção do rei. É nomeado cura de Meudon dois anos antes de morrer. Chegava o momento em que ia triunfar a delicadeza de escola de Ronsard e a pudicidade clássica. Só então se formou a lenda dum Rabelais brigão e bebedor à imagem dos seus heróis.

«Melhor é rir que de lágrimas escrever;
Porque rir é próprio do homem,
Vivei alegres».

Assim termina o aviso ao leitor colocado à cabeça de *Gargantua.* E nesta máxima se reduz ao mesmo tempo a retórica e a filosofia do livro. Vivei alegres, e para isto comei e bebei bem, que é a maneira de se portar bem física e moralmente. Sede bons pais e bons filhos. Executai bem as artes e as ciências.

Amai os reis justos, pacíficos, desejosos de tornar a vida agradável tanto aos outros como a si mesmos. Entretanto, tende por divisa a única cláusula da regra estabelecida por *Gargantua* para a Abadia de Théléme: «Faz o que quiseres, porque gente generosa, bem nascida, bem instruída, conversando em companhia honesta, tem por natureza um instinto e um aguilhão que sempre os empurra para factos virtuosos e os retira do vício...»

Ele omite, de resto, o que poderia acontecer a gente naturalmente má e considerando-se bem nascida. Mas deixemos-lhe a responsabilidade do preceito. Rabelais oferece aos outros o mais prodigioso elixir contra a tristeza que jamais se compôs. A obra contém ao mesmo tempo uma doutrina e um remédio. Isto explica a sua fisionomia um pouco particular. Rabelais quer, é evidente, ser filósofo e moralista. Mostrar em *Gargantua* a loucura e a estupidez dos fautores de guerra e dos conquistadores, expor um sistema educativo da infância e da juventude, pintar uma estrada ideal para os espíritos superiores, enamorados de ciência e prazeres delicados; fazer em *Pantagruel* uma longa sátira das instituições, dos abusos, dos costumes, dos extravios do espírito humano passeando os seus heróis através do mundo, eis, sem dúvida, o que lhe interessa acima de tudo; e o aparato de ficção, a máscara burlesca, de que envolveu e encobriu a expressão do que pensava, era a prudência que os impunha. Contudo, não se trata duma simples medida para prevenir a intolerância.

A dizer a verdade, máscara e ficção explicam-se melhor ainda pela preocupação de fazer rir os leitores, sendo o riso a panaceia que convém. É como ele conhece bem os seus compatriotas, evoca as comezainas prodigiosas, de que se privara muitas vezes, glorifica o bom vinho, conta aventuras inauditas, farsas risíveis, histórias escabrosas, descaradas, se necessário escatológicas, faz jogos de palavras ao acaso como o povo faz e, sobretudo, exerce a sua troça vingadoura contra os tolos, os maus, os pedantes, os maus príncipes, os maus juízes, os maus mestres, os detentores de ciências vãs. E, levado na torrente duma língua que não é senão dele, por uma superabundância verbal fantástica, brincando com uma sintaxe duma maleabilidade admirável e com um vocabulário como nunca outro escritor possuiu, cria uma obra única que, dentro de certa licença, é menos perversa do que melancólica, e de resto se condói da sorte da Humanidade, que ama, sem lhe passar pela cabeça lamentá-lo. Mas o género desta obra não seria completamente definido sem chamar a atenção para outra preocupação, para o que Rabelais representava, mais do que as ideias profundas, a «substantífica moela».

Como a maioria dos eruditos da Renascença, Rabelais aspira a compor *uma suma* ou, se quisermos, uma enciclopédia. Sabe tudo o que é possível saber no seu tempo: latim, grego, um pouco de hebreu, as línguas estrangeiras modernas, compreendendo o arábe, o calão, a escolástica, a história antiga, a geografia, a mitologia, a arte de navegar, a história natural, as técnicas, os jogos, o direito — que sei eu! — e, bem entendido, a medicina. E embora ele não tenha escrito tudo o que sabia, é espantosa a soma de conhecimentos que patenteia.

Nada, de resto, menos pedante, menos doutrinal. Fala das montadas fictícias que cavalgava Gargantua em pequeno, e ficamos sabendo as raças de cavalos mais estimadas do século XVI. Trata-se de jogos? Enumera-os durante várias páginas. De livros? A lista não é menos longa e os títulos ridículos atacam os sofistas, que ele chama *sorbonnagres, sorbomicoles, sorboniformes, sorbonissants,* etc., etc. As passagens aparentemente mais insensatas estão às vezes cheias de ciência, como a descrição de anatomia de Carême-Prenant, que um médico moderno demonstrou que não é apenas caricatura no gosto de Callot e que as comparações com coisas são muito mais exactas do que parecem.

Ficção velando as ideias audaciosas de um espírito precursor do pensamento moderno, recolha de farsas voluntariamente acumuladas para propagar uma alegria salutar e, enfim, enciclopédia de conhecimentos humanos pode, parece, considerar-se assim a obra de Rabelais. As traduções podem dar uma ideia confusa, mas dificilmente darão a riqueza do estilo. De resto, o mesmo acontece aos franceses.

Jean Gallotti, «Ler», 1953

O que é uma obra-prima?

por Jorge Reis

NÃO sei se o *Morais*, ou qualquer outro dicionário de língua portuguesa, me pode contar a vida e morte desses «bichos que — no dizer de Aquilino — têm vida própria»: *as palavras* — e ignoro em absoluto os tratos de polé a que muitas foram submetidas no discurso do tempo para me surgirem — assim presumo — abastardadas ou, pelo menos, amolecidas. Por exemplo: OBRA-PRIMA.

O que e uma *obra-prima*? Salta-me aos olhos que é uma obra ímpar, a primeira entre todas... como a prima-dona é a principal cantora de uma companhia de ópera! Se assim é, posso concluir que um artista, por mais genial e prolífero que seja — Mozart, Beethoven, Leonardo, Miguel Ângelo, Balzac, Tolstoi, Shakespeare, que enriqueceram a humanidade a bem dizer só com *obras-primas* —, deve apenas prevalecer-se de uma única. Ora, todos nós sabemos que, hoje em dia — provavelmente porque o termo se estafou —, não há bicho-careta, no domínio das Artes e das Letras, que não produza obras-primas. Obras-primas em relação a quê? À sua própria obra ou à OBRA em geral? Por outro, ocorre-me que, há um bom par de anos, li, numa crítica, que a *Wozzech*, de Alban Berg, «era mais do que uma obra-prima: era uma obra extraordinária» (sic). Mas, então, uma obra fora do comum, uma obra não ordinária é «mais do que» uma obra-prima?

Dizer que só disponho do *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa* de Augusto Moreno, editado no Porto em 1954, que me diz tão-só que obra-prima significa primor de arte!... Recorro, pois, ao manda-chuva da língua francesa — o *Robert* — e encontro: *Chef d'oeuvre*: termo que surgiu no século XIII para designar a «obra capital e difícil que um artesão devia fazer para, na sua corporação, aceder ao grau de mestre». Actualmente: «A melhor obra de um autor» e, por extensão, «obra totalmente conseguida no seu género»...

Basta de erudição de pacotilha — que esgarçaria caretas simiólicas a certos semiólogos (mormente os da espécie que se nutre dos amendoins e bananas que os de Saussurre, Chomsky e outros Barthes lhes atiram às rebatinhas) se tivessem a ingenuidade de soslaiar os olhos a este palavreado — e falemos de coisas realmente sérias. Por exemplo: desse artesão francês — normando, isto é: *viking, par-dessus le marché*! — que veio ao mundo a 5 de Agosto de 1850, na vila de Fécamp (e não no palacete de Miromensnil, na comarca de Tourville, como tem constado até agora) e que «morreu para a literatura» no dia 1 de Janeiro de 1892 *, em Cannes, isto é: um ano, seis meses e cinco dias antes de a *syphilis à marche neutrope* ultimar — realmente — a obra de dissolução iniciada quinze anos antes: «Tenho *la grande vérole* — queixa-se ele numa carta com data de 2 de Março de 1877 — a mesma de que morreu Francisco I»... Há quem pretenda que o artesão — baptizado: Henry, René, Albert, Guy de Maupassant — foi o fruto bovariano dos amores de Flaubert e de Laure Le Poittevin, a esposa fiel do grande amigo e homónimo do criador de *Salambô (decididamente, na Normandia da época, o nome Gustave caíra no goto das boas famílias...), um estoira-vergas que abandonava a esposa aos bordados a ponto-de-cruz (na boca) para ir encanalhar-se em Paris... Rico exemplo para a vergôntea que, em dez anos (de 1880 a 1891), nos vai legar seis romances, trezentas novelas e contos e duzentas crónicas, ou seja — depois de passarmos a totalidade pela peneira de malha fina —, coisa de quinhentas... obras-primas! (Deus Padre, que tem a Eternidade ao seu dispor, não é capaz de nos dizer qual delas é, do ponto de vista etimológico, a verdadeira obra-prima. Que sejam, pois, os leitores a elegê-la!).*

Há a dizer que o «monstro» teve o melhor dos padrinhos: o grande, o hénaurme Flaubert, fanático doentio de *la belle ouvrage*, que o empurrou para a literatura e que lhe lia tudo: «Aos domingos, ao almoço, desenvolvia a sua crítica e encasquitava-me na cabeça dois ou três princípios:

— Quando um homem tem uma certa originalidade, deve começar por revelá-la e quando não a tem deve esforçar-se por adquiri-la. O talento, *mon petit*, é uma longa paciência. Trata-se de analisar tudo o que escrevemos, durante horas e com a maior atenção, a fim de descobrir se há um aspecto que tenha sido dito ou escrito por alguém... porque, em tudo, há sempre algo de inexplorado (...) de desconhecido. Compete-nos a nós, escritores, descobri-lo!

— Pois, sim, padrinho... E o cio, esta vontade danada de fornicar que me escandece o sangue?

É que, em Paris, apesar do magro vencimento de amanuense, o fauno – que digo?, o touro de cobrição – vive na rambóia de grande e... à normanda! E, ainda por cima, o frascário blasona, confessa ao mestre Venerando, ao autor de «A Educação Sentimental», que «um homem, quando é autenticamente novo, tem manhãs triunfantes»!

– Seu jovem lúbrico – volve-lhe de lá Flaubert, meio apopléctico –, modere-me o «zé-gregório» e deixa-se de andar com esse bando de pegas a remar no Sena! E se, como tem o desplante de me dizer, tem assim tanta tesura, empregue-a na escrita! Um homem não é apenas um Priapo!...

– Tenho tempo – tartamudeia o garanhão... – Vistas bem as coisas, ando a armazenar material para vir a ser, sabe quem, padrinho? *O Balzac des femmes du monde* – ou seja: o analista das damas da alta.

Da alta e da baixa... e do centro... e dos lupanares! Porque as conheceu a todas – tanto de palestra nos salões como no sentido semiótico que dão ao verbo as *Santíssimas Escrituras* – com a maior atenção e paciência – para se suicidar, se afogar, se diluir, como se as mulheres fossem as águas do Sena (imortalizadas pelos seus amigos impressionistas) que banham Paris, Ruão e Honfleur... a sua *Normandie, quoi!* Porque o novilho o *bel-ami de ces dames* – nasceu suicidário (duas ou três vezes esteve prestes a prová-lo alto e bom som), um suicidiário de génio, que, sem deixar de ser o escritor realista, que descreve sem complacência os homens, as mulheres e as relações sociais – tão bem ou ainda com uma penetração mais fina do que o seu amigo Zola, chefe de fila da sua escola –, vai, por exemplo, inventar o conto fantástico trancês com *le horla*, e que, escrito, em 1886, relata o dia-a-dia de um homem que vive a perda do seu eu, à laia das cobras que se despojam da pele, e se instala contrafeito (?) na dualidade, na própria alienação no sentido estrito do termo: um duplo, um outro ele, existe fora dele, sem ser ele – e invade-o, suprime-o. Trata-se de um ser invisível e presente que se interpõe entre ele e o espelho para anular o reflexo da sua própria imagem. Luta demoníaca ou demencial? Quem o poderá dizer?... Tudo o que o autor do *Diário ou Carta Testamentária* pressente é que, para recuperar a plenitude da sua consciência, deve aniquilar essoutro, pô-lo fora de si: *hors de lá* – horlá... Mas, então, isso significa... Que seja o leitor a encontrar o remate da implacável aventura de uma consciência que reflecte o mundo e, ao mesmo tempo, a lúcida odisseia de um escritor genial.

«O Vagabundo» (publicado igualmente em 1887) é também a história de uma alienação, mas, desta vez, no sentido utilizado por Marx. Em «Horlá», trata-se de um naufrágio intelectual de um rico; aqui, assistimos ao naufrágio social de um pobre.

Em todas as suas obras, Maupassant revela uma sensibilidade exacerbada que o compele a refugiar-se — ele, o estroina, o aristocrata decadente — na roda dos seres mais fracos: animais, crianças, prostitutas. No entanto, detesta a piedade, essa inimiga do realismo, como lhe dissera o «padrinho», e a crise económica que a França atravessa permite-lhe ver com nitidez que o homem é um lobo para o homem — seja ele o patrão que recusa dar trabalho a um desempregado, seja o desempregado, reduzido a vagabundo, a maltês, que rumina a melhor maneira de se vingar... E Guy de Maupassant, que aprendeu que «o universo é uma grandessíssima farsa e que há que tratá-lo como merece», envolve com um tudo-nada de sátira e de ironia o calcorrear do infeliz carpinteiro pelas estradas de França e Aragança a mendigar trabalho...

Com Zola amparado à carreta e incapaz de estancar as lágrimas, Maupassant foi levado pelos amigos a enterrar, no cemitério parisiense de Montparnasse, a 8 de Junho de 1893. Flaubert precedera-o treze anos: «À minha volta», recordou-se, um dia, o afilhado, «gerou-se uma solidão enorme...» Foi para a preencher que o *bel-ami c'est moi* nos deixou tantas e tantas (!!!) obras-primas?...

* Data da sua última tentativa de suicídio.

Nota de Apresentação de Jorge Reis às novelas **O Horlá** *e* **O Vagabundo,** *de Guy de Maupassant, em recente edição da Difel. O livro tem como título o da primeira daquelas novelas. Tradução: Jorge Reis. O título dado à Nota de Apresentação é da responsabilidade do Ler/Escrever.*

A Cura difícil

DESDE que me deram permissão para sair, costumo passar as horas de Sol no jardim das ervilhas-de-cheiro, junto à fonte. Juliette fica sentada ao meu lado, comportando-se como sempre o tem vindo a fazer, desde que adoeci. Por vezes acontece-me ouvir, com surpresa, o som longínquo do que dizemos. Mas ouço ou olho sem sentir numa coisa ou outra grande prazer. Não me consigo entregar a estas palavras ou esta paisagem, já esgotadas mesmo antes de eu as descobrir. Estou aqui ou ali, ao mesmo tempo.

De início, só encontrava apoio nessa espécie de clarividência em que julgava distinguir uma promessa de cura, certa segurança em relação a mim mesmo. Bastaram, no entanto, poucos dias, para dissipar por completo este sentimento — e de tal maneira que quase me convenço que as palavras que costumava repetir no momento mais crítico da minha doença, hoje, poderiam ainda voltar a ser, para mim, de uma grande ajuda. Solicito-as, mas dir-se-ia que elas permanecem surdas ao meu apelo. Talvez seja este cenário mais agitado e vivo, ou esta luz um pouco mais dura... No entanto, todos os dias constato a evidência de que o meu corpo me precede numa via que o pensamento ainda se recusa a seguir. Os movimentos das minhas mãos e os das minhas pernas recuperam um à-vontade inusitado e a que é difícil permanecer indiferente...

Não sei o que me pode levar a pronunciar o nome de Simone. Juliette encontrava-se debruçada sobre o bordado que ultimamente nunca põe de lado, convencida, talvez, de que só ele a poderá libertar de outras preocupações, mais difíceis de esquecer. Se bem que ela não tivesse levantado a cabeça, tive de imediato a impressão de que aquele nome se desprendera mais de um hábito dos meus lábios do que tinha a ver com o meu pensamento. E que, sendo assim... Foi, no entanto, nesse momento que reencontrei de novo, com toda a sua força, as frases de que me tinha servido durante a minha doença. Não que as conseguisse situar, como então sucedia, na paisagem que tinha à minha frente; tratava-se mais de uma verdadeira surpresa interior... E foi assim que me lembrei, novamente, de que era forte, belo, jovem e inteligente e que, de súbito, inventei essa frase que instantamente se imprimiu no meu espírito: *sossego-me*.

Pouco depois, senti a necessidade de sopesar esses traços do meu carácter, a que tão bem me habituara — o gosto pela clareza e pelo perecível, que me constituem, e a partir dos quais, com uma maior desconfiança, e antevendo sempre qualquer ilusão, deixo já de amar. Falava apenas de mim para mim. Hoje começo a compreender que isso não se podia passar impunemente e que eu era a primeira vítima da minha artimanha. Sim, não tinha sido difícil, para mim, enganar-me acerca do verdadeiro sentido e do valor da minha cura. Era nessa habilidade que residia a única razão da presença de Juliette, hoje, juntos de mim — ou de em mim existirem dois pensamentos que se contradizem.

O facto de ter abandonado Simone, logo nos primeiros dias da minha doença, reconheço-o agora, constituía o sinal de uma negligência interior de que, até ao momento, não me tinha querido aperceber e em que, talvez, gostaria mesmo de continuar a viver.:. Não tinha compreendido que a importância de Simone, para mim, estava ligada ao verdadeiro perigo em que ela me obrigava a viver; que o amor que me ligava a ela — não o podia, agora, ocultar por mais tempo — possuía essa necessidade essencial que, durante a minha convalescença, acabara por descobrir nos batimentos regulares do coração ou nos mecanismos do meu físico. Graças a esse amor cheio de perigos, percebia agora como aquela lucidez estática, a que tanto me tinha aplicado, nunca me poderia vir a satisfazer e que ela trazia consigo — tenho enfim de o confessar — todos os sinais da morte.

Não posso, contudo, falar destas coisas — já que elas não têm só a ver comigo. Posso apenas adivinhar, como se tateasse entre sombras, esse defeito interior e a propriedade que ele detém de despojar tudo o que me envolve da sua novidade e frescura.

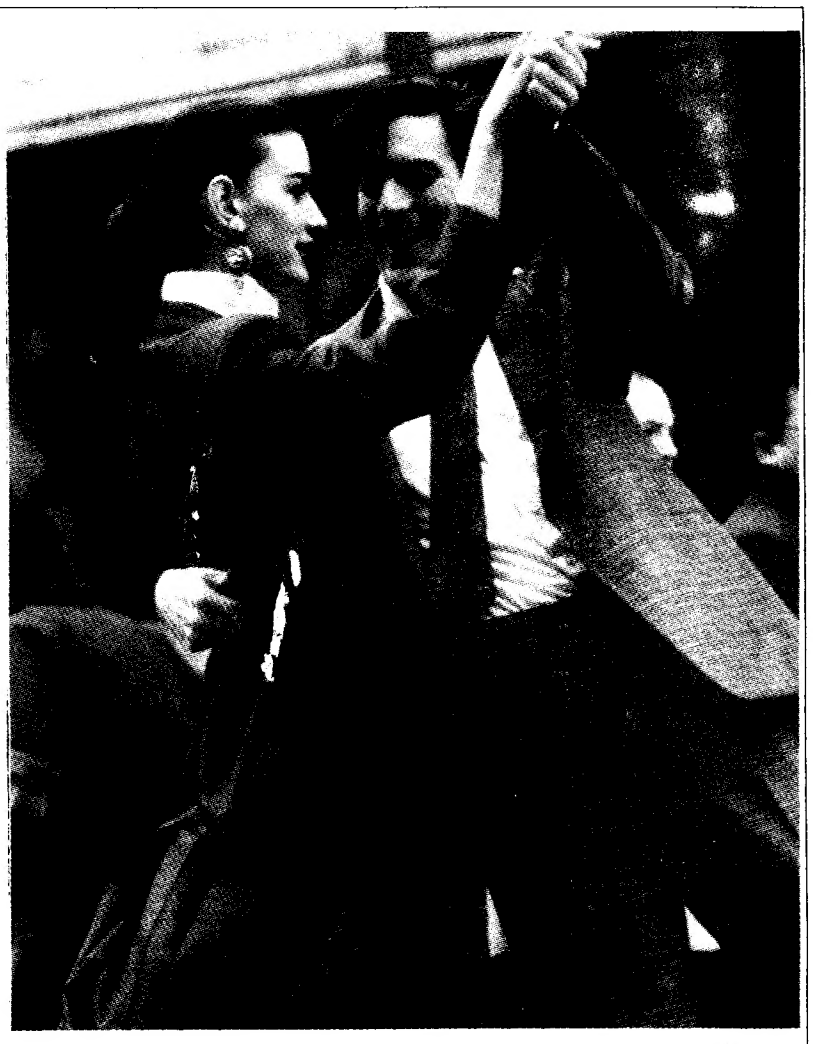
Assim, aquilo que eu considerava ser a minha cura, não era mais do que o anuimento que eu dera à minha fraqueza. Sinto-me fraco, mas ao mesmo tempo percorre-me a alegria de, doravante, jánão possuir a liberdade de não me criticar a mim mesmo. Até a impressão que me vem da minha fraqueza é nova: a de uma fraqueza a combater, de tal modo hoje sinto em mim, graças à revelação desse defeito, uma autoridade inesperada...

Essa mesma autoridade que eu, em Simone, tanto invejava... Simone, que não pressentia em mim este segredo, afinal tão pobre, mas que hoje faz com que descubra meios menos precários de me opor à facilidade com que sempre acedemos a nos perder.

Paul Nougé

Nota

«La guérision sévère», texto datado de 10 de Junho de 1925, e dedicado a Jean Paulhan, pode-se hoje ler em **Histoire de ne pas rire** (Cistre. Collection Lettres Différentes, Editions, Age d'homme, Lausanne, (1980). **Paul Nougé** (1895/1967), um dos nomes mais importantes (com Marcel Lecomte) do surrealismo belga, desenvolveu durante toda a vida, duas actividades paralelas: a de poeta e a de bioquímico, em Bruxelas. Dele disseram, respectivamente, Jean Paulhan: «Duvido que Paul Nougé alguma vez tenha abusado da autoridade que lhe vem do grande rigor do seu espírito — ou do rigor que lhe vem da atenção, um pouco mais constante do que é hábito nos outros, ao inacessível. Sê prudente, recomendava Lie-Tzu, como se a nossa cabeça pudesse explodir a qualquer momento. Em Paul Nougé gosto que ele seja ao mesmo tempo tão excessivo e tão comedido»; e Francis Ponge: «Que mais poderei dizer de Paul Nougé? Senão que (mas, é claro, trata-se sempre do mesmo) não se poderia caracterizar melhor a sua inteligência do que por meio das propriedades e virtudes do quartzo lídio — isto é, como uma espécie de pedra basáltica, negra e muito dura, de que todo o ouro pobre teme o toque. Como se vê, totalmente insusbstituível» (Nota de 1956, incluída em Lyres). Se Histoire de ne pas rire inclui sobretudo intervenções e textos de diversa ordem de Paul Nougé, L'Expérience continue (no mesmo editor) recolhe a sua obra poética.



Poemas instantâneos

New York Doll (ou de como eu fui várias vezes tomado por uma pega*)

SOMETIMES it's just like an empty ball (balls?)
and nobody resists ao destino de um qualquer sacrifício
(Basta que lhe apontem o destino — ou o sacrifício...
Tiques, tiques — era ao que o velho Ducasse reduzia a literatura).
Mas não é nada que valha realmente a pena:
não só o que não se espera —
por exemplo, o que ante nós se prepara
e se apresenta como um problema —
mas também o que nos choca
e nos leva a antever
o escusado sacrifício de uma recusa.
Tenho visto, por aí, vultos caídos na rua,
mas sei que levantá-los
seria acrescentar uma galáxia
a um mundo que já não comporta bem com o seu próprio futuro.
Qual problema? **No future**.
As coisas, reconheço-as pelo toque.
As pessoas pelas jóias, falsas, que usam.
Nada disto se trata de um just one more empty talk,
mas de encher a carteira com cartões
que de facto valham a pena
e nos garantam o seguro.
Não, desta vez não vos vou repetir que estamos todos mortos
(já o sabem, para quê redizê-lo?!), mas sim que estamos vivos
e que esse, de facto, é que é o problema.
Conheci pelo menos uma rapariga que, para viver, fazia olhos mortos.
Outra vez, um rapaz, que deixava descansar os olhos
quando se aproximava demasiado perigosamente de um poema.
Ambos estavam certos. Vivos ou mortos.
Mas não é disso que se trata, nunca, em poesia.
Let's, antes, take a walk under the boardwalk.
Não necessariamente no wild side,
naquele onde começa a vida,
mas naquele onde morre, fantasiosamente, o poema.
Observação necrófila (dirão alguns)?
Amigos, não são aqueles que nos reserva o destino,
mas aqueles com quem se atravessa, auspiciosamente, uma rua.

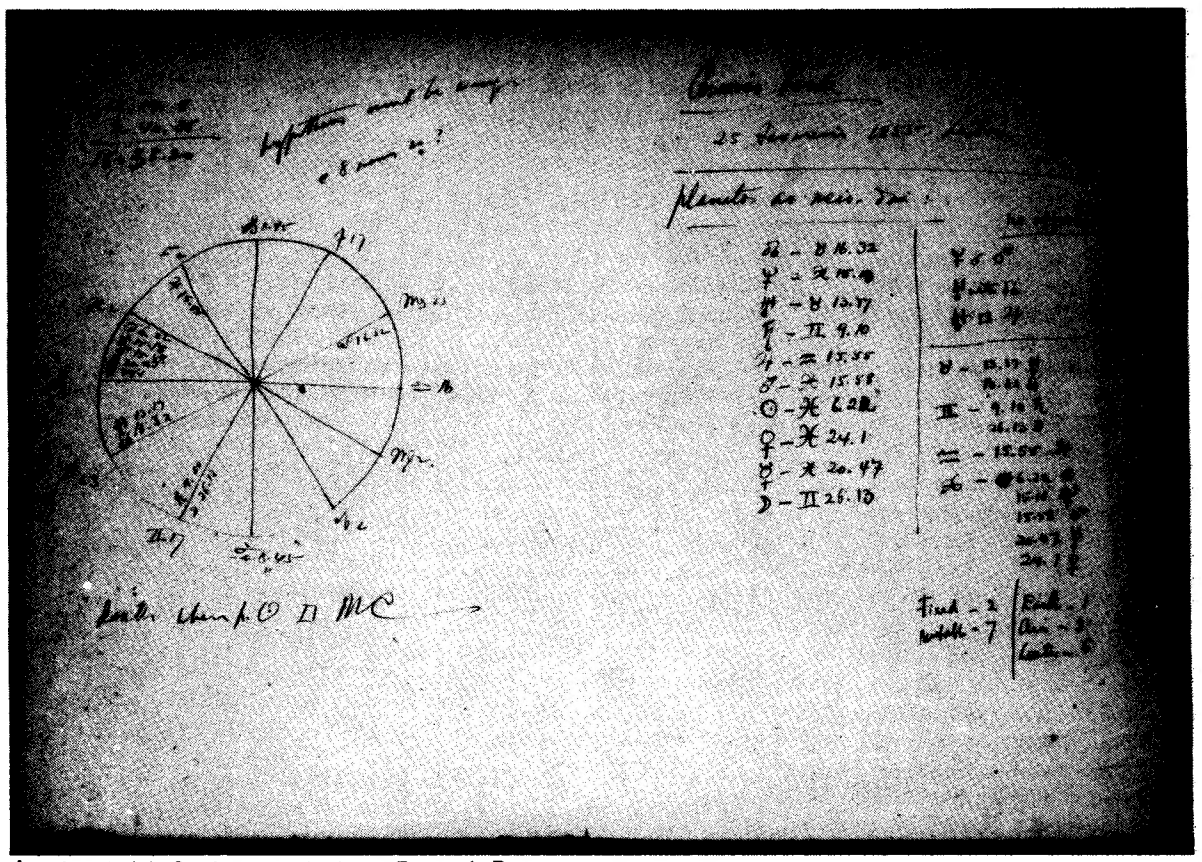
Fernando Guerreiro

Nota

* **Banda sonora: Darklands** (tema) dos Jesus and the Mary Chain. Lá ao fundo está o Lou Reed, como um zumbido (mais uma palavra híbrida, que vem de **zombie** e de **ruído**. Boa piada para os que conhecem a **Metal Machine** música). A epígrafe vem no fim, para não cair no início: «you had your day/so get ready for the night». Disse-o o Ray Davies (outra piada, cruzada, para aqueles que conhecem a música-tema do álbum **Misfits**).

Eu-tu-ele-nós-vós-eles

Esta semana lançado pela Dom Quixote, «Fernando Pessoa na Intimidade» resulta de uma extensa entrevista feita por Isabel Murteira França, sobrinha-neta de Pessoa, a sua avó Henriqueta Madalena, irmã do poeta dos heterónimos. O livro põe em evidência, como diz Alçada Baptista no prefácio, «a singularidade da visão daqueles que privaram com o poeta». Aqui fica, a título de exemplo, um pequeno excerto do texto.



A carta astral de Cesário desenhada por Fernando Pessoa

1915 foi um ano vital na vida do tio Fernando. Foi um dos apogeus da sua criação literária. Com o *Orpheu* e o modernismo nascem também na sua mente os seus três heterónimos nucleares, gerando uma enorme controvérsia que ainda hoje perdura. Sá-Carneiro suicida-se em Paris um ano depois, desgosto profundo que o leva a escrever anos mais tarde. «Este homem morreu porque os Deuses o amaram muito.»

O Mestre Caeiro morre também em 1915, Ricardo Reis e Álvaro de Campos ainda terão um longo caminho a percorrer.

— A sua pluralidade foi realmente, parece-nos, o ponto fulcral da sua personalidade e consequentemente da sua obra, a avó não acha?

— *Em apontamentos que venho escrevendo ao longo destes anos, escrevi algures o que me parece ser a frase-chave para toda a obra do Fernando, a explicação de todas as contradições, a solução de tantos enigmas: «Sentir tudo de todas as maneiras» e «Sê plural como o universo»...*

— Sim, esse universo que o distinguia da maioria. A sua constelação heteronímica, coexistindo com a sua ortonímia (Pessoa ele mesmo). Às vezes quando leio a obra dele comparo-o a um rio com um caudal tão volumoso que abriu afluentes por todo o lado. Ele não podia viver só e desmultiplicou-se, não cabiam em si tantos dramas, era difícil assumir tantas contradições...

— *É isso, ele mesmo escreveu, como sabes: «Ser tudo, de todas as maneiras porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa!»*

— A avó conhece o Robert Bréchon?

— *Sim, conheço-o, já esteve lá em casa, é um grande entusiasta e especialista da obra do Fernando.*

— Devo confessar que não tinha lido nada dele e no outro dia ao folhear o catálogo do Centre Pompidou, oferecido pelo José Blanco, comecei a ler o artigo do Bréchon «L'épopée et le damme d'une conscience». Depois de citar os heterónimos ele termina o parágrafo e diz: «Il n'y a pourtant pas de doute: C'est bein cet homme obscur qui a été à lui seul toute une *pléiade*». E continua: «La conscience de soi en excès est cet obstacle qui crée l'absence. «Plus je vois clair en moi, plus obscur est ce qui je vois» dit le Faust de Pessoa... e mais adiante: «Mais le poète elégiaque, Pessoa 'lui-même', ne peut pas renoncer aux jeux ambigus de la conscience dédoublée, qui fondent sa maigre certitude d'exister...

«Il y a bien eu dans le premier tiers de ce siècle un homme appelé Fernando Pessoa, situé, determiné, pourvu d'un tempérament, ayant unne personnalité, une idéologie, un métier, une biographie. Il a écrit sous son nom, en vers et en prose, une quinzaine d'ouvrages qui suffiraient à sa gloire. Mais il ne s'est pas borné à être ce qu'il était réellement, il est devenu aussi ce qui'il était potentiellement. Il a su échapper à cet étalage qu'es, pour tout homme, l'obligation du choix. Il avait des convictions, il a eu aussi les convictions opposées. Les hétéronymes sont des postures de la conscience structurées en personnalités évidement fictives, mais cohérentes. Pessoa y a projeté des attitudes, des idées, des visions du monde qu'il n'était pas capable d'assumer ni même peut-être de concevoir clairement en tant que Fernando Pessoa parce qu'eles ne lui étaint pas consubstantielles, mais qui exprimaient la vérité profonde de son désir.»

— A avó o que pensa, não acha que o Bréchon sintetiza bem nestas palavras o pluralismo do tio Fernando?

— *Não há dúvida que ele escreve bem e eu estou bastante de acordo com isso. Parece-me que há sempre uma visão diferente do problema...*

— Penso que às vezes importa mais entender a sua obra como um todo proveniente de uma unidade, a dele, Fernando Pessoa, do que procurar explicar toda a sua obra como consequência da sua vida familiar, do seu contexto social e histórico. Cada génio nasce trazendo em si potencialidade suficiente para criar e produzir obras de valor; os condicionalismos familiares, sociais e até mesmo económicos, embora tenham um peso, não são condições únicas, nem são, tão-pouco, a essência dessa genialidade que é um pouco independente de tudo o resto.

Voltemos ao seu pluralismo quase cósmico; se bem que tenha explicitado quase tudo em cartas que escreveu aos amigos, ou em notas soltas e textos que escreveu, a sua obra é em certa medida impressionante e clara a este respeito. Ao relermos as *Ficções de Interlúdio* apreendemos essa angústia existencialista na *Passagem das Horas* de Álvaro de Campos:

«Vi todas as coisas e maravilhei-me de tudo
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco — não sei qual — e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse...

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo...

Multipliquei-me para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me
E há em cada canto da minha alma um altar a um Deus diferente...»

Estas ficções onde estão incluídas as poesias dos seus três heterónimos são, sem dúvida, a obra-chave de todo o seu pluralismo. E apesar de ter escrito: o mau dramaturgo é o que se revela, não

podemos deixar de encontrar muitos detalhes autobiográficos, nesta vasta compilação de poemas atribuídos aos três principais interlocutores do seu drama em gente.

Em 1914, ele escrevia a *Ode Triunfal* com a máscara de Álvaro de Campos, o engenheiro naval, nascido em Tavira em 15 de Outubro de 1890. Especializado em Glasgow, viveu sempre em Lisboa mas não exerceu a sua profissão. Era alto, magro e tendente a curva-se. Entre branco e moreno, tinha cabelo liso e usava monóculo.

Nos princípios de 1914 viajara pelo Oriente, o que o levou mais tarde a escrever o poema *Opiário*. Requintado, neurótico e snobe, encarnou o vanguardismo literário português. Aprendera o latim com um tio beirão que era padre.

Desta Ode publicada no *Orpheu 1* em 1915 dizia o seu amigo Sá-Carneiro: «Não tenho dúvida em assegurá-lo, meu amigo, você acaba de escrever a obra-prima do futurismo (...) Depois de escrita a sua Ode, meu querido Fernando Pessoa, eu creio que nada mais de novo se pode escrever para cantar a nossa época.»

E a Ode termina, e mais uma vez o dramaturgo olha para dentro de si e retrata-se. «Ah, não ser eu toda a gente e toda a parte!»

— Não será que ele utilizou todas estas máscaras e outros eus como defesa contra a sua própria solidão?

— *Talvez sim, mas penso que ele, intimamente falando, é claro, deve ter mesmo sentido tudo, todas as inquietações e emoções, ele era na verdade um desinquietador de almas...*

— Não acha que é precisamente neste aspecto que reside o lado humanista do tio Fernando?

— *Sim, e além de tudo o assumir-se, a sua dignidade, a sua independência, o Fernando assumia tudo o que fazia e, embora nunca fosse violento, autoritário ou mesmo conflituoso, no seu íntimo deve ter vivido imensos conflitos e enormes contradições, mas acabava sempre por fazer o que queria; sempre foi assim desde miúdo, o teimoso-manso, como lhe chamava o meu pai.*

Cada pessoa é inédita porque é um caso, mas, se se pode falar de ineditismo em Fernando Pessoa, isso deve-se talvez á conjugação de uma obra ímpar na literatura, do ponto de vista formal e de conteúdo, mas acima de tudo à sua forma de estar no mundo.

Se fosse outro, talvez tivesse publicado mais, talvez tivesse mandado queimar a sua obra como outros o fizeram, talvez tivesse casado e tido filhos e fosse tributável e fútil na quotidianidade. Mas não, ele sempre se manteve fiel à sua causa, à sua missão, à sua sinceridade, e nisso não abdicou, não fez a vontade a ninguém, foi sozinho. Os únicos que lhe pegaram no braço foram os seus heterónimos, através dos quais ele viajou e se reflectiu, e o eco voltava sempre a ele para depois retomar a caneta ou a tecla e tornar a escrever a obra da sua vida ou a vida na sua obra.

— Poderá dizer-se que ele tinha uma personalidade fortíssima?...

— *No seu caso, podemos dizer que tinha uma personalidade muito vincada. O Fernando, como sabes, escreveu o que quis sem rodeios, trabalhou com quem lhe apeteceu, ganhou o dinheiro que lhe bastava, embora como se sabe muitas vezes andasse aflito com falta de dinheiro, chegando a pedir emprestado ou a meter vales à caixa nas firmas onde trabalhou, mas isso nem era muito importante para ele, não era nada influenciável, sempre foi senhor de si, isto sem falar nas influências literárias que outros intelectuais e poetas exerceram sobre ele. Nesse campo, como afirmava, tudo influenciava. O que sei é que ele era um mundo, um mundo inquietante, sempre em busca de uma verdade, mas cheio de força interior. Sim, ele era um mundo de certa maneira misterioso...*

— Esta verdade era para ele sempre inacessível, por vezes refere-se à verdade, à verdade final «as pálpebras descidas» e é na morte que ele pensa, a morte que ele sempre temeu e quis afastar do seu espírito: «Ó verdade esquece-te de mim» escrevia em 1928.

E quanto ao mistério, o mistério do ser e do não ser, o mistério de tudo, está bem patente no seu primeiro *Fausto:*

I

QUERO FUGIR ao mistério
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte
Ó Dor, aonde me irei?

II

O mistério de tudo
Aproxima-se tanto do meu ser
Chega aos olhos meus d'alma tão de perto,
Que me dissolvo em trevas e universo...
Em trevas me apavoro escuramente
.....

XXII

..... Ah, que diversidade,
E tudo sendo. O mistério do mundo,
o íntimo, horroroso, desolado,
verdadeiro mistério da existência,
Consiste em haver esse mistério.
.....

E se por um lado era um homem um tanto misterioso e enigmático, por outro o mistério da vida e da existência foi uma tónica constante do seu discurso poético: o mistério do mundo, o horror de conhecer, a falência do prazer e do amor e o temor da morte, sempre o horror da morte, isto tudo, ele viveu intensamente.

Isabel Murteira França
Fernando Pessoa na Intimidade
Dom Quixote

A NOSSA RUA CAMINHO

Diz quem sabe e muito viu que, à primeira vista, todas as ruas são parecidas.

Com pequenas diferenças, aqui e acolá, todas têm casas, lojas e janelas, e gente a passar.

Mas numa coisa, A NOSSA RUA é diferente das outras, e, por isso mesmo, especial. Embora pequena e metida, sem querer, num bairro pacato, A NOSSA RUA é uma porta aberta a todos os amigos que lá queiram entrar.

Vem ver como é para saberes contar!

1

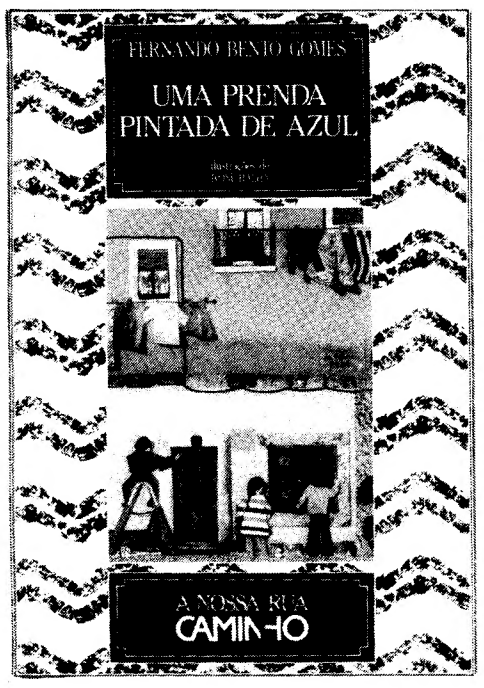
FERNANDO BENTO GOMES

♦

UMA PRENDA PINTADA DE AZUL

♦

ilustrações de
IVONE RALHA



Para Marta, Zé Paulo e André, sábado é o melhor dia da semana. Tem sempre um cheirinho a dia de férias e, se o tempo está bom, convida ao passeio.

Às três horas da tarde de um sábado quase primaveril, os nosso amigos abalam, rua fora, para nova expedição.

Na Grande Avenida encontram um Maestro muito atarefado que lhes pede ajuda. No Doca de Recreio ouvem as histórias do velho Pescador. Depois dão um pulo a um café de bairro e para acabar a festa apanham um susto de todo o tamanho na Feira Adormecida.

96 pp / 350$00 / cód.: 03.29.01

2

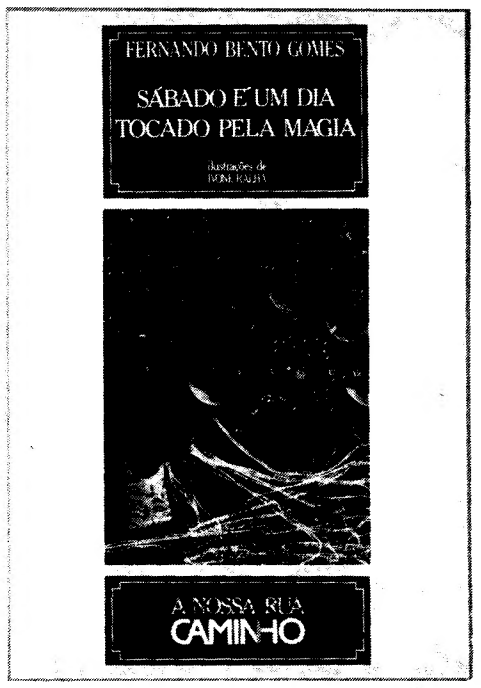
FERNANDO BENTO GOMES

♦

SÁBADO É UM DIA TOCADO PELA MAGIA

♦

ilustrações de
IVONE RALHA

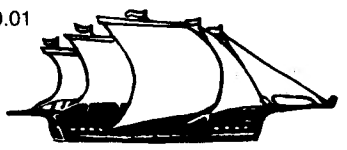


Numa tarde de Inverno, ao escurecer, Marta, Zé Paulo e André combinam um encontro no Largo da Ribeira Velha. Mal se apanham juntos, decidem visitar uma boa amiga, a velha senhora da Loja dos Relógios.

Seria uma visita igual a tantas outras, se não tivessem passado para o interior do balcão.

A partir daí, o cenário altera-se, o sonho e a aventura vão ganhando forma, a marcha do tempo parece parar. Ao bater das sete, regressam ao Largo com um suspiro de alívio.

102 pp / 350$00 / cód.: 03.29.02



Uma nova colecção para jovens

CAMINHO

Acabados de chegar

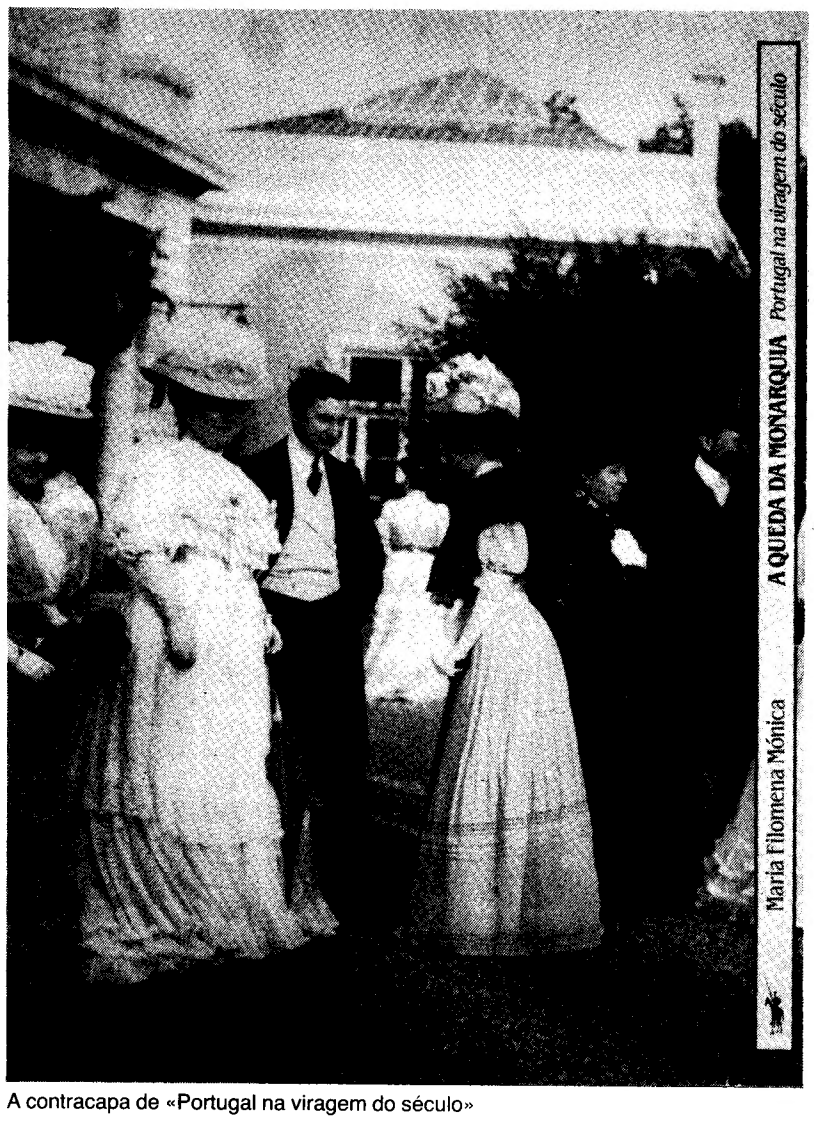
■ **A queda da monarquia em Portugal, Portugal na viragem do século, Maria Filomena Mónica, Publicações Dom Quixote**

Pegue-se em fotografias e faça-se um álbum. Parece fácil. Não é. Sobretudo se esse álbum quer ser o retrato de um país há quase um século, quer dizer, um retrato do desconhecido. A iconografia de 1900, sobretudo se quer reapresentar a garage Parisiense e os barcos rabelos, o cliché de «uma família pobre e numerosa» e as festas e vida social da nobreza e da burguesia, o dia-a-dia de D. Manuel e o retrato de polícia do cadáver de um dos regicidas, se quer mostrar «tudo», é de acesso difícil e contunde.

Filomena Mónica revirou arquivos e colecções particulares para nos devolver essas imagens de um país perdido no tempo, de um alhures que se visita cautelosamente e com espanto.

Portugal não é um ás em matéria de convívio com o seu próprio património. A nossa memória é simplificada, reduzida a uma dúzia de ocasiões litúrgicas, excessivamente mitológica. Não conhece o registo do banal, despreza-o como se ele não fosse o alimento principal dos nossos tempos. Passamos ao lado dos edifícios sobrantes de épocas mortas como quem suporta mal a presença de intrusos que já não espelham nada — e muito menos nós próprios. Que fazer então destas fotografias senão olhá-las longamente, como quem lhes faz silenciosas perguntas, como quem deseja uma ponte sobre o fosso que separa a nossa realidade da realidade que elas mostram?

«Sou eu», dizemos facilmente de uma fotografia que nos representa. Aqui, diante do álbum de Filomena Mónica, dizemos fatalmente «são eles», é outrem, são desconhecidos, vêm doutro país. E no entanto são como os nossos trisavós, são personagens de dramas em que corria sangue muito próximo do nosso Aquele rosto do homem que suporta aos ombros o peso de outro, no arranque da cortiça, ou aquela rapariga que transporta água numa aldeia do Norte, ou ainda o olhar daquele outro velho comendo o seu caldo, assombram-nos pela sua extrema familiaridade, como se continuássemos a cruzá-los dia-a-dia. É assim o passado de que vimos: outro, e o mesmo: nós, com menos ou mais laços.



A contracapa de «Portugal na viragem do século»

■ **Enredos, Rui Nunes, ed. Rolim**

Rui Nunes fez falar de si com a saída, em 1968, de «As Margens». Este «Enredos», que desde o título sugere o fascínio pela narrativa intrigada e fluida, como se de nuvens que passam se tratasse, com suas alusões figurativas desfazendo-se e refazendo-se, ou como renda, é um tríptico que confirma um autor: de «laços familiares», «laços mundanos» e «laços patrióticos» se trata nele, como num jogo de espelhos que ficcionasse três registos do mundo. Curioso o lugar da *mundanidade* entre família e pátria, como a sugerir uma deriva cosmopolita entre cenários, memórias e feridas rurais. Esta prosa é um delírio manso, o acto de quem se senta para pôr *determinada* ordem — a ordem da ficção — em papéis soltos. É também um exercício impressionista (como se diria de pintura) sobre as memórias caóticas que esses papéis soltos contiveram. A ordem narrativa de Rui Nunes chama por imagens como a de um pintor cujo modelo fosse o passado: é eidética e sugere um pensamento por via do olhar. Mais genericamente, a prosa de Rui Nunes não é solitária e tem familiares — o seu movimento é o dos introspectivos contemporâneos por quem passou a dinâmica de uma escrita a que a *acção* não faz falta.

■ **Um olhar para trás, Lou Andreas Salomé, Relógio d'Água**

Lou Andreas Salomé é, antes de mais, a mulher belíssima que atravessou a vida de Rilke, Freud e Nietzsche, como abundantemente revelam as correspondências que com ela trocaram. Este «olhar para trás» é um registo autobiográfico que a afirma, porém, como caminho e pensamento autónomos. Lou escreveu-o perto dos setenta anos, como quem quer deixar gravadas sequências emocionais, envolvimentos afectivos e intelectuais que para ela foram decisivos e que marcaram uma época. E os testemunhos dos homens de quem esteve perto são inequívocos quanto à sua influência junto deles: Nietzsche, que ela rejeitou como marido, reconheceu que só depois dela se tinha sentido maduro para o seu *Zaratustra*. Rilke vê nela o próprio fluxo vital: «Nunca antes, na minha tacteante hesitação, tinha sentido tão fortemente a vida, acreditado no presente e reconhecido o futuro.» Freud, por seu turno, gaba o seu pensamento superior: «Ataco uma melodia geralmente muito simples — tu retoma-la uma oitava acima; separo uma coisa da outra e tu reúnes o que foi separado numa unidade superior.»

■ **Cavaleiro Andante, Almeida Faria, Caminho, O Campo da Palavra**

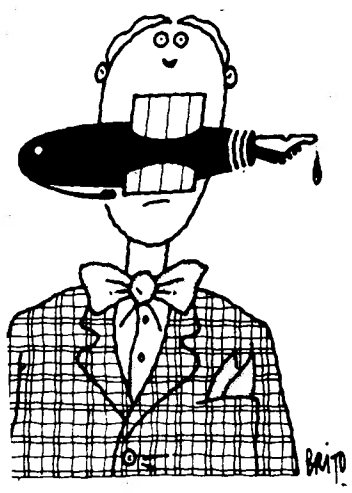
Terceira edição do momento final da trilogia iniciada com *A Paixão* e *Lusitânia*. Num prefácio inédito, diz Eduardo Lourenço sobre o *Cavaleiro Andante:* (Ele)»...não caminha impávido como o de Dürer, entre o Diabo e a Morte. Foge sem fim para esquecer a ferida em que se converteu, foge da Europa e sua ilusão cultural, foge de Lisboa que o enjeita, passa rápido pelo Brasil onde nem o conforto de uma inconsciência regeneradora o liberta dos seus terrores, para acabar em África, sua pessoal Samarcanda onde a morte o estava esperando». É, sem dúvida, um dos mais belos textos de Almeida Faria e dos mais ricos da literatura portuguesa contemporânea.

■ **Ferreiros e alquimistas, Mircea Eliade, Relógio d'Água**

Haverá poucos pensadores contemporâneos do mito, da religião e dos sistemas de crenças com uma obra tão prolixa, como Eliade. «Ferreiros e alquimistas» é um momento de intenso biologismo do seu itinerário de pensador heteróclito e erudito: é uma reflexão sobre a *mineralidade* na sua raiz de condição «viva», e sobre as duas grandes atitudes que o homem assumiu face a ela: a de explorador industrialista (a do ferreiro) e a do criador de mundos (a do alquimista), pólos entre os quais parece oscilar, ao longo da história, o posicionamento do homem perante a natureza. Muito longe de Levi-Strauss, que no fim da vida propôs a mineralidade como registo da morte ou sua metáfora, falando dela como termo ou resolução do jogo estrutural do sentido, Eliade pensa a matéria como um místico mesmo quando Deus está ausente ou se cala.

■ **«Os Mestres e as Criaturas Novas», Jim Morrison, Ed. Assírio & Alvim**

Depois de «Uma oração americana», que já vai na quarta edição, e de «Daqui ninguém sai vivo»(biografia do poeta–cantor), a colecção «Rei Lagarto» da Assírio & Alvim, dedicada a grandes senhores da música, entrou no seu 14º título com os livros de poemas «Os mestres» e «As criaturas novas» de Jim Morrison, datados de 1969, dois anos antes da sua morte em Paris. O lançamento aconteceu na noite, anteontem, nos bares Tóquio e Shangri-Lá, próximo do Tejo. Gente nova, alguns «Alexes», a música dos «Doors» e os poemas de Jim. Alguns infinitamente breves. Como este :«O espectador é um animal agonizante». Ou então: «Teme os secretos Mestres que coabitam connosco/Os Mestres estão entre nós/Feitos cobardia & preguiça».



Pátria

DE repente, já o comboio estava mais perto de Sintra do que de Lisboa, um longo suspiro numa explosão de poucas palavras:

— Ai quem me dera em minha casa!

Era uma mulher cabo-verdiana, sentada entre dois filhos, três grandes embrulhos aos pés, o papel amolecido pela chuva. Soltara aquela exclamação como quem desabafa contra tudo, alheada dos outros passageiros, os olhos abertos não fitando ninguém.

Um dos garotos disse, aludindo certamente à próxima paragem do comboio:

— É já agora, mãe. 'Tamos a chegar.

Ela ajeitou melhor os embrulhos, resmungou aos filhos para se levantarem, sacudiu a chuva com que no Rossio entrara no comboio:

— Vamos, meninos, vamos...

Ao descer para o cais de Barcarena (um embrulho na cabeça, os outros dois nas mãos), a chuva a cair, as pessoas atropelando-se, ela suspirou de novo:

— Ai quem me dera em minha casa!

— Mas já chegámos mãe. É só dar ali a volta... — disseram os filhos a um tempo, o mais velho agora com um dos embrulhos apoiado no peito.

Jantados os filhos, ela deitou-se, o cansaço das escadas que limpara de manhã subindo e descendo por todo o corpo. Parcamente se agasalhando, lentamente adormecendo em casa, a cabo-verdiana mais uma vez gemeu, os olhos ao rés-do-chão, a carne molhada e rasa:

— Ai quem me dera em minha casa!

Pedro Alvim

Quanto rende a publicidade feita em suportes especializados? Faça a experiência